

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIS OTÁVIO DIAS

**TV MULTIMÍDIA: UMA TELA DE OPORTUNIDADES PARA A
EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ**

**CURITIBA
2012**

LUIS OTÁVIO DIAS

**TV MULTIMÍDIA: UMA TELA DE OPORTUNIDADES PARA A
EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Cultura, Escola, Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná (UFPR), como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

**CURITIBA
2012**

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Dias, Luis Otávio

TV multimídia: uma tela de oportunidades para a educomunicação nas escolas públicas do Paraná / Luis Otávio Dias. – Curitiba, 2012.

258 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná.

1. Educação – Multimídia – Curitiba (PR). 2. Educação – Mídia digital. 3. Educação – Cultura. 4. Educação – Comunicação.
I. Título.

CDD 371.3078



PARECER

Defesa de Dissertação de **LUIS OTÁVIO DIAS** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, DR^a ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA, DR. LUÍS BUSATTO (via *Skype*) e DR. JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA, arguiram, nesta data, o candidato acima citado, o qual apresentou a seguinte Dissertação: “**TV MULTIMÍDIA: UMA TELA DE OPORTUNIDADES PARA A EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ**”.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que o candidato está apto ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA		Aprovado
DR. LUÍS BUSATTO (VIA SKYPE)		Aprovado
DR. JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA		Aprovado

Curitiba, 27 de março de 2012.

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
Data: 16/03/12

Aos meus pais Maria Josephina Malvestiti e Dayr Dias.
Aos meus irmãos.
A Leandro Donatti.
Pelo apoio e carinho, por sempre estarem ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A realização de um projeto, de um trabalho, seja qual for o caminho que você seguir, está acompanhada, de alguma maneira, por pessoas que apoiam suas escolhas e as desafiam. Nesse percurso, durante a pesquisa de Mestrado, não foi diferente. Tive muita sorte por estar cercado de pessoas especiais.

Profundo agradecimento e afeto a minha orientadora, professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, pelo conhecimento, atenção e principalmente pela confiança que depositou em mim, durante todas as fases da pesquisa acadêmica. Por sempre me incentivar a seguir adiante e por me lançar aos novos desafios.

Foi pelas mãos da professora Rosa Maria que tive o prazer de conhecer em Paris a professora Jacquinet-Delaunay, fonte de inspiração deste estudo e, sem dúvida, uma das maiores pesquisadoras sobre o uso televisão na escola.

Outro fator de estímulo à pesquisa foi o respeito e apreço pela escola pública. Agradeço aos 16 professores das escolas estaduais de Curitiba, que participaram da coleta de dados e que, gentilmente, me receberam nos seus locais de trabalho, sem nenhuma objeção para conceder as entrevistas.

Aos professores da linha de pesquisa Cultura, Escola, Ensino da UFPR, tão compromissados com o ensino e a pesquisa científica. Deixo um forte abraço às professoras Tânia Braga Garcia; Maria Rita de Assis César; Maria Auxiliadora Schmidt (Dolinha). Estendo o mesmo reconhecimento à professora Leilah Bufrem, do departamento de Educação, ao professor Jair Antonio de Oliveira, do departamento de Comunicação, e ao professor Luiz Busato, de Grenoble, na França, que dispensaram atenção especial na avaliação do meu trabalho.

Também contei com a atenção dos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR e com o apoio do Programa na apresentação de artigos em congressos realizados em outras cidades.

Durante o Mestrado, trilhamos caminhos com outros colegas. A eles agradeço de todo o coração, como a colega Elizandra Jackiw, Iris Tomita, Ana Gabriela Borges e Viviane Ongaro. Estendo este afeto aos meus amigos de todas as horas.

Outro apoio importante nessa caminhada foi o do deputado estadual Péricles de Holleben Mello, que me dispensou para as aulas do Mestrado, assim como para viajar aos congressos dos quais participei. Um exemplo, que sempre me incentivou

durante esse período. Do mesmo modo, estendo o meu carinho aos demais colegas de trabalho.

Um agradecimento especial ao jornalista Leandro Donatti pela contribuição singular e o olhar rigoroso sobre o trabalho.

Não tenho palavras para agradecer ao pessoal lá de casa, minha família.

RESUMO

A pesquisa qualitativa investiga um projeto pioneiro e inovador no Brasil. A instalação de televisões com componentes especiais nas salas de aula das escolas públicas estaduais do Paraná, especificamente em escolas do município de Curitiba. A TV Multimídia, ou TV *Pen Drive*, ou TV Laranja, como ficou conhecida faz parte de uma política educacional do governo do Estado, que, em 2007, adquiriu 22 mil televisores e instalou em todas as salas de aula das 2.151 escolas da rede de ensino, nos 399 municípios paranaenses. A TV Multimídia possui entradas para cartão de memória, *pen drive*, DVD, CD e computador. O trabalho buscou nos fundamentos da Educomunicação, de Mídia e Educação e da Cultura da Escola elementos para entender e analisar as mudanças que o equipamento trouxe para a escola e para os professores. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo geral analisar quais os modos de apropriação que os professores fazem da televisão na sala de aula, e, tem como objetivos específicos verificar a adaptabilidade e experiência dos professores frente às mídias digitais, além de identificar os formatos e produção dos conteúdos. Utilizou-se o método da entrevista semiestruturada para a pesquisa de campo com 16 professores que usam frequentemente a TV Multimídia, lotados em escolas de bairros distintos, localizados nos oito setores do Núcleo Regional de Educação de Curitiba. A análise de dados evidenciou pontos-chave sobre a apropriação que os professores fazem da TV Multimídia, como reorganização da preparação das aulas; divisão do tempo entre o ensino pela tevê e o ensino tradicional; incertezas sobre o melhor modelo de conteúdo para incentivar a participação dos alunos e melhorar o aprendizado em sala; criação de um ambiente comunicativo democrático. Também constatou que a escola está aberta ao novo, a novas experiências, que, de uma forma ou outra, causam mudanças da cultura escolar. A pesquisa reuniu resultados que possibilitam considerações sobre todo o processo de instalação da TV Multimídia. As práticas realizadas em sala de aula das escolas de Curitiba se aproximam dos estudos da Educomunicação, mas há uma distância entre esses momentos para que o ideal de ensino seja concretizado. As experiências com a TV Multimídia acontecem ao mesmo tempo em que se tenta, no Brasil, dar uma formação especializada sobre o uso de tecnologias em sala. Os professores curitibanos não puderam esperar por um assessoramento adequado. Frente às incertezas e dúvidas e aos alunos jovens, famintos por uma aula menos tradicional, foram à luta e colocaram a TV Multimídia para funcionar.

Palavras-chave: TV Multimídia. Escola. Educomunicação. Cultura.

ABSTRACT

Qualitative research investigates a pioneering and innovative project in Brazil. The installation of special components with televisions in the classrooms of public schools in Paraná, specifically in schools in the city of Curitiba. The TV Multimedia, Pen Drive or TV, or TV Orange, became known to a part of an educational policy of the state government, which in 2007 acquired 22.000 televisions and installed in all classrooms of the schools in 2.151 education, the state's 399 municipalities. The TV Multimedia has inputs for memory card, pen drive, DVD, CD and computer. The study sought the foundations of Educommunication, Media and Education and the School Culture elements to understand and analyze the changes that the equipment brought to school and teachers. In this sense, the research aims at analyzing which of the modes of appropriation that teachers do television in the classroom, and is aimed at verifying the adaptability and experience of teachers against the digital media, and identify the format and production content used. We used the method of semi-structured interview for field research with 16 teachers who often use the TV Multimedia, crowded schools in different districts located in eight sectors of the Regional Education Center in Curitiba. Data analysis revealed key points about ownership that teachers are doing the TV Multimedia, such as reorganization of preparing lessons; division of time between teaching the traditional education TV, uncertainties about the best content model to encourage the participation of students and enhance learning in the classroom, the creation of a democratic communicative environment. Also found that the school is open to new ideas, new experiences, which in one form or another cause changes in school culture. The survey gathered results that allow consideration of the whole process of installing the TV Multimedia. The practices carried out in classrooms of schools in Curitiba approach the study of Educommunication, but there is a gap between these moments for the ideal of education is realized. The experiences with the TV Multimedia happen at the same time as it tries, in Brazil, giving specialized training on the use of technology in the classroom. Teachers Curitiba, could not wait for an adequate advice. Faced with uncertainties and doubts and young students hungry for a less traditional school, went to fight and put the TV Multimedia to work.

Keywords: Multimedia TV. School. Educommunication. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS.....	66
MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS.....	62
MAPA 2 – LOCALIZAÇÃO DE CURITIBA NO MAPA DO BRASIL.....	118

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – TV MULTIMÍDIA.....	24
FOTOGRAFIA 2 – SALA DE AULA.....	29
FOTOGRAFIA 3 – APRESENTAÇÃO DE TRABALHO PELOS ALUNOS.....	81
FOTOGRAFIA 4 - APRESENTAÇÃO DE TRABALHO PELOS ALUNOS.....	81

LISTA DE SIGLAS

- CAUTEC – Coordenação de Apoio ao Uso de Tecnologias
- CRTE - Coordenação Regional de Tecnologia na Educação
- DITEC - Diretoria de Tecnologias Educacionais
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases
- NCE-USP - Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo
- PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- SEED - Secretaria de Estado da Educação
- TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação
- UFPR - Universidade Federal do Paraná
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: “A MISSÃO”	12
1.1 OS SIGNIFICADOS DA TELEVISÃO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIA MARLY-LE-ROI.....	17
2 POR DENTRO DA TV MULTIMÍDIA	22
2.1 PORTAL DIA A DIA.....	25
2.2 Quem pensa a TV Multimídia.....	27
3 EDUCOMUNICAÇÃO: CONSOLIDAÇÃO DE UMA NOVA ÁREA DO CONHECIMENTO	29
4 MEDIAÇÕES, LINGUAGENS E AMBIENTES COMUNICATIVOS	37
4.1 OUTROS MODOS DE APRENDER COM AS LINGUAGENS TELEVISIVAS....	45
5 TV MULTIMÍDIA E A CULTURA DA ESCOLA	49
5.1 REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS.....	54
5.2 Outros números da TV Multimídia.....	57
6 CONECTANDO O <i>PEN DRIVE</i> NA TV MULTIMÍDIA: A METODOLOGIA E A ANÁLISE DE DADOS	59
6.1 O CAMPO DA PESQUISA.....	60
6.2 A observação <i>in loco</i>	63
6.3 Análise de dados.....	64
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	101

*Não adianta colocar a expectativa na tecnologia se você não faz um bom uso dela.
Ela deve ser complementar e não o cerne da questão.*

P3, 26 anos, Setor Santa Felicidade

Teve um aluno que chegou e falou, olha professora vamos começar a colocar na internet as nossas aulas, os vídeos que a senhora passa.

P5, 53 anos, Setor Centro

E a vantagem da tevê é porque ela integra várias funções num só aparelho, você trabalha uma música, um vídeo, uma imagem, enfim, não precisa ficar carregando os materiais, por exemplo, o som, pra levar pra sala.

P8, 26 anos, Setor Boa Vista

Eu acho que as transformações são muito rápidas e, num prazo de duas décadas no máximo, a escola que não estiver inserida nas questões tecnológicas, vai estar defasada.

P11, 35 anos, Setor Boa Vista

Não só comigo, mas acho que todos os colegas ficaram com a expectativa de como seria o funcionamento da tevê, por ser um equipamento novo, como poderia ajudar em sala de aula, como seria utilizado o pen drive, que na época (2007) tudo era bem novo.

P12 , 38 anos, Setor Portão

A tevê está inserida no meio de convívio, porém ainda é pouco utilizada, mas o futuro tecnológico esta próximo, quanto maior a resistência pior será.

P13, 27 anos, Setor Bairro Novo

*Não podemos esquecer que o aluno sempre está teclando com um equipamento na mão e nós com o quadro, o giz e o livro,
não ia sobrar aluno em sala de aula.*

P16, 46 anos, Setor Boqueirão

1 INTRODUÇÃO: “A MISSÃO”

Um dos principais objetos de uma política pública educacional do Estado do Paraná, a TV Multimídia, ou TV *Pen Drive*, ou TV Laranja, como ficou conhecida, faz parte de um projeto pioneiro e inovador no Brasil. Em 2007, o então Governo Roberto Requião, do PMDB, comprou 22 mil tevês para serem instaladas em todas as salas de aula das 2.151 escolas da rede estadual de ensino, nos 399 municípios paranaenses.

As nomenclaturas que o equipamento recebeu se devem pelas especificações diferenciadas da tevê que conhecemos. Além das funções de uma tevê comum, com entradas para DVD e saídas para caixas de som, a TV Multimídia possui entradas para cartão de memória, como as de máquinas fotográficas e filmadoras digitais, e para *pen drive*, dispositivo de armazenar arquivos.

Em um primeiro momento, a política do governo do Paraná chama atenção pelos números. Mas há outra questão por trás dessa iniciativa, que é ainda mais estrutural: a inserção de novas tecnologias de informação e comunicação na educação pública. Isso mostra que governos começam a pensar cada vez mais em políticas de inclusão digital nos seus modelos de gestão.

A TV Multimídia faz parte de uma das ações do governo estadual que visa integrar as mídias (impressa, televisiva e internet) na produção de conteúdos educacionais e promover o contato de professores e alunos com diferentes linguagens.

Lembro que, na época, o governador Roberto Requião (PMDB)¹ fez uma ampla campanha, divulgando a aquisição das tevês na imprensa.

O meu acesso às primeiras informações sobre a TV Multimídia se deu exatamente pelos veículos de comunicação em todas as suas esferas: impresso, televisivo, radiofônico e por *websites*, na internet.

Como jornalista, também tive a oportunidade de acompanhar uma apresentação da TV Multimídia a um grupo de autoridades políticas, promovida pela Secretaria de Estado da Educação.

¹ Governador do Estado do Paraná, reeleito para o segundo mandato (2007-2010). Em 2010, concorreu a uma vaga de Senador da República e foi eleito para um mandato de oito anos (2011-2018).

As escolas estaduais começaram a receber os aparelhos de televisão a partir do segundo semestre de 2007. A entrega foi gradativa, até que todas as instituições estivessem com os seus equipamentos instalados nas salas de aula.

A partir dessa realidade é que surgiu o meu interesse em pesquisar a utilização da TV Multimídia, pelo professor, em sala de aula. Outro fator que se coloca frente a essa realidade é o ineditismo do processo de implantação dessa nova tecnologia e o fato de que o espaço de mediação se dá no ambiente da escola pública.

Dessa forma, encontrei, na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), aproximações com o tema. A pesquisa sobre a TV Multimídia se iniciou antes mesmo de eu ingressar como aluno regular do Mestrado. Em 2009, fui aluno ouvinte na disciplina “Comunicação e Educação Escolar: Pressupostos Teóricos”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. Nesse período, pude avançar com os estudos em alguns aspectos, como definir, de forma mais amadurecida, os objetivos e a pensar parte da metodologia de pesquisa.

Nesse momento, pude conhecer a política de inclusão digital nas escolas pelo governo do Paraná e a própria TV Multimídia, mais de perto. Acompanhado da colega de sala, Elizandra Jackiw², realizei uma visita técnica à Diretoria de Tecnologias Educacionais (Ditec), vinculada à Secretaria de Estado da Educação, no dia 28 de julho de 2009, para a realização de uma entrevista com assessores da área.

Foi possível perceber que a TV Multimídia configura-se como ferramenta de apoio ao ensino e como objeto de estudo sobre novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), assim como o computador, a internet e a, mais recentemente, a lousa digital³, por exemplo.

É importante ressaltar que a escola não se opôs a enfrentar essa nova experiência, de juntar ao *layout* permanente da sala de aula uma televisão, compondo o cenário com o quadro, o giz, as carteiras, o livro didático.

² Pedagoga que desenvolveu pesquisa sobre a TV Multimídia no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (2009/2010). Tivemos a oportunidade de trabalhar em conjunto em alguns momentos, sempre preservando as especificidades do trabalho de cada um. Jackiw defendeu sua dissertação em 28 de março de 2011 sob o título: TV Multimídia: pesquisando e gravando conteúdos no *pen drive* - possibilidades e desafios.

³ Tecnologia que utiliza um *notebook*, projetor, *tablet* e caneta eletrônica que permitem ao professor projetar, em qualquer superfície plana, as aulas programadas no computador.

A realidade da escola sobre o uso da televisão era outra. Os professores disputavam o único aparelho de tevê, que, geralmente, tinha disponível, para utilizá-lo em sala de aula.

Voltando mais um pouco ainda no tempo, lembro da primeira vez que tive essa experiência na escola de utilização da tevê como suporte para reforçar o aprendizado do conteúdo de uma disciplina.

Em 1987, o meu professor de História da 8ª série do Ensino Fundamental trouxe uma fita VHS para assistirmos ao filme *A Missão*⁴. Como não tinha tevê na escola, fomos à casa de uma aluna da nossa turma que tinha um aparelho de vídeo-cassete.

A iniciativa do professor, naquela época, se repete, agora, de forma casual com as TVs Multimídias, considerando a evolução tecnológica dos últimos 20 anos.

Ao olhar para essa experiência do professor de História, há 24 anos, e analisar a prática dos professores que utilizam a TV Multimídia em sala de aula, hoje, é possível identificar aproximações com o que propõem os estudos relacionados à Educomunicação: construir um ambiente comunicativo na escola por meio de práticas pedagógicas.

Este conceito vem de Ismar de Oliveira Soares, coordenador e fundador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP). Soares esteve à frente de um trabalho que analisou dados de uma amostragem de especialistas e pesquisadores da América Latina que se dedicaram a estudar Comunicação Educativa e Educação para os Meios de Comunicação.

De acordo com Soares (1999), o objetivo da pesquisa foi:

Identificar como se estabelecem, no mundo contemporâneo, espaços transdisciplinares próprios das atividades do saber. No caso específico, espaços que aproximam, tanto de forma teórica quanto programática, os tradicionais campos da Educação e da Comunicação. A pesquisa partiu da evidência de que transformações profundas vêm ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, levando à eliminação de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificações. (SOARES, 1999, p. 20).

⁴ Filme inglês de 1986, dirigido por Roland Joffé e escrito por Robert Bolt. Baseado em fatos reais, o filme se passa no século XVIII e conta a história de um missionário jesuíta na América do Sul, na região em torno do que é hoje a tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, disputada por portugueses e espanhóis, palco das "Guerras Guaraníticas". O filme mostra a formação e a destruição das grandes missões dos jesuítas na década de 1750. Fazem parte do elenco nomes conhecidos do cinema americano como Jeremy Irons, Robert De Niro, Aidan Quinn, Cherie Lunghi e Ray McAnally. Na época, o filme foi muito comentado no Brasil, por ter cenas rodadas na Argentina, na região próxima às Cataratas do Iguçu.

O processo em que se deu a instalação da TV Multimídia nas escolas possibilita abordagens em diferentes áreas do conhecimento, levando em conta a sua multidisciplinaridade. Cabe ressaltar, aqui, as abordagens comunicativas que refletem a apropriação que o professor faz da tevê na sala de aula e as linguagens que se apresentam nesse processo.

Citelli (2004) fala da necessidade em entender os espaços e o diálogo que se estabelecem com os veículos de comunicação. O autor, que se dedica a estudar a entrada de mecanismos de comunicação na escola, evidencia uma concepção desse cenário ao ressaltar que deve ser considerado o papel do emissor, do receptor e dos meios, para compreender como os veículos de comunicação fazem circular seus discursos. “É necessário, portanto, compreender melhor o funcionamento dos mediadores e seus campos referenciais para se considerar o possível nível dialógico que eles podem estabelecer com os veículos de comunicação.” (CITELLI, 2004, p. 82)

Segundo Citelli,

A escola está pensada, assim, como espaço mediativo cada vez mais cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamentos que marcam o mundo contemporâneo. (CITELLI, 2004, p. 83)

Buscou-se construir uma fundamentação teórica que concentrou estudos e aspectos que relacionam a Comunicação e a Educação. E, assim, contribuir e orientar na definição de políticas educacionais nesta área, de forma a potencializar o uso de recursos tecnológicos, como o da TV Multimídia.

Os objetivos propostos por este trabalho se depararam principalmente com a figura do professor, que tem total autonomia na preparação das suas aulas com a TV Multimídia. Os resultados da aplicabilidade da tevê em sala de aula, ressalvadas algumas questões de ordem técnica, estão diretamente relacionados com o papel que o professor ocupa em todo esse processo, de promover, de forma democrática, a interação entre a Educação e a Comunicação.

Esse foi um dos motivos de se optar por uma metodologia de pesquisa qualitativa que me aproximasse do professor para conhecer suas práticas pedagógicas a partir da tevê. Mesmo os professores não estando familiarizados com os estudos envolvendo essa nova área do conhecimento, surgem evidências de que

eles estão ocupando o espaço da sala de aula para promover uma interatividade comunicativa no ambiente escolar.

Para sistematizar e identificar essas práticas, a pesquisa **“TV Multimídia: uma tela de oportunidades para a Educomunicação nas escolas públicas do Paraná”** tem como objetivo geral analisar quais os modos de apropriação que os professores fazem da televisão na sala de aula. Nesse processo, os objetivos específicos buscam verificar a adaptabilidade e experiência dos professores frente às mídias digitais e identificar quais os formatos e produção dos conteúdos utilizados.

Importante sinalizar que a seleção bibliográfica não cessa os estudos que circundam o objeto, mas centraliza conceitos e perspectivas relacionados com áreas do conhecimento afins.

Este trabalho está organizado em sete capítulos, a começar pela introdução com a apresentação da política educacional do governo do Paraná, que levou a definição do objeto da pesquisa. Também busca situar a escola como espaço de novos saberes, ao estreitar a relação dos campos da Educação e da Comunicação.

O capítulo dois discorre sobre os aspectos técnicos da TV Multimídia passando pela estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Educação responsável pela operacionalização e assessoramento do equipamento.

Em seguida, o capítulo três concentra os conceitos da Educomunicação, sobre a expansão dessa nova área do conhecimento no Brasil.

O capítulo quatro faz uma análise do papel da escola como mediadora de processos de transformação do ensino, como a inclusão de novas tecnologias em sala e as novas linguagens que auxiliam na aprendizagem dos alunos.

Em seguida, o capítulo cinco traz conceitos sobre a cultura da escola, elemento-chave da pesquisa. A TV Multimídia deve estar inserida no debate sobre a cultura da escola e as mudanças e resistências do modelo de ensino.

A metodologia da pesquisa e a análise dos dados aparecem em seguida, no capítulo seis. Compõem este capítulo dados coletados com a equipe responsável pela operacionalização da TV Multimídia, por meio de entrevista feita com assessores da Ditec. Também apresenta resultados de entrevistas realizadas com professores usuários frequentes da TV Multimídia em sala de aula. Esses materiais são apresentados e analisados buscando responder a questão sobre a apropriação da tevê pelos professores, de forma a contribuir com o ensino e a aprendizagem.

O capítulo sete apresenta as considerações finais do trabalho. Com base nos relatos dos professores e com o apoio das referências, de pesquisadores, alguns caminhos para a Educomunicação no Paraná podem ser definidos.

1.1 OS SIGNIFICADOS DA TELEVISÃO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIA MARLY-LE-ROI

A TV Multimídia produz uma forma de comunicação com especificidades intrínsecas às técnicas de utilização do equipamento. Apesar de ser um aparelho de televisão como a da nossa casa, o que passa pela tela da TV Multimídia vem do material que o professor prepara para auxiliá-lo durante a aula. A TV Multimídia também pode se conectar a um computador, acessando as funções de entrada de dados nos formatos de imagem, som e áudio.

Os professores participantes desta pesquisa sentiram que a capacitação técnica para operar a tevê não foi suficiente. Mesmo assim, não se intimidaram e seguiram em frente. Muitos buscaram uma especialização sobre uso de tecnologias na educação para se adequarem a plataformas de ensino como a TV Multimídia.

As funcionalidades e os benefícios da televisão para a educação são debatidos por estudiosos do Brasil, além de contar com estudos de especialistas de outros países.

Geneviève Jacquinot-Delaunay⁵, estudiosa e pesquisadora francesa, relata em uma de suas obras, *La escuela frente a las pantallas*, em tradução livre para o português - *A escola frente às telas* -, um projeto de Educomunicação na escola de ensino secundário Marly-le-Roi, em Paris, entre 1967 e 1979.

De modo geral, tratava-se de um circuito de tevê fechado, a cabo, montado no 'coração' da escola e disponibilizado a seis salas de aula da sexta série (equiparando ao ensino fundamental do Brasil), capaz de interagir com o professor e aluno em tempo real. As produções dos programas eram feitas pelos próprios

⁵ Professora emérita em Ciências da Educação, especialista em Mídia, Educação e Formação; e ex-vice-presidente da Universidade Paris VIII, titular da Cátedra da Unesco de Formação a Distância e chefe de redação da Revista *Média Morphoses*, editada pelo Instituto Nacional do Audiovisual e por A. Colin.

professores e ao aluno era dada a oportunidade de participar como receptor e co-autor da produção, já que alguns trabalhos feitos por eles eram apresentados pelo professor, por meio do sistema de tevê.

A experiência francesa serve como fonte de pesquisa para a proposta que se apresenta com as TVs Multimídias nas escolas do Paraná. Jacquinot-Delaunay enfatiza a participação do professor como peça fundamental do processo, ainda que o foco principal fosse o aluno. Inclusive, o interesse no aluno foi o motivo principal que fez a pesquisadora se dedicar à pesquisa na área da comunicação em benefício da educação. (DALLA COSTA, 2007).

A ideia de que o aluno é o foco principal de ações que envolvem novas tecnologias na escola também é defendida por Wolton (2006), ao afirmar que “é preciso saber se o outro está ouvindo e se está interessado no que eu digo. E se responder, isto é, se por sua vez se expressar, será que eu estou pronto para ouvi-lo?” (WOLTON, 2006, p.14).

Para Jacquinot-Delaunay (1985), “a televisão sempre é educativa, ainda que seja de uma maneira que escape à pedagogia”⁶. A pesquisadora defende a presença da tevê na escola e sinaliza que as principais características das tecnologias de informação e comunicação são o acesso direto e rápido a uma grande quantidade de dados; a mistura e manipulação de novas possibilidades de articulação; a simulação de situações do mundo real mediante mundos virtuais ou realidades virtuais; e a interatividade. “A interatividade atenua a separação clássica entre a postura do autor e aquela do leitor, e o utilizador pode ser sucessivamente emissor e receptor, aquele que produz e que reage.” (JACQUINOT-DELAUNAY, 2008, p. 274).

As pesquisas sobre o uso educativo dos meios também recebem a contribuição de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, ao apresentar relatos de estudos na escola com foco nas relações entre educação e comunicação. Dalla Costa (2008) acrescenta que:

De uma maneira geral, a grande questão que se coloca é a de analisar como a escola (professores e alunos) está lidando com a presença hegemônica dos meios de comunicação de massa na sociedade brasileira e de que maneira essa presença se manifesta nas suas práticas cotidianas e

⁶Tradução livre dos autores para “la televisión siempre es educativa, aunque lo sea de una manera que escape à pedagogia” (JACQUINOT, 1985, p. 10)

interfere ou não no processo de ensino e aprendizagem. (DALLA COSTA, 2008, p. 110).

Wolton reforça que o papel da tevê na escola vai além da simples transmissão da mensagem ao concluir que

Somente a transmissão não basta; é preciso frequentemente negociar. Assim, no campo da educação, é preciso transmitir os conhecimentos, mas em relação ao passado estamos muito mais sensíveis às condições da recepção. O ensino sempre esteve relacionado à pedagogia e à didática, mas, hoje, os professores estão muito mais atentos às condições da recepção. Há evidentemente um anacronismo em censurar o mundo escolar por não ser moderno: ensino sempre foi comunicar, isto é, pensar nas modalidades que permitem ao receptor, o aluno, compreender aquilo que lhe é dito, e ao professor, por sua vez, levar em conta as reações de seu aluno. (WOLTON, 2006, p. 29-30)

Ações similares como as do Paraná tiveram e ainda têm espaço na França, como explica Jacquinot-Delaunay.⁷ Um dado apontado pela pesquisadora francesa deve ser levado em conta para que o processo nas escolas paranaenses tenha sucesso. Jacquinot diz que o maior problema com projetos como esse é que se dá muita importância para o material (no nosso exemplo, as TVs Multimídias) enquanto se faz necessário, mas não o suficiente para torná-lo duradouro.

Segundo ela, “o importante é a reflexão pedagógica e a formação dos professores, a tomada em conta de consequências na organização da sala de aula e do estabelecimento de ensino e as evoluções da concepção de ensino e de aprendizagem e assim, por consequência, da avaliação”⁸. Ela também revela uma preocupação frequente na França com os projetos chamados por eles de “operação-vitrine” para que os programas implementados pelos governos não sejam meramente manobras políticas.

Jacquinot-Delaunay ressalta que há uma diferença fundamental no projeto implantado na escola francesa com o programa similar do Paraná, e que serve, para nós, como dica para evitar frustrações. Ela explica que, na proposta de Marly-le-Roi, havia um processo que se desenvolveu por um tempo (1967 a 1979), por uma equipe que definiu uma estratégia global, baseada sobre certa concepção de ensino/aprendizagem.

⁷JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. **Les réponses aux questions**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fototavio@yahoo.com.br> em 30 de maio de 2009.

⁸JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. **Les réponses aux questions**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fototavio@yahoo.com.br> em 30 de maio de 2009.

No Paraná, o projeto do governo estadual, ao instalar as televisões na sala de aula, ocorreu de forma verticalizada, compartilhando os objetivos da proposta com os professores ao mesmo tempo em que conheciam o equipamento. As entrevistas concedidas pelos professores que utilizam a tevê frequentemente confirmam esse momento de chegada das tevês na escola. Muitos professores souberam da aquisição das TVs Multimídias pela imprensa ou por informações da direção da própria escola.

Eu fiz o concurso em 2007 e quando eu assumi, em abril do ano passado (em 2010), já existiam as tevês. Então, quando eu cheguei no Estado já existiam essas tevês (as TVs Multimídias) funcionando perfeitamente “entre aspas”, mas já estavam em sala de aula. Quando eu cheguei já tinha, estava tudo ali bonitinho. (ENTREVISTA P3, 2011)

Como eu estava na direção, na época, tivemos uma reunião com a chefe de setor, avisando que as tevês vinham até a escola. Elas demoraram um pouco do prazo que foi avisado pra gente, inclusive nós não recebemos todas as tevês (as televisões começaram a ser entregues a partir do segundo semestre de 2007). Temos 12 salas e vieram sete tevês. Aí começamos a procurar onde estavam as outras tevês que não tinham vindo. Descobrimos que estavam aqui no Paula Gomes (Colégio Estadual Paula Gomes, no bairro Santa Quitéria vizinho à escola) e teve todo um processo para trazer essas tevês pra cá. (ENTREVISTA P2, 2011)

A partir da instalação das tevês os assessores começaram a trabalhar com os professores. Primeiro veio o Paraná Digital, os computadores, os laboratórios, e depois a televisão. Alguns professores já começaram a trabalhar essa ambientação no Paraná Digital, nos laboratórios, depois, quando veio a tevê, foi um outro passo. (ENTREVISTA ASSESSOR 1, 2009)

Jacquinet-Delaunay também observa que não deve se esquivar frente a novas realidades que envolvem inclusão de novas tecnologias na escola. Ela diz que é preciso haver uma formação diferente para os professores e que eles precisam ser mais flexíveis, disponíveis e abertos a um ambiente tecnológico, o qual devem administrar tanto no plano técnico como no dos usos. “É necessário que compreendam que não se podem dissociar o fenômeno midiático do conjunto do processo de desenvolvimento social” (JACQUINOT-DELAUNAY in DALLA COSTA, 2007, p. 79). E deixa um aviso aos antigos professores: que admitam essa conversão, senão terão que se aposentar. Afirma ainda que uma ação educativa e de formação não deve ser pensada apenas através dos conteúdos disciplinares, mas inserida em um sistema no qual não se pode modificar um elemento sem que isso implique modificações em todo o conjunto.

A TV Multimídia modificou todo o conjunto de se pensar uma educação pública voltada ao futuro das novas gerações, que chegam à escola cada vez mais conectadas ao mundo digital.

2 POR DENTRO DA TV MULTIMÍDIA

Falar da TV Multimídia é como contar mais um capítulo da história da televisão no Brasil. A proposta desta seção é descrever todo o processo que fez com que as salas de aula das escolas estaduais do Paraná ganhassem, a partir do segundo semestre de 2007, um aparelho de televisão com características especiais, como possuir dispositivo de entrada para ler arquivos direto de um *pen drive*, por exemplo. Pelo seu ineditismo, esse equipamento recebeu nomes diferentes pela própria classe de professores, funcionários das escolas e até dos alunos. Começou com TV *Pen Drive*, depois foi chamada de TV Laranja e por TV Multimídia, que ficou sendo o nome mais usual utilizado pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), em materiais impressos, como manuais, *folders* ou *banners*, e no portal Dia a Dia Educação⁹.

Assessores da Diretoria de Tecnologias Educacionais (Ditec), órgão vinculado à SEED, responsável pelo planejamento, desenvolvimento e avaliação dos processos de tecnologias de informação e comunicação na educação básica do Paraná, ajudaram a responder o que é a TV Multimídia e como foi pensada a política educacional do governo do Paraná. Em 2009, foi feita uma visita à sede da Ditec, em Curitiba, e realizadas entrevistas com o assistente e assessores pedagógicos que trabalham em áreas relacionadas com a TV Multimídia.

A TV Multimídia faz parte do projeto do governo do Estado chamado BRA 03/036 - “Educação Básica e Inclusão Digital no Estado do Paraná”, que tem como objetivo o acesso às tecnologias da informação e comunicação em todas as escolas do ensino básico. A tevê não é um produto único da SEED, ela faz parte de um projeto maior do governo em criar programas voltados à inclusão digital nas escolas. Além da TV Multimídia, a Ditec também é responsável pelo Paraná Digital, que leva laboratórios de informática e internet banda larga nas escolas estaduais, e pelo portal Dia a Dia Educação, um endereço na internet que concentra todas as ações da SEED no Estado. A pasta também idealizou a TV Paulo Freire, que produz e veicula conteúdos digitais educacionais destinados à formação do professor;

⁹ Site da Secretaria de Estado da Educação (SEED) acessado em www.diaadiaeducacao.pr.gov.br

informativo; conteúdos complementares ao currículo escolar; campanha de mobilização; e enfoque regional. (SEED, 2011, ON-LINE).

A tecnologia utilizada na TV Multimídia não foi encomendada pela SEED. O projeto foi pensado sobre o que já existia no mercado e adaptado para a televisão.

Essa tecnologia já existe em outros equipamentos como o DVD. Antigamente eu mesmo usava. Quando faltava um projetor e ia dar aula, eu salvava meus *slides* como imagem num CD e usava no DVD. Não é uma tecnologia que foi encomendada pela Secretaria. Essa questão também de ter uma televisão com USB e entrada de cartão de memória também não é uma coisa que não existia. Ela já existia em aparelhos mais caros, como as tevês de plasma ou com tela de cristal líquido, as LCDs (*Liquid Crystal Display*) que são aparelhos maiores e mais caros. Nesse tipo de tevê, que a SEED encomendou, de tudo de imagem, como as comuns de casa, pelo preço que foi pago, não existia. E aí a gente solicitou essa tecnologia via licitação pra ver quem conseguiria entregar pelo menor preço. (ENTREVISTA ASSISTENTE, 2009)

Em 2007, quando os aparelhos começaram a chegar às escolas, o Governo Requião enfrentou críticas de deputados estaduais de partidos da oposição, que questionaram o valor pago pelo aparelho. Os deputados alegaram que o valor de R\$ 860 pagos pela TV Multimídia era superior ao valor de mercado. O assistente da SEED rebate as críticas e explica o que foi levado em conta para chegar ao valor fechado pela licitação de compra dos equipamentos.

Esse aparelho pro Estado custou em torno de R\$ 860¹⁰, em 2007. Foi e é alvo de críticas, porque o preço era muito elevado para a época, porque uma tevê de 29 polegadas custava em volta de R\$ 690, se você comprar numa loja. Só que era uma tevê comum que não tinha nada disso que eu estou falando pra vocês. Hoje (julho/2009), o Estado da Bahia está comprando o mesmo aparelho, idêntico, a única coisa que muda é que ele é azul, e está pagando por volta de R\$ 1.200¹¹ por aparelho. (ENTREVISTA ASSISTENTE, 2009)

O aparelho da TV Multimídia tem uma estrutura muito parecida com a tevê comum, salvo alguns aspectos especiais, feitos sob encomenda a pedido da SEED. É um televisor de 29 polegadas, com tela plana. A parte externa é de cor laranja (por isso o nome dado por alguns, de TV Laranja), com dispositivos capazes de ler arquivos de áudio, vídeo, imagens, em diferentes formatos como formatos (MP3¹²,

¹⁰ Esse valor representa aproximadamente 457 dólares americanos, considerando a cotação média da época de R\$1,88 para cada US\$ 1.

¹¹ Aproximadamente US\$ 600,00, considerando a cotação R\$ 2,00 para cada US\$ 1, na época.

¹² Também chamado de MPEG1 Layer 3, é um formato que permite armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, mantendo a qualidade do som.

WMA¹³, JPEG¹⁴, MPEG1¹⁵, MPEG2¹⁶, DIVX¹⁷). Além de entrada para dispositivos USB¹⁸, leitor de cartões de memória, DVD¹⁹ e CD²⁰, como demonstra a fotografia a seguir.



FOTOGRAFIA 1 – MODELO DA TV MULTIMÍDIA
Crédito: Secretaria Estadual de Comunicação Social

Além disso, recebe o sinal dos canais abertos de televisão e, por meio de um receptor de sinal, recebe a programação da TV Paulo Freire²¹.

¹³ O formato WMA (Windows Media Áudio) também é usado para armazenar música. É altamente comprimido, permite um ótimo som com baixas taxas de compressão para que o *download* de arquivos seja feito na metade do tempo e ocupe a metade do espaço.

¹⁴ O formato WMA (Windows Media Áudio) também é usado para armazenar música. É altamente comprimido, permite um ótimo som com baixas taxas de compressão para que o *download* de arquivos seja feito na metade do tempo e ocupe a metade do espaço.

¹⁵ É um padrão para a compressão de vídeos e os canais áudio associados numa qualidade próxima dos cassetes VHS sobre um apoio CD chamado VCD (Vídeo CD).

¹⁶ É um padrão dedicado originalmente à televisão numérica (HDTV) que oferece uma qualidade elevada a um débito que pode ir até a 40 Mbps, e 5 canais áudio *surround*. O MPEG-2 permite mais de uma identificação e uma proteção contra a pirataria. Trata-se do formato utilizado pelos DVD vídeos.

¹⁷ O DivX foi produzido para ser usado em compactação de vídeo digital, deixando os vídeos com qualidade, apesar da alta compactação, utilizada para ocupar menos espaço no disco rígido.

¹⁸ Universal Serial Bus (USB) é um tipo de tecnologia que permite a conexão de aparelhos periféricos sem a necessidade de desligar o computador.

¹⁹ Abreviação de Digital Video Disc ou Digital Versatile Disc, em português, Disco Digital de Vídeo ou Disco Digital Versátil. Contém informações digitais, tendo uma maior capacidade de armazenamento que o CD, devido a uma tecnologia óptica superior, além de padrões melhorados de compressão de dados.

²⁰ Abreviação de Compact Disc, "disco compacto" em inglês, é um dos mais populares meios de armazenamento de dados digitais, principalmente de música comercializada e softwares de computador, caso em que o CD recebe o nome de CD-ROM. A tecnologia utilizada nos CD é semelhante à dos DVD.

²¹ Embora seja citado oficialmente como complemento do processo, o conteúdo da TV Paulo Freire, raramente é acessado pelos professores por meio da TV Multimídia. Na aplicabilidade do dia a dia, a TV Multimídia e a TV Paulo Freire não caminham lado a lado. O que se verifica pela pesquisa é que uma não está atrelada à outra. O que se tem de fato é que parte dos conteúdos da TV Paulo Freire

Ao ligar a TV Multimídia, aparece uma tela inicial que identifica o aparelho como patrimônio do Estado. Cada aparelho veio acompanhado de dois controles remotos e um suporte especial, para fixar a tevê na parede. É pelo controle remoto que o professor acessa todas as funções da televisão. A SEED também distribuiu um *pen drive* de 2 GB para cada professor.

Na entrega dos televisores, os professores receberam uma capacitação da SEED, feita por profissionais da Coordenação Regional de Tecnologia na Educação (CRTE), que mantém assessores pedagógicos nos 32 Núcleos Regionais de Educação pelos municípios-chave²² do Estado. Cada coordenador, que tem formação de professor, é responsável em prestar a assessoria sobre a utilização do equipamento, para dez escolas. Essa logística de atendimento continua ativa. Esse profissional explica desde a operação técnica de como acessar as funções do controle remoto, de salvar arquivos no *pen drive*, ensinar a converter arquivos para as extensões compatíveis com a TV Multimídia ou a capturar arquivos na internet. O departamento, dentro da Ditec, responsável por essa função é a Assessoria Pedagógica da Coordenação de Apoio ao Uso de Tecnologias (Cautec).

Cada assessor é um professor. Cada Núcleo de Educação tem uma CRTE. Cada assessor tem uma média de dez escolas que ele atende. Três vezes por semana ele vai fazer atendimento na escola. Não quer dizer que ele vai três vezes por semana na mesma escola, mas pelo menos uma vez por mês ele vai passar na escola que é de responsabilidade dele, pra fazer esse trabalho com o professor. E ele vai em horários alternados, de manhã, à tarde, pra tentar pegar o maior número de professores, nem sempre no mesmo dia da semana. Essa é nossa metodologia de trabalho. (ENTREVISTA ASSESSOR 1, 2009)

2.1 PORTAL DIA A DIA

A SEED construiu um ambiente na internet exclusivo para dar suporte ao uso da TV Multimídia. O portal Dia a Dia Educação, que concentra todas as atividades da SEED no Estado e oferece informações aos professores, alunos e comunidade em geral, também disponibiliza uma área especial para a tevê. O professor pode acessar diretamente a área reservada à tevê pelo endereço

pode ser acessada pelo Portal Dia a Dia Educação na seção da TV Multimídia. No capítulo de análise de dados os professores relatam essa dissociação entre os dois projetos.

²² Municípios que ficam responsáveis pelas ações educacionais da Secretaria em uma determinada região do Estado.

<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/>. Essa área consiste em orientar e ofertar conteúdos digitalizados para o professor gravar no *pen drive* e passar na tevê. Ao entrar no portal, o professor encontra um breve histórico sobre o projeto e objetivos do Estado sobre a TV Multimídia. Ao lado esquerdo da página há uma seção com os seguintes módulos: Imagens, Sons, Vídeos, O diretor sou eu! - Filmes, Trechos de Filmes, Pesquisar por Disciplina e Programas da TV Paulo Freire. Essas são as áreas de armazenamento de arquivos criados especialmente para a TV Multimídia.

A Assessoria Pedagógica do portal Dia a Dia Educação é a equipe responsável em manter o banco de dados atualizado.

A gente tem uma equipe disciplinar, com um professor de cada disciplina que faz a seleção do material. Então o que a gente leva em consideração? Se os materiais estão de acordo com as diretrizes curriculares, se são relevantes para a sala de aula, se vão ser úteis lá. Na verdade, os critérios são sempre esses. Se é um material que está livre, porque a gente não disponibiliza material que tem o *copyright*, que detém direitos autorais. A gente seleciona material que seja de uso livre. Cada disciplina tem uma pessoa que faz essa seleção. Todos são professores de sala de aula que saíram e estão prestando serviço aqui. E todo o material, que é produzido por eles tem que ser um material compatível com a tevê, só para o professor copiar, convertido. (ENTREVISTA ASSESSOR 2, 2009)

Os arquivos estão divididos por áreas de interesse. No ícone “Pesquisa por disciplina”, por exemplo, o professor encontra material de Língua Portuguesa, Artes, Geografia, Ensino Religioso, História, Química, Filosofia, entre outras. Ao todo, são mais de 16 mil²³ arquivos entre sons, imagens e vídeos. O professor ainda pode selecionar trechos de filmes, também relacionados às disciplinas.

A interface com o professor pelo portal ainda conta com orientações de como utilizar a TV Multimídia nas seções: Aprenda a utilizar o seu *pen drive*; Aprenda a gravar vídeos no seu *pen drive*; Assista ao vídeo do tutorial; e Manual da TV Multimídia.

Cada escola recebeu o manual disponível na internet em forma de material impresso editado pela SEED. São 98 páginas ilustradas com um passo a passo de como pesquisar e gravar arquivos no *pen drive* e utilizá-lo na TV Multimídia.

O objetivo principal é trazer a tecnologia, os recursos, que estão disponíveis nos laboratórios de informática que já estavam implantados nessa época, pra dentro da sala de aula. Então o professor pode ir acessar o laboratório

²³ Acessado em 04/05/2011

com acesso à internet na Paraná Digital, selecionar os recursos que ele quer usar na aula, que lá ele tem um aparelho disponível. Ele salva os arquivos no seu *pen drive* no laboratório e traz para a sala de aula. Uma maneira que a Secretaria encontrou de deixar a tecnologia mais próxima ainda do aluno e do professor também. (ENTREVISTA ASSISTENTE, 2009)

A Ditec é que presta assistência pedagógica para a TV Multimídia. Os conteúdos no portal são atualizados diariamente.

A manutenção técnica das tevês, quando apresentam algum defeito, foi feita pela empresa que forneceu os equipamentos, durante o período da garantia de três anos. Agora, já fora da garantia, são as próprias escolas que ficam responsáveis em providenciar o conserto com recursos do Fundo Rotativo da instituição.

O projeto da TV Multimídia, pioneiro no Paraná, chamou a atenção de outras Secretarias Estaduais de Educação. Bahia, Santa Catarina, Espírito Santo, Roraima, Sergipe e o Distrito Federal implantaram projetos semelhantes.

2.2 Quem pensa a TV Multimídia

A Ditec se subdivide em áreas técnicas diversas, responsáveis pela operacionalização, acompanhamento e alimentação dos dados no portal Dia a Dia Educação. Trata-se de uma equipe, cada qual com seu setor, que trabalha interligada com o objetivo de não fazer o projeto parar. Conhecer de perto essa estrutura, por meio de uma visita realizada em 2009 à sede da Ditec, em Curitiba, foi o pontapé inicial deste trabalho, momento indispensável para que houvesse uma aproximação com pretensões incipientes, mas fundamentais para todo o processo da pesquisa.

A agenda previamente marcada contava apenas com o atendimento do assistente da diretoria da Ditec, mas se estendeu também para os demais setores que compreendem toda a coordenação responsável pela TV Multimídia. A visita e as entrevistas realizadas com os coordenadores de cada setor da Ditec estarão detalhadamente explicadas no capítulo à frente, sobre a metodologia da pesquisa. Nesse momento, foi possível conhecer mais de perto todo o processo da política de educação do Estado, ao adquirir os televisores, e como o projeto foi pensado e estruturado.

A Ditec também conta com a Cautec, a Assessoria Pedagógica da Coordenação de Apoio ao Uso de Tecnologias, criada em 2005 para auxiliar os professores no uso de novas tecnologias. Essa área ficou responsável por assessorar os professores com a TV Multimídia, com apoio das Coordenações Regionais de Tecnologia na Educação, as chamadas CRTE. Essas regionais dão suporte às escolas por todo o Estado.

Outro departamento que trabalha com a TV Multimídia é a Assessoria Pedagógica do portal Dia a Dia Educação. Essa assessoria é composta por uma equipe disciplinar, com um professor de cada área que faz a seleção do material que é disponibilizado no portal e prepara material de aperfeiçoamento e treinamento com instruções de como utilizar o equipamento.

De modo geral, a Ditec é formada por coordenações que têm relação com a tecnologia.

Cada coordenação tem o objetivo de atender o professor lá na ponta. Pra fazer isso a gente faz de uma forma descentralizada. Cada Núcleo Regional de Educação tem uma coordenação regional de tecnologia educacional, as chamadas as CRTE, ligadas à Cautec. E aí nos temos lá um professor da rede que a gente chama de assessor, que recebe formação pra trabalhar com os professores das escolas. (ENTREVISTA ASSISTENTE, 2009)

O setor Multimeios, uma coordenação ligada à SEDD, também atende às equipes que trabalham com a TV Multimídia. Juntamente com a TV Paulo Freire, o Multimeios desenvolve, produz e distribui conteúdos pedagógicos via satélite, internet e multimídia, por meios de recursos midiáticos que possibilitem a veiculação da informação com finalidade educacional e com qualidade pedagógica. Também cria e produz recursos gráficos para serem veiculados na mídia impressa, televisiva, na internet e pela TV Multimídia. (SEED, 2011, ON-LINE).

É possível perceber que as ações desenvolvidas para a TV Multimídia ocorrem de forma integrada, para cumprir os objetivos do Estado em promover a inclusão de novas tecnologias nas escolas, seja por meio da tevê, do computador ou de outra ferramenta que venha auxiliar o professor.

3 EDUCOMUNICAÇÃO: CONSOLIDAÇÃO DE UMA NOVA ÁREA DO CONHECIMENTO

A presença permanente de uma televisão na sala de aula das escolas estaduais do Paraná causou transformações profundas nas práticas docentes dos professores das séries finais do ensino fundamental. As mudanças são significativas e ocorreram gradativamente desde 2007, quando as tevês começaram a ser instaladas.

A comunidade escolar como um todo (funcionários, técnicos, direção, professores e alunos) teve o primeiro contato com o novo equipamento praticamente ao mesmo tempo em que passou a fazer parte do *layout* da sala de aula. A fotografia a seguir mostra a localização da TV Multimídia na sala de aula.



FOTOGRAFIA 2 – SALA DE AULA EM CURITIBA COM A TV MULTIMÍDIA.
Crédito: Secretaria Estadual de Comunicação Social

A partir dessa realidade, a escola começa a manifestar uma nova atmosfera de possibilidades que levam a sala de aula se transformar em um ambiente comunicativo por meio de práticas pedagógicas. Esse cenário, composto por duas áreas do conhecimento, a Educação e a Comunicação, reflete os fundamentos e conceitos da Educomunicação.

Embora o termo soe como novidade, as pesquisas que envolvem a Educomunicação, no Brasil, começam a se fortalecer com a expansão da televisão e do rádio, após a segunda metade do século XX. (DALLA COSTA, 2008).

Passando por Citelli, Dalla Costa sinaliza os primeiros passos da Educomunicação.

[...] embora as primeiras investigações sobre as inter-relações entre os campos da comunicação e da educação remontem às décadas de 1930 e 1940, derivadas das inquietudes geradas pela expansão dos meios, no Brasil tais investigações ganham consistência a partir da segunda metade do século XX, em especial após a popularização das emissoras de rádio e de televisão e a criação dos cursos de Comunicação Social. (DALLA COSTA, 2008, p. 98).

As experiências de aproximar a Comunicação da Educação também encontram no rádio, por meio do radialista Roquete Pinto, iniciativas democratizantes de fazer o ensino chegar até as pessoas.

Roquete Pinto (1884-1954) acreditava, por exemplo, que a cultura e a educação chegariam finalmente, de forma democrática, a todos os lares brasileiros através das ondas da Rádio Nacional. Derrotado de sua utopia, Roquete Pinto viu-se obrigado a entregar a emissora ao governo federal, num gesto que significou a vitória da perspectiva mercantil sobre a educativa. (SOARES, 1999, p.20)

Monteiro Lobato também contribuiu com a experiência de aproximar a Comunicação da Educação com sua literatura infantil, mas foi mantido à margem do ensino, assim como a ideia de Roquete Pinto, de usar novas tecnologias para educar, não prosperou.

Na década de 1970, Soares (1999) usou recursos audiovisuais para ilustrar suas aulas de Geografia. Na opinião dele, a aproximação entre Educação e Comunicação “se evidencia, já no século XX, através da atitude, por vezes moralizante e condenatória, de segmentos da sociedade, em especial dos religiosos e educadores, que se mostravam reticentes.” (SOARES, 1999, p. 20).

Coordenador e fundador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), Soares é um dos precursores nos estudos dessa nova área do conhecimento. Autor de uma infinidade de artigos, ele chegou à USP, em 1990, onde, desde então, se dedica a pesquisar a Educomunicação.

Em entrevista à Revista Geografia²⁴, Soares explica como surgiu o termo e quais são os objetivos de se formar um grupo de estudos específico no Brasil.

Quando nós começamos a fazer a divulgação do conceito, a gente sabia que uma prática educacional ideal é aquela que revolucionasse as relações de comunicação em toda uma escola. Que tornasse mais democráticas as relações e transformasse aquele espaço escolar em um grande espaço de produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, toda essa produção num processo democrático. Isso, contudo, é uma utopia, um projeto, é o ideal. Agora, esse ideal só se tornará possível um dia se ele começar por algum lugar. A proposta para sala de aula que nós trazemos é que o professor, no seu pequeno espaço, promova a educomunicação. (SOARES, 2009, ON-LINE)

O pesquisador segue mostrando de onde vem a ligação da disciplina de Geografia com a Educomunicação, e de que forma ocorre o processo educacional na sala de aula entre o professor e o aluno.

[...] E ele tem, no caso na área da geografia, um elo com o passado do conceito de educomunicação, que surge junto com aqueles que estavam preocupados com o meio ambiente, com o espaço. Na prática, o professor de geografia estará realizando uma prática educacional se conseguir motivar os seus meninos para que produzam mídia, um programa de rádio, internet, vídeo e assim por diante, mas discutindo essa produção para que seja coerente com a verdade científica e coerente com os anseios de cidadania. Porque você pode ter a perspectiva científica e não ter cidadania nenhuma. Então, tem que associar a ciência com a cidadania e propiciar que esses meninos e meninas produzam. Ou que eles observem como a mídia está fazendo e façam uma crítica do comportamento dessa mídia sobre o tema do espaço. Isso é uma prática educacional. (SOARES, 2009, ON-LINE)

Soares diz que “a investigação acadêmica do NCE-USP partiu da evidência de que transformações profundas vinham ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, incluindo a área que abrigava a interface Comunicação/Educação [...]” (SOARES, 2011, p. 35)

De acordo o autor, o NCE identifica a Educomunicação como:

²⁴ Entrevista com Ismar de Oliveira Soares “Entenda a Educomunicação” – Revista Geografia, Edição 26, julho 2009, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49, disponível na *internet* no endereço <http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-2.asp> acessado em 23/11/2010.

O conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (SOARES, 2011, p. 36)

A proposta da USP não foge à realidade vivenciada pelos professores, quando se veem frente às tecnologias na escola. Profissionais das escolas estaduais de Curitiba, por exemplo, sinalizam que sentiam falta de usar tecnologias de comunicação no ensino.

Mas, no dia a dia, muitos professores esbarram em questões de ordem técnica e na metodologia de apresentação dos conteúdos para um aproveitamento melhor da aula. Apesar das dificuldades, os professores entrevistados são unânimes em afirmar que a televisão contribui sobremaneira com o ensino e que não se veem mais sem a televisão na sala de aula.

O que se evidenciou no passado com a disciplina de Geografia, hoje se estende às outras áreas do conhecimento, atingindo várias disciplinas do currículo escolar. Ações que podem ser observadas principalmente nas disciplinas de História, Geografia, Biologia, Artes e Ciências. Professores de Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física também se apropriam da tevê para interagir com seus alunos.

A utilização da TV Multimídia pelos professores de Curitiba, personagens da pesquisa, mostra como se dá a aproximação da prática docente com uma das áreas da Educomunicação. Ainda que os professores não conheçam o termo, ou não estivessem preocupados em seguir um tipo específico de modelo de aula para atingir objetivos pré-estabelecidos, estão conseguindo fazer com que os alunos se aproximem de atividades que envolvem a comunicação, com o uso da tevê, de forma democrática, menos manipuladora.

Cabe, dessa forma, evoluirmos para um entendimento sobre a Educomunicação, seus pressupostos teóricos e sua teorização com o universo escolar, por meio dos estudos científicos que relacionam a Comunicação e a Educação. Toma-se como ponto referencial, para aprimorar os ensaios sobre o tema e objeto central da pesquisa: a televisão na escola.

Pesquisas sobre comunicação de massa geralmente concentram grande atenção à ideia de consumo, de usuários submissos em relação às mensagens,

numa clara demonstração de manipulação das consciências. A pesquisa sobre a TV Multimídia se volta para outro contexto.

É importante esclarecer que a questão da cultura de massa e de manipulação continua sendo tema de estudos profundos e valiosos para a concepção do ser em uma sociedade cada vez mais tecnológica, mas não interfere diretamente na apropriação democrática que rodeia a TV Multimídia no ensino. As discussões sobre o tema alcançaram espaços consolidados na comunidade internacional. Na década de 1980, a relação da escola com os meios de comunicação também passou a fazer parte das publicações da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Vinte anos de desenvolvimento tecnológico, considerando o *boom* da internet na década de 1990, também podem explicar as mudanças da escola frente os meios de comunicação. Hoje, a informação está disponível em diferentes plataformas de comunicação. As telas se multiplicaram. Com a internet, além da tela da televisão, a informação está na tela do computador, do celular, se espalha pelas redes sociais, como *Facebook*, *Orkut*, *Twitter* e *MSN*, elementos presentes no cotidiano das pessoas. A televisão também se multiplicou. Dados estatísticos mostram que a televisão está presente em praticamente 100% dos domicílios brasileiros²⁵.

Contextos sociais se modificaram com a rápida evolução tecnológica, e, com isso, governos passaram a medir essa interferência na vida das pessoas como forma de prever políticas públicas voltadas principalmente para a educação.

A televisão acompanhou os avanços tecnológicos, profissionalizou e diversificou sua grade de programação e se tornou ainda mais familiar.

Em seus estudos relacionados à comunicação/educação, Rosa Maria Bueno Ficher divide com autores da área o mesmo ponto de vista, ao reforçar que a tevê influencia o cotidiano das pessoas.

[...] defendo a tese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. (FICHER, 2006, p. 15).

²⁵ Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2009, revelou que 95,7% dos domicílios brasileiros possuem televisão.

Não por acaso, a partir de 1998, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, o PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incorporou, na pesquisa básica, a existência de rádio e televisão nos domicílios particulares permanentes. O PNAD foi implantado no Brasil a partir de 1967.²⁶

Todo esse processo está levando governos a pensarem novas políticas educacionais que envolvem a aquisição de novas tecnologias para a escola. Isso começa a aparecer fortemente no Paraná. Mesmo que de forma isolada, pois cada esfera da administração pública tem a sua própria forma de governar, as novas tecnologias aparecem em programas diferenciados. Além da TV Multimídia espalhada por todo o Estado, o município de Araucária, na Região Metropolitana de Curitiba, sai na frente ao implantar nas escolas municipais um computador por aluno. Outro exemplo recente pode ser visto em Tibagi, cidade da Região dos Campos Gerais, no centro do Estado, que instalou uma lousa digital em cada sala de aula da rede municipal de ensino.

Nessa perspectiva, a pesquisa de campo realizada neste trabalho comprovou o que muitos autores evidenciaram nos seus estudos, de que se constituiu um novo campo que aproximou as áreas da educação e da comunicação. Professores das escolas estaduais de Curitiba sinalizaram que sentiam falta de usar tecnologias de comunicação no ensino. As entrevistas com esses professores (como poderá ser conferido de forma mais detalhada no capítulo de análise de dados) revelaram que as práticas utilizadas em sala muito se aproximam do conceito de Educomunicação de Soares, de criar ambientes comunicativos por meio de práticas pedagógicas no espaço da sala de aula.

Assim como Soares propõe a questão: “Como o sistema de educação deve entender o sistema de meios e construir ecossistemas comunicativos a partir da realidade mediática em que estamos todos inseridos?” (SOARES, 1999, p. 22), é possível elaborar outra questão relevante, levando-se em conta a pesquisa sobre a política educacional do Paraná: Como os professores devem se apropriar da TV Multimídia para construírem ambientes comunicativos na sala de aula por meio dos conteúdos ensinados?

²⁶ Dados oficiais do IBGE disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2004/notatecnicapnad.pdf>. Acessado em: 11/05/11.

Os estudos coordenados por Soares, na USP, levaram a instituição a implantar no Brasil primeiro curso de graduação em Educomunicação. O Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da USP deu início, em 28 de fevereiro de 2011, ao curso de Licenciatura em Educomunicação. A nova proposta abre um campo diferenciado de atuação para um novo profissional: o educador²⁷.

O termo é novo para profissionais da Educação de escolas estaduais de Curitiba. Mesmo assim, novas práticas educacionais, analisadas pela pesquisa, estão presentes nas salas de aula das instituições de ensino do Paraná. Mesmo desconhecendo os conceitos e objetivos da Educomunicação, professores pró-ativos executam metodologias de ensino se apropriando da TV Multimídia de forma produtiva e eficiente. Assim como Soares constatou há mais de 12 anos, “a preocupação em identificar e descrever a *Inter-relação Comunicação/Educação* como campo autônomo de intervenção social e de pesquisa acadêmica inédita” (SOARES, 199, p. 26), permanece atual para o cenário paranaense.

Os estudos sobre a TV Multimídia são incipientes e necessitam ser ampliados e debatidos no meio acadêmico científico, pois as experiências difundidas localmente, no caso das escolas curitibanas, servirão de exemplos para discutir de forma global os levantamentos apresentados por meio das entrevistas realizadas.

Constata-se que algumas das hipóteses elencadas por Soares, na sua pesquisa, se consolidaram nos últimos anos. Hoje, pode-se afirmar que há um novo campo de intervenção social que aproxima a Comunicação da Educação. Também se constituiu uma “nova disciplina de Educomunicação, que, segundo Soares, deve inaugurar um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas.” (SOARES, 1999, p. 27). Por fim, hoje, já se faz uma reflexão madura sobre mediações, gestão comunicativa e análise de uma área epistemológica da Comunicação/Educação como “fenômeno cultural emergente”.

A TV Multimídia ocupa um lugar especial e diferenciado no campo de pesquisa da Comunicação/Educação. A leitura sobre sua apropriação pelos professores nos leva a uma análise mais independente daqueles definidos à

²⁷ Disponível em <http://www.cca.eca.usp.br/cca>. Acessado em: 20/06/2011.

Educação para os Meios ou dos estudos voltados à Comunicação de Massa. Embora haja uma similaridade e as pesquisas se interrelacionam, a TV Multimídia possui características próprias da sua funcionalidade em sala de aula.

Os conteúdos selecionados pelo professores passam a ser exibidos de forma menos manipuladora, com a interferência do seu primeiro mediador, o professor. A relação do professor com a TV Multimídia é democrática, não há nenhuma exigência ou condução por parte do Estado e da direção da escola, para que as aulas sejam obrigatoriamente ministradas com o uso da tevê.

4 MEDIAÇÕES, LINGUAGENS E OS AMBIENTES COMUNICATIVOS

Há um consenso entre pesquisadores e estudiosos de que a escola se tornou um campo vasto para a pesquisa em comunicação, aberta a novas possibilidades de investigação, experimentações e de mediações.

É um ambiente em que também se permitem aproximações com outras disciplinas, abrindo canal para o avanço de novas epistemologias e manifestações culturais distintas. Esses apontamentos ficam evidentes quando se propõe a pesquisar modelos de práticas pedagógicas com novas tecnologias de informação e comunicação.

Sob essa ótica, a sala de aula é um espaço explorado por pesquisadores em todo o mundo, se tornando peça-chave da pesquisa e do campo empírico.

Nesta perspectiva, Orofino (2005), seguindo a proposta de Gadotti e Romão (1997), vê a escola como:

local de encontro de muitos sistemas simbólicos, ou seja, de “muitas culturas”, seja aquela de bagagem pessoal e de identidade dos diferentes alunos, alunas e professores, seja a cultura erudita que ali é ensinada, ou, ainda, a cultura popular regional do local onde a escola está situada. Este quadro se torna mais complexo quando então acrescentamos a todas essas dimensões o entrelaçamento da cultura midiática que temos hoje. [...] Portanto, não há escola, por mais distante e diversa que seja, que conviva sem a presença de alguma influência da cultura das mídias. (OROFINO, 2005, p. 40)

Muito do que se passa na tevê pode ser transformado em conteúdo de sala de aula. Materiais jornalísticos, filmes, comerciais, documentários, novelas, entre outros programas do nosso cotidiano, podem servir de apoio para o professor aproximar o aluno do tema tratado em sala. Essa constatação pode ser confirmada por Melo e Tosta (2008) ao mostrarem como os meios de comunicação estão tão presentes na vida das pessoas.

Os meios de comunicação informam e conformam pontos de vista a partir dos quais interpretamos assuntos. Isso ocorre porque esses meios se configuram também como “educadores”, dividindo essas funções com agências socializadoras tradicionais, como a família e a escola. [...] Contudo importa entender que a recepção de bens simbólicos por parte de alunos, receptores ou usuários da escola e da mídia depende de “filtros” que tornam esse processo complexo, criativo e ativo, contrariando as teses de que

receptores de produtos da mídia e da escola são consumidores passivos. (MELO; TOSTA, 2008, p. 50).

É possível acrescentar, na afirmação de Melo e Tosta (2008), que os professores, mesmo sem um conhecimento profundo das metodologias de ensino mais adequadas, ao utilizarem novas tecnologias em sala, se arriscam e fazem do equipamento em uso um meio para aperfeiçoar o aprendizado das disciplinas. Os alunos, inseridos no cotidiano das tecnologias digitais, não se intimidam, somam-se ao processo e até, em alguns casos, na logística da aula, ajudando o professor a manusear o aparelho tecnológico.

Citelli também manifesta uma preocupação em como pensar o sistema educacional considerando um mundo mediado pelas relações comunicacionais. Para ele, as relações evidenciadas pelo uso da televisão, rádio, computador, ao lado do giz e da lousa, são “ritmo e velocidade nas linguagens mediáticas convivendo com oralidade nem sempre agradável e cifrada numa temporalidade que segue o andamento natural do sistema fonador.” (CITELLI, 2004, p. 16).

O autor revela o desafio que é para professores administrar conteúdos escolares muitas vezes superados, num processo que consome tempo e energia “dificultando a superação das distonias entre as dinâmicas da história e a cristalização do discurso escolar.” (CITELLI, 2004, p. 16). O autor confirma que, para as instituições de ensino se reajustarem, terão de fazer uma análise dos processos comunicativos na vida da comunidade escolar como um todo (alunos, professores, diretores, dentre outros).

Nesta linha de pensamento, Ficher reforça que a tevê está cercada de novas possibilidades na Educação contemporânea, pois é vista

[...] como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentidos, ideias, indagações, informações; ao mesmo tempo, desejamos fazer desse estudo da TV uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcados por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação do nosso tempo. (FISCHER, 2006, p. 17)

Ao formatar o conceito de mediação escolar, Orofino (2005) concede à escola a responsabilidade de local de produção de respostas, se descolando do espaço de leitura de recepção crítica dos meios. Para compreender as sistemáticas do estudo

das mediações há uma dedicação especial de Orofino em constatar um aspecto determinante: os modos de apropriação que se faz de elementos inerentes à pesquisa, como a apropriação da mensagem ou as apropriações de produtos midiáticos por parte de crianças, por exemplo. A análise das apropriações é uma constante nos estudos da autora, que também se fortalecem neste trabalho, ao evidenciar a apropriação que o professor faz da TV Multimídia em sala.

As aflições de Orofino (2005) ao se referir às inovações tecnológicas também estão evidentes nas falas dos professores de Curitiba. As observações são semelhantes, quando se trata de situar as crianças e adolescentes no universo digital de novidades eletrônicas infinitas, do qual fazem parte, com acesso a uma vasta produção cultural. Sobre esse aspecto, fica evidente, cada vez mais, a necessidade de um diálogo entre o professor e os alunos.

Enquanto pais e educadores, muitas vezes, optamos pelo silêncio em vez do diálogo, pois não conhecemos o universo cibernético por onde as mentes criativas de nossos filhos e alunos navegam horas a fio nos confins do mundo digitalizado do computador, da internet e da tela da TV. Certamente o silêncio não deve ser o caminho. A família e a escola juntas precisam se abrir para o diálogo sobre o que se passa na imaginação criativa nos momentos de entretenimento dos adolescentes e crianças. (OROFINO, 2005, p. 46).

A família é um elemento que transita ao lado da escola, quando se pesquisa educação de crianças e adolescentes. No caso da pesquisa em televisão, a família também é peça-chave para entender qual a importância da tevê na vida dos filhos. Orofino (2005) reafirma qual o papel da tevê em casa, ao preencher o espaço doméstico, assim como o computador, nos dias atuais com mais intensidade. As telas permanecem com intensidade na vida das pessoas. Ao citar Moran (1993), sobre a quantidade de horas que crianças e adolescentes ficam em frente da tevê, Orofino confirma que:

A criança chega à adolescência depois de ter assistido a 15 mil horas de televisão e mais de 350 mil comerciais, contra menos de 11 mil horas de escola. A televisão é agradável, não requer esforço e seu ritmo é alucinante. É sua primeira escola. Quando chega aos bancos escolares, já está acostumada a esta linguagem ágil e sedutora. E a escola não consegue chegar perto dessa forma de contar. A criança julga-a a partir do aprendizado na televisão. (MORÁN, 1993 apud OROFINO, 2005, p. 51 e 52).

Com o passar dos anos, a escola se adaptou, e a afirmação de Morán pode ser reformulada quando o autor diz que a escola não acompanha o modo de contar da tevê, se levarmos em conta a experiência com a TV Multimídia, objeto deste trabalho. A linguagem de que os alunos estão tão acostumados frente às telas que os cercam se transferiu para a sala de aula.

Por meio da tela da TV Multimídia, por exemplo, os professores conseguem fazer com que a metodologia do ensino, com a utilização de vídeos, se aproxime ainda mais da linguagem audiovisual presente no cotidiano dos alunos. Os vídeos, imagens e áudios usados como materiais de apoio às disciplinas dão mais velocidade às aulas.

Em uma aula da disciplina de História, de uma turma de 8ª série, de uma escola no Centro de Curitiba, sobre a Era Vargas – Revolução de 30 observou-se que foram utilizados cerca de 30 *slides* com fotografias da época, para ilustrar as falas do professor sobre o tema. Ao final da aula, os alunos assistiram a um vídeo/documentário sobre a vida de Luis Carlos Prestes, personagem importante dessa fase da história do Brasil.

É possível comentar alguns aspectos dessa observação feita em sala como parte da metodologia do trabalho. Em 50 minutos, os alunos tiveram acesso a um condensado conteúdo sobre o tema da aula, que foi além do livro didático, do quadro e do giz. Neste caso, a atenção dos alunos se voltou à tevê e aos conteúdos selecionados pelo professor, que assumiu o papel de emissor /enunciador. A TV Multimídia assumiu o papel de meio de transmissão da mensagem orientada pelo professor, que tem autonomia sobre seu manuseio. O professor também deve estar preparado para enfrentar a resposta e o reflexos dos alunos, com o *feedback* imediato sobre o que se está vendo na tevê.

Sobre isso, Citelli (2004) faz uma discussão dos desafios para quem trabalha a interface da comunicação com a educação, inflando a questão: “Como pensar o sistema educacional, a escola, o discurso pedagógico exercitando nas salas de aula, considerando esse mundo fortemente mediado pelas relações comunicacionais, na sua dupla face de sedução e desconforto? (CITELLI, 2004, p. 16) O autor segue afirmando que os meios de comunicação (televisão, rádio e computador) dão ritmo e velocidade nas linguagens das mídias frente à oralidade menos agradável numa temporalidade natural da nossa voz.

Citelli faz uma análise de todo esse processo, do papel da comunicação na educação, pensando a escola, os mediadores e as possibilidades de novas linguagens no ensino, além do caráter revolucionário das novas mídias. O autor mostra como o avanço tecnológico da televisão interativa digitalizada possibilita “o diálogo de usuário com inúmeras fontes informativas.” (CITELLI, 2004, p. 67). Para falar dos modos de presença dos veículos de comunicação e do papel reservado ao receptor/destinador, Citelli passa por Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, enfatizando a importância

“[...] das mediações sociais e culturais que circundam a experiência dos destinatários das mensagens. [...] No caso da televisão – mas não apenas ela, podendo a digressão ser aplicada a outros veículos-, tais lugares mediadores são constituídos por três grandes núcleos: o cotidiano familiar, a temporalidade social e a competência cultural. (CITELLI, 2004, p. 71 e 72).

O autor vai reafirmar o conceito de que o cotidiano familiar é fundamental para entender a televisão na América Latina e reforça as análises sobre a linguagem coloquial que a tevê imprime em contatos comunicativos entre os membros familiares ou nos diálogos promovidos pelos programas vistos.

Orofino (2005) utiliza-se dos estudos de Belloni (1991) para mostrar que, em países de grandes contrastes sociais, a televisão é o principal veículo de acesso à comunicação e que, no caso do Brasil, ela funciona como uma espécie de escola paralela para a população infanto-juvenil que está fora do ensino. Segundo Orofino

“Mesmo com o advento do computador, a escola, enquanto instituição socializadora das novas gerações compete com as telas de TV, presentes na grande maioria dos lares brasileiros. Cabe ressaltar que no caso do Brasil, enquanto um país em desenvolvimento, parte de sua população infanto-juvenil sequer tem acesso à instituição escolar, tendo, portanto a televisão como a única “escola”. (OROFINO, 2005, p. 52)

São milhões de telespectadores que têm na televisão a única forma de entretenimento e fonte de informação. A aproximação e familiaridade com o equipamento devem ser levadas em conta, para compreender a relação de alunos com o aparelho de tevê em sala de aula. Lembremos que a TV Multimídia tem sido utilizada como ferramenta de apoio para os professores em suas formas de ensinar. O aluno/espectador acostumado a receber os produtos da mídia, na tevê de casa,

tem com a TV Multimídia, em sala, outra forma de programação, de conteúdos selecionados e editados pelo professor, que complementam o material didático.

“Ali na escola, dependendo do que se assistiu na TV, o assunto cai na roda.” A afirmação de Orofino (2005) mostra como a escola é um local de mediações quando o ambiente escolar se torna um local de debate, opiniões e diálogos. “[...] é local de encontro de “muitas culturas” que provêm tanto de identidades quanto de diferenças socioculturais [...]”. (OROFINO, 2005, p. 64).

Orofino define dois momentos da mediação escolar: a institucional (a escola é uma instituição social) e a mais evidente, a situacional e individual, comum de se perceber. Mas a escola subestima, segundo Orofino, a sua condição de mediadora e “deixa esse papel social relegado ao espontaneísmo do dia a dia [...]. Desta forma, a escola torna-se muito mais um espaço de mediação situacional do que institucional” (OROFINO, 2005, p. 65).

Em defesa de uma mudança sobre este ponto de vista, Orofino passa ao educador a tarefa de assumir a responsabilidade institucional da escola nas mediações, o que significa intensificar as possibilidades de diálogo, de debates e de respostas sobre o que alunos recebem da mídia. O professor novamente é fundamental no espaço da escola, para colocar em prática funções que cercam a cultura da escola, enquanto instituição.

O fato se repete quando voltamos à política institucional do governo do Paraná, quando os professores se tornaram a principal engrenagem para colocar o projeto da TV Multimídia em prática. No dia a dia da sala de aula, os professores de Curitiba, personagens da pesquisa de campo desta investigação, não encontraram fórmulas prontas para fazerem uso da televisão em sala. Pode-se constatar, pelas entrevistas realizadas, que esse é um aprendizado em evolução. Orofino tem uma visão bem clara sobre o papel da escola em projetos educacionais que aproximam a comunicação da educação.

“Várias escolas já adotam iniciativas de uso dos meios no contexto pedagógico e para que isto aconteça, não existem fórmulas e receitas prontas. O que é necessário, isto sim, é a abertura e vontade política de experimentar e também de correr os eventuais riscos que se revelam ao longo dos processos de criação de novos caminhos.” (OROFINO, 2005, p. 66).

Como pode ser visto também em Soares (1999), a Unesco dedicou, em meados dos anos de 1970, atenção aos estudos entre Educação e Comunicação, ao fazer uma pesquisa com especialistas de diferentes países. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, foram produzidos relatórios e realizados congressos para aprimorar e aproximar o debate sobre a área da Educação para a Comunicação.

As pesquisas percorreram países da América Latina, incluindo o Brasil, Estados Unidos, Canadá, além da Europa. A Universidade de Harvard, por exemplo, criou o *Harvard Institute on Media Education*, com o propósito de capacitar especialistas sobre a inter-relação Comunicação e Educação.

Alguns dos critérios analisados na época se fazem presente na pesquisa com a TV Multimídia, como a mobilização dos alunos em usar os meios de comunicação nas atividades em sala de aula.

Soares complementa que:

As mudanças nas práticas de Educação para a Comunicação na América Latina decorrem de uma revisão conceitual e programática a luz da denominada “teoria das mediações”, segundo a qual tanto os media exercem uma função de intermediação na produção da cultura, quanto o próprio fenômeno da recepção é mediado por instâncias da sociedade tais como a família, a escola, os grupos de amizade, a Igreja, entre tantos outros. [...] No campo da inter-relação Comunicação/Educação, não somente na América Latina, mas em todo o mundo, educadores de países ricos ou de países pobres estão começando a cada dia. Cresce, em todos os lugares, a sensação de que tem sido feito muito pouco em relação ao que deveria estar sendo realizado. (SOARES, 1999, p. 33)

Sobre esse ponto de vista, as entrevistas com os professores de Curitiba revelam um dado importante: de que a construção de uma prática educacional mais ideal ainda tem um longo caminho pela frente. Alguns fatores como resistência, desconhecimento e desinteresse precisam ser superados pela escola e pelos professores. Alguns pontos fundamentais abordados nas entrevistas mostram que a utilização do equipamento depende da força de vontade em aprender a usar o equipamento.

O assessoramento prestado pelo Estado ainda é precário e a disponibilidade de tempo, dentro da carga-horária de aula do professor, é insuficiente. Mas há um cenário diferenciado nesta previsão que torna os espaços e elementos de mediações contraditórios, uma vez que uma simples mudança de turno, ou disciplina, entre uma aula e outra, faz com que a TV Multimídia seja uma experiência de sucesso ou passe por um equipamento sem utilidade.

São tensões que apareceram em um documento editado pela Unesco, em 1992, há quase 20 anos, e que ainda aparecem de forma contundente em políticas educacionais, como a que se apresenta neste trabalho. O documento afirmava que “ao se introduzir a tecnologia na relação professor/aluno, uma série de novos problemas aparecem, como a tensão, a expectativa, os medos de rejeição e de inadaptação.” (SOARES, 1999, p. 35)

Essa análise cabe apenas a uma parte dos professores. Muitos se adaptam rapidamente e ignoram o medo do novo, assim como os alunos enxergam as novas tecnologias parceiras do processo de ensino e aprendizagem, e se atiram, sem restrições.

As TVs Multimídias abriram um universo paralelo de possibilidades ao professor. Ainda que a proposta do Estado tenha acontecido de forma verticalizada, o fato de cada sala de aula possuir um televisor inova o conceito de ensinar e multiplica as formas de aprender por meio de novas linguagens.

Uma questão a se considerar, sem ressalvas, que se encaixa nos estudos que orientam o uso da televisão na escola, aparece nas contribuições de Orofino sobre o tema, ao apontar que as realidades particulares devem ser respeitadas:

[...] no conjunto atual de teorias da mídia e construção social, um grande número de estudos já demonstrou que as mensagens da mídia, quando chegam a determinados contextos sócio-históricos são mediadas pelas mais variadas formas de socialização e educação que a vida em nosso planeta nos oferece. [...] Isto exige um exercício de se pensar em contextos e realidades culturais plurais e diversificados de acordo com o meio ambiente, os modos, estilos e condições de vida, a estrutura econômica, a religião, o modelo familiar, as condições materiais da própria existência. [...] Isto nos ajuda a compreender também que os contextos escolares são plurais e diversificados e que qualquer iniciativa de uso dos meios deve estar atenta ao fato de que se fale a partir de realidades particulares de recepção e apropriação das mensagens. (OROFINO, 2005, p. 42)

A pesquisa de campo permitiu conhecer parte das realidades diversas do ensino público estadual ao selecionar escolas em diferentes regiões de Curitiba, com estruturas físicas e pedagógicas distintas, atendendo alunos de contextos sociais diversos, localizadas em bairros espalhados por todas as regiões da cidade.

4.1 OUTROS MODOS DE APRENDER COM AS LINGUAGENS TELEVISIVAS

A familiaridade das crianças e adolescentes com a televisão de casa contribuiu para a operacionalização da TV Multimídia em sala de aula. Essa relação só trouxe vantagens para os professores ao utilizarem novas formas de conteúdos digitalizados como complemento às suas disciplinas.

Os estudos de Belloni (2005) exploram, com maestria e de forma conceitual, os novos modos de aprender pela televisão e apontam claramente que as linguagens da mídia eletrônica se estabeleceram na escola por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

A TV Multimídia nas escolas do Paraná transformou os modos de aprender dos alunos, justamente pela inserção de linguagens, antes menos comuns em sala, embora muito presentes nos seus dias a dia. A televisão das escolas paranaenses está se consolidando como uma ferramenta a serviço da educação. Os professores já não conseguem mais se imaginar sem o equipamento em sala de aula. Adaptaram-se, ainda que com algumas dificuldades, ao sistema, criando novos para ministrar suas aulas.

Este novo cenário que se formou pode nos levar ao encontro das afirmações de Belloni sobre todo esse processo, quando a professora e pesquisadora busca em Mc Luhan o desafio lançado por ele de que “o meio é a mensagem” para decifrar as linguagens que as múltiplas telas retransmitem hoje.

Os estudos de Belloni nos ajudam a entender como a relação da televisão na vida das pessoas influenciou para que governos pensassem em uma educação mais descompromissada com os modelos tradicionais de aprendizado e aplicassem projetos educacionais inovadores, mais democráticos, que despertassem o interesse de pesquisas empíricas. Também temos a possibilidade de compreender o processo transformador do ensino por meio de novas linguagens a partir da tevê, como mensagens mais curtas, e a controlar ritmos de imagens e sons.

Belloni diz que:

“Crianças que durante anos consomem televisão de modo frenético (isto quer dizer quase todas) absorvem certo tipo de mensagens, específicas do discurso televisual, em termos de linguagens, estilos, aspectos técnicos, elementos estéticos, que são de natureza diferente dos conteúdos. A televisão habitua o telespectador a, por exemplo, privilegiar mensagens

curtas (protótipo ideal: anúncio publicitário), a praticar o *zapping* e a “desligar” a atenção ou o aparelho quando certo ritmo de sucessão de imagens e sons não é respeitado.” (BELLONI, 2005, p. 6)

Com base nas entrevistas deste trabalho, realizadas com os professores, e na própria observação feita em sala, verifica-se que o comportamento e a expressão dos jovens frente a uma aula com a TV Multimídia é muito similar à descrição de Belloni, ao passar por Perriault de que

“as crianças desenvolvem por impregnação novas capacidades cognitivas e perspectivas, como por exemplo: fazer anotações enquanto veem um programa de vídeo; inventar uma boa pergunta para animar um chat; saber intervir num programa de TV interativa (jogo teleconferência ou outro); reconhecer um quadro famoso ou estilo de um pintor; reconhecer e identificar um trecho musical, entre muitas outras já conhecidas e banalizadas e outras ainda inimagináveis.” (PERRIAULT apud BELLONI, 2005, p. 6 e 7)

Essa afirmação pode ser constatada, hoje, quando professores que utilizam frequentemente a TV Multimídia em sala revelam que não é preciso mais só ficar na imaginação quando se explica um conteúdo por meio de exemplos, como falar de um animal que só se encontra em um lugar do mundo, ou falar de um fenômeno da natureza. Com a televisão permanentemente em sala, conforme depoimentos dos próprios professores, esses dados se materializam para os alunos de imediato, pois é possível resgatar qualquer imagem na internet ou em outras fontes de informação, para demonstrar o que se está explicando.

Ao ser questionado sobre a contribuição da televisão para a educação, um dos professores respondeu:

“Sem sombra de dúvidas, contribui muito para a educação. Antigamente, na época mesmo que eu estudei (na década de 1990), você ouvia falar, por exemplo, sei lá da China, da Mongólia, da Austrália, do canguru... se não tivesse um desenho de um canguru, por exemplo, no livro, você nunca ia saber o que era um canguru. Hoje você fala, usa, por exemplo, qualquer lugar do mundo, do planeta, do espaço que você fala, você vai lá à internet tem imagens, pode selecionar, por exemplo, todas as imagens de tal lugar estou usando em sala de aula. Então claro que aproxima, mas vai muito do professor fazer isso pra ilustrar.” (ENTREVISTA P3, 2011)

O simples trecho acima é um exemplo do que a televisão está causando na educação, situação que será mais bem detalhada à frente, quando da análise de dados, mas serve para elucidar, de certo modo preocupações apontadas por Belloni, como a dos desafios colocados para o campo da educação na

implementação de políticas públicas, que visem a utilização adequada dos meios de comunicação para fins educativos.

As horas de entrevistas com os professores curitibanos poderão ajudar a esclarecer também outras questões levantadas por Belloni ao fazer dois apontamentos importantes, como segue:

“A primeira questão crucial pode ser assim formulada: como poderá a escola contribuir para que todas as nossas crianças se tornem utilizadoras (usuárias) criativas destas novas ferramentas e não meras consumidoras compulsivas de representações novas de velhos clichês? [...] como pode a escola pública assegurar a inclusão de todos na sociedade do conhecimento e não contribuir para a exclusão de futuros “ciberanalfabetos”? (BELLONI, 2005, p. 8)

A escola não fugiu do seu papel de aglutinadora e incorporou a televisão à sua cultura, incluindo mais essa competência a seus professores. O fato de a TV Multimídia ser uma política de governo, não pode deixar de ser encarado, nesta pesquisa, como ponto fundamental e estimulador para que o projeto TV Multimídia desse certo. Até porque era, e continua sendo, de interesse do governo, à época, promover a sua imagem. Ainda assim, o que se propôs no decorrer desta sondagem, e está sendo possível realizar, foi fazer uma leitura menos institucional e mais crítica do plano educacional do governo, ao instalar as tevês em sala.

O acesso às escolas aconteceu de forma livre e espontânea. Não houve, em nenhum momento, concessões para falar com os professores, que também não se intimidaram nas entrevistas, revelando muito mais do que o esperado pelo entrevistador/pesquisador.

Alguns pontos elencados por Belloni (2005), para compreender o lugar da escola frente às TIC, formam o conjunto de discussões da pesquisa sobre a TV Multimídia. Entre os quais, destacam-se demandas educacionais aplicadas; convergência de paradigmas; integração das tecnologias de modo criativo; e mediatização do processo ensino/aprendizagem.

Sobre este último item, Belloni explica que a mediatização comporta duas grandes vertentes: de um lado, a seleção dos meios e dos objetivos pedagógicos e didáticos, e de outro, um discurso pedagógico adequado aos meios escolhidos.

Do ponto de vista da produção de materiais pedagógicos, mediatizar significa definir as formas de apresentação de conteúdos didáticos, previamente selecionados e elaborados, de modo a construir mensagens

que potencializem ao máximo as virtudes comunicacionais do meio técnico escolhido no sentido de compor um documento auto-suficiente, que possibilite ao estudante realizar sua aprendizagem de modo autônomo e independente. (BELLONI, 2005, p. 26)

Para Belloni, o processo de mediatização do ensino/aprendizagem se torna complexo quando há dificuldades na apropriação dessas técnicas no campo educacional. De fato, essa constatação é uma realidade fortemente presente no ambiente escolar. Professores se apresentam resistentes ao uso da tevê em suas metodologias de trabalho em sala de aula, ao mesmo tempo em que muitos sentem necessidade de um esclarecimento técnico de uso do equipamento mais constante por parte das equipes pedagógicas responsáveis por esse papel. A capacitação para uso da TV Multimídia, no Paraná, por exemplo, se mostrou precária por meio da política educacional implantada pelo Estado.

Todas essas questões trazidas por Belloni se aproximam das ideias de Soares (1999) sobre os estudos da Educomunicação, de transformar o ambiente escolar em um local aberto ao diálogo e a novas experiências comunicativas possibilitadas com a prática do ensino/aprendizagem. Para Belloni, a integração das tecnologias ao processo educacional deve respeitar duas dimensões indissociáveis:

1 - Ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para melhoria e expansão do ensino. 2 - Objeto de estudo complexo e multifacetado, exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares; sem esquecer que se trata de um “tema transversal” de grande potencial aglutinador e mobilizador. (Belloni, 2005, p. 9)

5 TV MULTIMÍDIA E A CULTURA DA ESCOLA

O encultramento das TVs Multimídias pelas escolas estaduais de Curitiba não está ocorrendo de forma automática. Isso significa que desde a instalação dos televisores, em 2007, professores e alunos passam por um processo de aprendizado e evolução sobre a utilização da televisão em sala de aula. Da mesma forma, a apropriação que os professores fazem do equipamento sofre constantes mudanças, experiências, para conhecerem qual modelo metodológico tem melhor assimilação e traz mais resultados para o ensino e aprendizado dos alunos. A cultura da escola se transformou com a chegada das TVs Multimídias. Em algumas instituições isso se evidencia de forma mais contundente, em outras ficam às margens do cotidiano escolar.

O cenário encontrado durante a pesquisa nas escolas de Curitiba é de muita dúvida e de algumas certezas. Embora as televisões especiais estejam permanentemente fixadas nas salas de aula, não quer dizer que sua utilização passe a fazer parte da cultura de ensino em todo o Paraná. Alguns indícios já comprovam que o modelo de ensino adotado com a TV é uma realidade sem volta. Mas essa afirmativa ainda não pode ser levada a 100% dos estabelecimentos de ensino.

Para costurar esse modelo de cultura da TV, e compreender sua consolidação por parte dos professores e da escola, buscou-se compreender a ideia de cultura.

O termo encultramento, empregado aqui, foi retirado dos estudos de Martin-Barbero (2009) sobre a hegemonia da cultura das massas, do povo, do popular, na América Latina.

Em sua análise histórica, Martin-Barbero traz modelos metodológicos que colocam a figura do povo no centro do debate e investigação sobre a cultura de massa. A cultura popular perpassando a cultura erudita ao longo dos tempos até se consagrar reconhecida na atualidade.

[...] a vigência recuperada pelo popular nos estudos históricos, nas investigações sobre a cultura e sobre a comunicação alternativa, ou no campo da cultura política e das políticas culturais, marca uma forte inflexão, uma baliza nova no debate e alguns deslocamentos importantes. Para delimitá-los, começaremos por estudar os novos contornos que na

investigação histórica adquire a figura do povo. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 98)

Ao citar Le Goff, Martin-Barbero traduz os significados dos estudos sobre cultura na história.

Fazer história disso significa fazer história cultural, e “na busca do fio condutor, da ferramenta de análise e de investigação encontrei a oposição entre cultura erudita e cultura popular”. Atenção para as implicações dessa citação: o popular para Le Goff não é o tema, mas o *lugar metodológico* a partir do qual se deve reler a história não enquanto história da cultura, mas enquanto *história* cultural. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 100)

Os relatos populares contatos pelos senhores feudais, a cultura eclesiástica, separando o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o clero se enfrentando com a massa camponesa na alta Idade Média onde “*o peso da massa camponesa e o monopólio clerical são as duas formas essenciais que atuam sobre as relações entre os meios sociais e níveis culturais*”²⁸ são expressões que fazem parte dos movimentos de enfrentamento e intercâmbio no procedimento analítico de Le Goff.

O espaço da cultura de Martin-Barbero encontra em Forquin (1993) uma definição descritiva e objetiva das ciências sociais contemporâneas:

a cultura considerada como o conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, aí compreendidos os aspectos que se podem considerar como os mais cotidianos, os mais triviais ou os mais inconfessáveis. (FORQUIM, 1993, p. 11)

Martin-Barbero analisa textos do século XVI e mostra que as expressões do popular são reveladas na praça pública de Bakhtin, como um espaço próprio aberto aos populares, ao teatro sem repressão, sem distinção de atores, uma linguagem, “*um tipo particular de comunicação*.”²⁹ Relembra outra contribuição do mesmo século, nos textos de Carlo Ginzburg, que investigou a visão de mundo do moleiro Menocchio, personagem de um povoado da Itália, símbolo da resistência das classes populares da época. Condenado à inquisição, Menocchio enfrentava as ideias dos intelectuais do seu tempo.

²⁸ LE GOFF apud MARTIN-BARBERO, 2009, p. 100

²⁹ Martin-Barbero revela que Mikhail Bakhtin estuda a configuração e os modos de expressão da cultura. E que a praça pública é o espaço para seus estudos. MARTIN-BARBERO, 2009, p. 101

Compreender a “discrepância” a partir da qual se produz a visão do moleiro implica estudar por sua vez a *memória* e a *circularidade cultural* de que se alimenta essa visão. Para isto, não há outro caminho senão a reconstrução do modo de ler de Menocchio, esse lugar onde memória e circulação são ativadas. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 104)

Lendo a interpretação que Martin-Barbero faz sobre a hegemonia da cultura e os lugares que ela ocupa na sociedade, é possível aproximar as investigações do campo de pesquisa em que se insere a TV Multimídia, como bairro, escola, e a sala de aula, este principal local do debate da pesquisa. É com base nos costumes adotados pelos professores, assim como nos costumes e ideias de uma época, que se pretende entender a cultura que a escola adotou ou vem adotando com a utilização da televisão nas salas de aula das séries finais do ensino fundamental das escolas de Curitiba.

Os costumes sinalizados por Martin-Barbero e aqui, transmitidos aos modos de apropriação os quais os professores têm em sala com a televisão, remontam a uma preocupação de Forquin ao iniciar a sua discussão sobre cultura e escola.

De todas as questões suscitadas pela reflexão sobre os problemas da educação desde o começo dos anos 60, as que se referem à função de transmissão cultural da escola são, ao mesmo tempo, as mais confusas e as mais cruciais. Ocorre que elas dizem respeito ao próprio conteúdo do processo pedagógico e interpelam os professores no mais profundo de sua identidade. (FORQUIN, 1993, p. 9)

A afirmação de Forquin está baseada, em parte, nos conteúdos ensinados e o valor cultural que eles representam para a escola. Também se fortalece em como é imprescindível para a escola refletir sobre o pensamento pedagógico contemporâneo e pensar nas escolhas educativas que fazem para não caírem na superficialidade. O texto de 1993 remete à atualidade ao falar que a educação é comunicação, transmissão e aquisição de algo. “[...] este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura.” (FORQUIN, 1993, p. 10)

O conteúdo que os professores ensinam são um dos elementos constantes nas entrevistas realizadas com os educadores participantes da pesquisa sobre a TV Multimídia. Ao prepararem suas aulas, os professores buscam em canais diferentes na internet, assuntos relacionados ao conteúdo da aula, que servem de complemento para a disciplina.

É possível identificar claramente essa prática com a utilização da TV Multimídia nos depoimentos dos professores sobre os conteúdos selecionados para cada aula. Os professores estão nominados de P1 ao P16, conforme está sistematizado no capítulo da metodologia da pesquisa.

Já preparei material por conta própria. Aí você monta no *power point*, se quiser põe música, seleciona, eu deixo preparado, eu não tiro só da internet. A internet, eu uso pra alguma coisa, uma aula pronta que eu acho interessante, às vezes eu posso tirar uma parte dessa aula, converto, corto ela pra aplicar, ou eu mesmo preparo e passo pra eles. (ENTREVISTA, P5, 2011)

Quando tem uma figura muito específica que não consigo passar no quadro posso apresentar na televisão. Inclusive no site da Secretaria (SEED) tem algumas imagens, fragmentos de vídeos, de som, pra gente poder trabalhar em sala de aula. Mas para a parte de matemática, tem os desenhos que a gente pode trazer em fotos pra sala de aula, tem os vídeos específicos, como aquele desenho “Donald no país da matemática”, passei pra eles inteiro. O fato de ter a televisão na sala de aula ajuda bastante. (ENTREVISTA, P15, 2011)

Antigamente, na época mesmo que eu estudei (na década de 1990), você ouvia falar, por exemplo, sei lá da China, da Mongólia, da Austrália, do canguru. Se não tivesse um desenho de um canguru no livro, você nunca ia saber o que era um canguru. Hoje você fala, usa qualquer lugar do mundo, do planeta, do espaço que você fala, você vai lá à internet tem imagens, pode selecionar todas as imagens desse lugar para usar em sala de aula. Então claro que aproxima a comunicação da educação, mas vai muito do professor fazer isso pra ilustrar. (ENTREVISTA, P3, 2011)

As respostas dos professores reforçam a definição de cultura para Forquin, relacionada à transmissão cultural da educação. “A cultura é essencialmente, um patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular [...]” (FORQUIN, 1993, p. 12)

As leituras de Forquin não deixam escapar a questão da modernidade na escola. A TV Multimídia é um exemplo de como a escola está lidando com ritmo acelerado das transformações, com o avanço tecnológico, quase que como uma condição para aprimorar e se adequar às novas linguagens que os alunos estão acostumados e com a velocidade com que eles têm acesso à informação, disponível em tempo real pela internet em múltiplas telas, seja do computador, da própria televisão, do celular.

Teórico da educação, Paul Lengrand, citado por Forquin, diz que:

As inovações que, antigamente, exigiam o trabalho de varias gerações têm lugar atualmente numa só geração. De dez em dez anos os homens são confrontados com um universo físico, intelectual e moral que representa transformações de tal amplitude que as antigas interpretações não são mais suficientes. (FORQUIN, 1993, p. 18)

Talvez, tenhamos que atualizar o espaço de tempo, se estendermos esse entendimento à questão tecnológica que se atualiza de um ano para o outro. O que faz do homem, e porque não os professores “estrangeiros na esfera a qual eles são chamados a viver.” (LEGRAND apud FORQUIN, 1993, p. 18)

Em alguns momentos, os professores das escolas de Curitiba se veem vulneráveis frente à TV Multimídia com adaptabilidade que precisam apresentar ao novo modelo de tecnologia, ao preparar suas aulas utilizando-se desse universo tecnológico, além da interatividade e troca de experiências que acontece com os alunos e com os próprios conteúdos que traem para a sala de aula.

Na prática, se você esquece um passo de como utilizar a TV, fica difícil. Eu conheço pessoas aqui na escola que têm mais facilidade, maior intimidade com a produção de material pra tevê. Eu sempre me senti meio devagar, meio ignorante nessa questão de informática. É importante ter alguém que sempre está me lembrando, só os cursos da SEED não me ajudaram muito. (ENTREVISTA, P1, 2011)

A TV Multimídia, por ser um equipamento novo, como poderia ajudar em sala de aula, como seria utilizada a questão do *pen drive*, que na época (2007) tudo era bem novo. (ENTREVISTA, P12, 2011)

Teve uma época em que eu estava trabalhando muito com a TV Multimídia e eu estava vendo que eles estavam ficando muito acostumados. O que acontecia? Existe um tempo diferente da aula que você pode usar. Senão eles ficam assim: a professora está usando isso, ela tirou da internet, eu não vou nem prestar atenção, depois eu chego em casa e vejo. Eles têm acesso a essa informação que eu tenho. Eu não conto de onde eu tirei, a não ser que seja pra um trabalho específico, mas eles também têm acesso. (ENTREVISTA, P15, 2011)

Duas questões que aparecem em Rockwell (1997) estão relacionadas às palavras dos professores que remetem à cotidianidade vivida por eles dentro da escola. Também se nota a preocupação com o aprendizado do aluno por meio de novas técnicas de ensinar com a televisão, ainda que esse processo esteja em construção.

Em certos momentos os professores conseguem chegar a diferença entre cumprir com as exigências formais e alcançar que os alunos realmente

compreendam um conceito, e buscam distintas opções para apresentar e explicar o conhecimento que transmitem. (ROCKWELL, 1997, p. 34)

A forma de participação do professor e a análise da cotidianidade escolar, para Rockwel, são ações imprescindíveis para compreender as transformações na escola. Neste caso, as transformações que as escolas e professores enfrentam com a televisão presente constantemente na sala de aula, como um equipamento contínuo, junto à lousa, às carteiras, ao livro didático. Os professores entrevistados se mostraram autodidatas ao buscarem outras opções de formatos de conteúdos para ensinar. Em vários trechos das entrevistas percebe-se essa consciência de proatividade evidenciada por Rochwel.

O autodidatismo proposto com tanta frequência como objetivo educativo tem limites reais em qualquer contexto em que o indivíduo não conta com um apoio social para aprender. O apoio necessário inclui desde acesso aos materiais e as situações que lhe permitem experimentar diversos fenômenos da realidade, até a possibilidade de ter um interlocutor conhecedor. (ROCKWELL, 1997, p. 44)

As escolas se mostraram abertas ao novo, sem amarras e sem resistências às mudanças, mesmo quando se depararam com projetos educacionais, como o aqui apresentado, parte de um plano de governo. O novo não as assustou, mas aflorou questões propositivas de adaptação a uma nova realidade, de prós e de contras, de adaptabilidade ao modelo e de novas configurações no modo de preparar as aulas e os movimentos que passam a compor a cultura da escola. Todos esses momentos serão abordados na análise de dados da pesquisa com mais detalhes e intensidade.

5.1 REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS

Reportagem da revista semanal brasileira Época de 20 de junho de 2011 traz a seguinte manchete de capa: “O ensino digital funciona: novas pesquisas revelam como a tecnologia ajuda a melhorar as notas na escola. A reportagem começa contando o dia a dia de alunos de uma escola particular de São Paulo/SP. Depois de

bater o sinal, eles entram e pegam das suas mochilas computadores que trouxeram de casa e conectam a internet sem fio e de alta velocidade. Esse cenário é uma utopia para a escola pública, mas a intenção de comentar essa reportagem é de mostrar outras experiências com a tecnologia em sala. E se estão trazendo benefícios é louvável conhecer tais experiências.

Os alunos dessa escola paulista tiveram uma aula orientada em pesquisas de banco de dados, fizeram simulações gráficas e dividiram *online*, com os colegas, relatórios sobre a aula. A reportagem traz a seguinte pergunta: usar tecnologia para ensinar faz os alunos aprender mais? E responde: a resposta é sim.

Para responder afirmativamente, a reportagem se baseou em dois estudos da Fundação Carlos Chagas (FCC) com alunos da rede pública. Foram avaliados alunos do município de José de Freitas, interior do Piauí, que desde 2009 estudam com o apoio de lousas interativas, *laptops* (computadores portáteis) e softwares educativos. Depois das aulas digitais, os alunos melhoram suas notas em matemática em 8,3 pontos enquanto aqueles que não tiveram contato com a tecnologia avançaram apenas 0,2 pontos, mostra a reportagem.

Outra avaliação da Unesco avaliou o desempenho de alunos de escolas públicas da cidade de Hortolândia, em São Paulo, que também tiveram aulas com lousa digital e um computador por aluno. De acordo com a reportagem, o avanço dos alunos foi de duas a sete vezes maior, quando comparado com o dos alunos de salas sem os equipamentos.

Importante destacar que a matéria da revista enfatiza que o sucesso apresentado pelos alunos dessas escolas depende de como a tecnologia é usada, uma informação que aparece como alerta nos estudos feitos com a TV Multimídia, no Paraná, e apontada por Soares (2011) como um dos principais pontos de partida para avaliar a utilização de tecnologias na escola.

Um exemplo da reportagem comenta que um programa do governo colombiano com 2 milhões de alunos não decolou. Foram entregues computadores para os alunos, mas as notas decepcionaram, em alguns casos pioraram. A reportagem traz também que, no Brasil, o Ministério da Educação constatou que depois de três anos estudando com computador, alunos de escolas públicas estavam pelo menos seis meses com o aprendizado atrasado. Em ambos os casos, da Colômbia e do Brasil, a pesquisa se limitou a investigar se existiam computadores na escola.

O texto da matéria diz que países ricos pioneiros na implantação de tecnologias, a preocupação hoje está em como essa tecnologia deve ser usada de melhor forma. Os números da reportagem mostram que 97% da rede pública dos Estados Unidos têm um computador por aluno. Na Alemanha, desde 2001, mais de 30 mil escolas possuem o equipamento. Inglaterra e Coreia do Sul investigam no ensino inovador com as tecnologias. Sem um conteúdo curricular forte relacionado à tecnologia, ela não teria tanto efeito, comenta a reportagem.

A professora da escola de São Paulo, citada no início deste capítulo, planeja suas aulas antes de ir para sala de aula, pesquisa na internet as melhores fontes de informação. Ela comenta que na sala quem domina a estratégia de aula é o professor. Também indica que o conteúdo tecnológico deve ser complementar ao tradicional.

A revista mostra uma experiência com computadores no Paraná, em escolas municipais do município de Matinhos, no litoral do Estado. A tecnologia ajudou alunos da segunda série que tinham problemas de alfabetização.

Outro ponto comentado pela reportagem trata da mudança da geografia da sala de aula com advento das tecnologias. O professor também precisa se posicionar de forma diferente perante os alunos, daquele em que fica na frente do quadro negro.

A reportagem utiliza como fonte o professor da Escola de Educação da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, Paulo Blikstein, que ensina professor a ensinar em ambientes tecnológicos. “O aluno precisa aprender a usar o conhecimento para criar”, diz ele, na reportagem.

Outra avaliação feita pela revista trata da mudança de relação entre professor e aluno. Para usar a tecnologia, o professor precisa mudar de mentalidade, dominar a sala de aula. Na opinião da professora Maria Elizabeth Almeida, da pós-graduação em educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a linguagem das tecnologias se aproxima do que o aluno está acostumado.

A revista mostra também que é preciso se preocupar com a formação dos professores ao ministrarem aulas com tecnologias educacionais. Uma das propostas é colocar um monitor especializado na área tecnológica e em conteúdos dentro da sala de aula.

A reportagem ainda trata da dificuldade de reformar a cultura da escola, a cultura do ensino pela tecnologia. Comenta uma experiência da Quest to Learn, uma

escola pública de Nova York, nos Estados Unidos. Nessa escola, em funcionamento há dois anos, os alunos aprendem os conteúdos curriculares criando e jogando videogames e não passam de ano, mas de fases como nos jogos. A ideia é que alunos aprendam fazendo, tentem soluções e dividam conhecimento. Segundo a reportagem, que falou com a criadora desse modelo de ensino, Katie Salen, se o modelo prosperar poderá ser usado para melhorar o ensino.

A revista entrevistou também Mark Weston, estrategista educacional da Dell (fabricante de equipamentos tecnológicos) com 36 anos de experiência em inovações tecnológicas para o ensino. Ele afirma que a tecnologia é mediadora para estilos de aprendizado, para os professores e a comunidade escolar. A questão, segundo ele, é como fazer as crianças aprenderem mais com o uso de tecnologias nas escolas. E como experiências de práticas pedagógicas conduzem ao melhor ensino. O consultor também concorda de que é preciso uma nova formação para os professores.

Questões fundamentais levantadas pela reportagem da revista como conteúdo, mediação, forma de utilização e formação, estão enumeradas pela pesquisa que propõe este trabalho com as TVs Multimídias. Isso mostra que estamos todos do mesmo lado, em busca de soluções para melhorar o ensino e a aprendizagem dos nossos jovens.

5.2 Outros números da TV Multimídia

A pesquisa de Jackiw (2011) investigou de forma quantitativa a utilização da TV Multimídia pelo professor, com dados coletados por meio de questionários respondidos por 627 professores.

Deste levantamento, 39% dos professores (244) afirmam utilizar a TV Multimídia, de acordo com o tema da aula, outros 28% (175) usam frequentemente, enquanto 17% (106) indicaram que usam com pouca frequência e 10% (62) comentaram que raramente utilizam o equipamento. Do total de professores, apenas 6% (37) não utilizam a tevê.

Os dados também revelaram quais tipos de conteúdos são usados com mais frequência: 42% (263) disseram que passam vídeos ilustrativos; 25% (156) usam esquemas e outras representações; 14% (87) responderam que o conteúdo é

complementado por conceitos e esquemas trazidos pelos alunos; e para 7% (43) dos professores o conteúdo é completado por acontecimentos que passam nos telejornais.

Seguindo com a apuração de dados, Jackiw mostrou que 6% (37) dos professores utilizam a TV Multimídia para trabalhos sobre a influência da mídia no pensamento das pessoas e que para 5% (31) a tevê é pouco utilizada como forma de premiação por bom desempenho dos alunos.

Outra questão do questionário abordou o impacto da inserção da tevê no ensino. Para 26% (163), as aulas ficaram mais atrativas; 19% (119) responderam que o uso da televisão despertou o interesse do aluno; 16 (100) disseram que facilitou a aprendizagem. Outros 14% (87) mudaram a maneira de trabalhar os conteúdos, enquanto para 20% (125) consideram a TV Multimídia apenas mais um recurso disponível. Um número menor, 5% (31) concordaram que o equipamento não faz diferença nas suas práticas docentes.

Sobre a importância de a escola interagir com a linguagem audiovisual, a maioria dos professores, 95% (595), considerou indispensável que isso aconteça; 3% (18) não opinaram; e 2% (12) são indiferentes a esse respeito.

A questão que abordou o conhecimento dos professores sobre o conceito da Educomunicação comprovou que a categoria desconhece o termo. Do total, 50% (313) nunca ouviram falar; 34% (213) já ouviram falar, mas não sabem do que se trata. Outros 14% (87) dizem conhecer o termo apenas 2% (12) detêm um conhecimento aprofundado sobre Educomunicação.

Sobre as maiores dificuldades que os professores encontram na utilização da TV Multimídia, 43% (269) dizem que o tempo de preparo das aulas é insuficiente. A falta de domínio técnico aparece para 28% (175), seguido da falta de material disponível no portal Dia a Dia Educação para as disciplinas, com 18% (112) das respostas. Para 11% (68), o aspecto que menos dificultou o uso foi a falta de conhecimento metodológico.

As questões trazidas por Jackiw (2012) refletem a realidade como os professores receberam a TV Multimídia em sala de aula. A pesquisa traça um perfil geral da do comportamento da escola ao projeto educacional do governo do Estado e evidencia os primeiros sinais de mudança na cultura escolar com a aquisição das televisões.

6 CONECTANDO O *PEN DRIVE* NA TV MULTIMÍDIA: A METODOLOGIA E A ANÁLISE DA PESQUISA

Apurar os dados para uma pesquisa de campo é um grande desafio. Obter as informações necessárias que devem responder aos objetivos iniciais traçados requer do pesquisador alguns cuidados fundamentais. Selecionar um procedimento metodológico, eleger o campo empírico e definir critérios, técnicas de coletas de dados e instrumentos de registros são alguns dos aspectos que devem fazer parte da trajetória de uma pesquisa.

Temos que em Lopes (2005) “toda pesquisa científica no campo da Comunicação apoia-se necessariamente na definição do tema, ou do objeto, continuando na coleta e sistematização dos dados colhidos”.

A pesquisa empírica requer do pesquisador um envolvimento com o projeto de forma que ele seja o mais fiel possível à realidade dos fatos, num processo que vai exigir uma coleta de dados adequada, que responda com veracidade às inquietações apontadas nos objetivos.

Independente da escolha metodológica, o pesquisador precisa estar ciente do seu papel de interlocutor entre o objeto, os sujeitos, as variáveis, os elementos e o método. É preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de interferência de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua carga de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados por elas além do aceitável. Gamboa (2009) afirma que:

A escolha de uma técnica de coleta, registro e tratamento de dados ou dos procedimentos de recuperação de informações sobre um determinado fenômeno implica não somente pressupostos com relação às concepções de método e de ciência, mas também a explicitação das concepções de sujeito e objeto (pressupostos gnoseológicos relacionados com as teorias do conhecimento que embasam os processos científicos) e as visões de mundo, implícitas em todo processo cognitivo (pressupostos ontológicos que se referem às categorias mais gerais como concepções do real, de mundo, de homem, de sociedade, de história, etc.) (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2009, p. 88).

De posse desse conhecimento, delimitou-se a metodologia da trajetória da pesquisa **TV Multimídia: uma tela de oportunidades para a Educomunicação nas escolas públicas do Paraná.**

A investigação se insere em uma abordagem qualitativa, em que o pesquisador assume um posicionamento diante à realidade estudada e se preocupa com o aprofundamento da compreensão do objeto. Como afirma Laville & Dionne,

O fato de o pesquisador, em ciências humanas ser um ator que influencia seu objeto de pesquisa, e do objeto de pesquisa, por sua vez, ser capaz de um comportamento voluntário e consciente, conduz a uma construção do saber cuja medida do verdadeiro difere da obtida em ciências naturais. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 35)

Nessa abordagem de pesquisa, Gamboa (2000) afirma que o conhecimento acontece quando se consegue captar o significado dos fenômenos, desvendando seu verdadeiro sentido a partir de suas manifestações empíricas. Para ele, em uma abordagem qualitativa, o conhecimento se faz a partir do ato de “compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e contextos. Para tanto, o sujeito tem que intervir, interpretando, procurando seu sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos” (GAMBOA, 2000, p. 95).

Assim, como o objeto de estudo se insere no interior das escolas, vista aqui como um mundo social cheio de significados, a TV Multimídia foi analisada e interpretada a partir das condutas dos sujeitos envolvidos, do significado dos saberes e das práticas que são organizadas e institucionalizadas no cotidiano escolar.

6.1 O CAMPO DA PESQUISA

A delimitação do campo de pesquisa foi realizada em co-participação com trabalho concluído de Mestrado em Educação da UFPR³⁰. Foram selecionadas 68 escolas do município de Curitiba, do total de 151 instituições existentes. As escolas foram mapeadas prevendo atingir todos os bairros da cidade, optando por escolher aquelas com maior número de alunos. Para a coleta quantitativa de dados da

³⁰ A pedagoga Elizandra Jackiw desenvolveu no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (2009/2010), também tendo a TV Multimídia como objeto. Embora os objetivos e perspectivas de análise da acadêmica sejam distintos dos apresentados neste trabalho, o ponto de partida nos uniu em momentos específicos da metodologia. Jackiw defendeu sua dissertação em 28 de março de 2011 sob o título: TV Multimídia: pesquisando e gravando conteúdos no *pen drive* - possibilidades e desafios.

pesquisa concluída, em 2011, fonte de dados para esse trabalho, foi elaborado um questionário³¹ de perguntas fechadas, respondidos por professores de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental, sobre o uso da TV Multimídia em sala.

O levantamento do número de professores se deu com base nas informações do site oficial da Secretaria de Estado da Educação – www.diaadiaeducacao.com.br. Chegou-se a um número de cerca de 2.500 professores, embora esses dados podem não representar a realidade, já que pode haver divergência nos números disponibilizados na internet. No total foram respondidos 627 questionários.

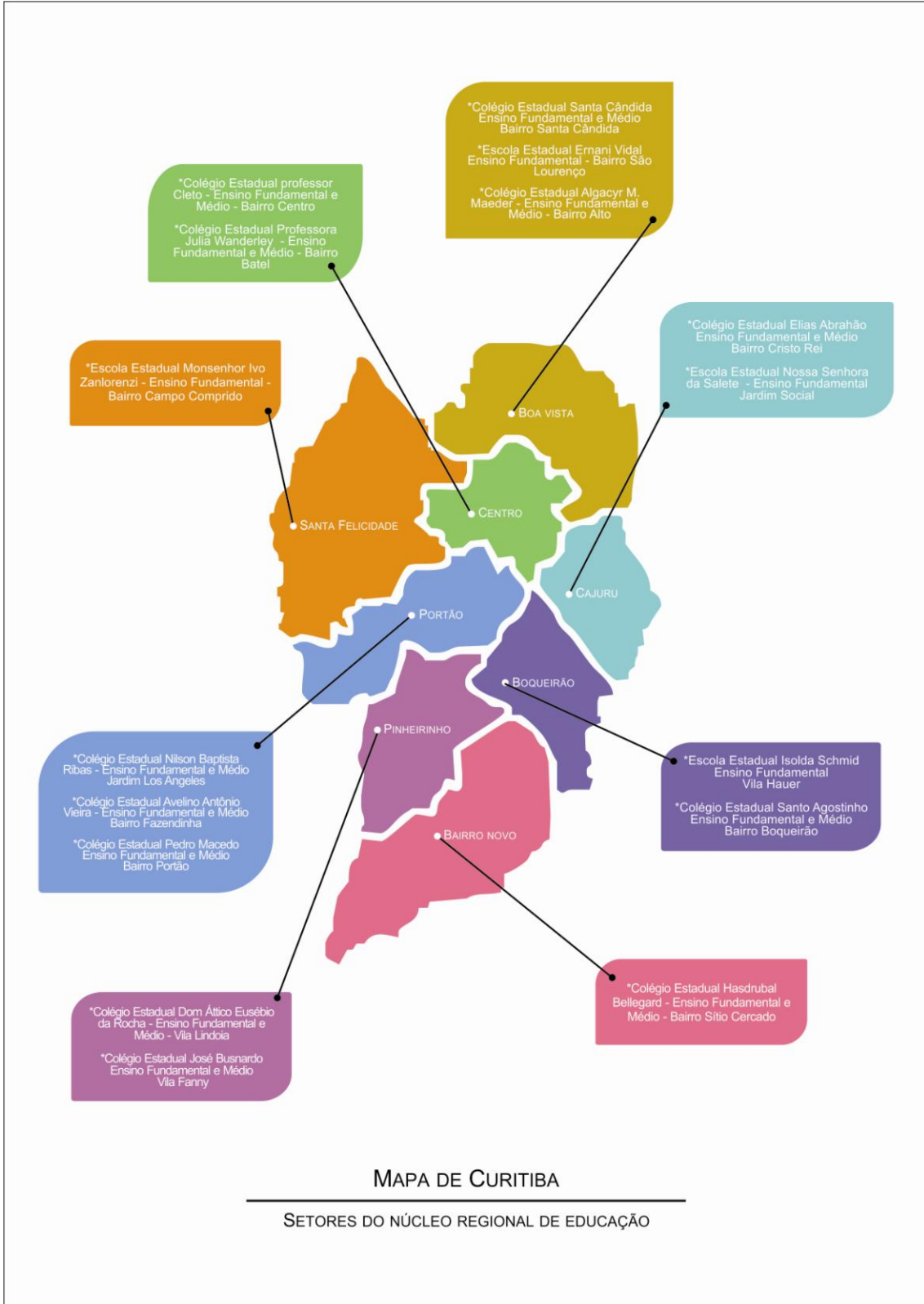
Os questionários devolvidos foram analisados um a um. O recorte da pesquisa foi definido de acordo com a resposta da questão sobre a frequência do uso da tevê pelo professor. Cerca de 28%³² dos professores responderam que usam a televisão frequentemente.

Desse total de aproximadamente 175 docentes, foram escolhidos 16, com base em alguns critérios pré-definidos como gênero (homens e mulheres), idade (mais jovens e mais velhos), tempo de serviço e disciplina. A seleção dos professores buscou abranger escolas pertencentes aos oito setores do Núcleo Regional de Educação de Curitiba, a nominar: Santa Cândida, Boa Vista, Centro, Portão, Cajuru, Boqueirão, Pinheirinho e Bairro Novo. O número de professores selecionados por setor variou de um a três, isso por que a quantidade de questionários respondidos oscilou de escola para escola e muitos professores não se identificaram ao respondê-los. Os critérios definidos para a seleção dos professores também foram outro motivo para a diferença na configuração de escola por setor que se apresenta.

O mapa a seguir mostra a localização das escolas visitadas, de acordo com a divisão dos setores do Núcleo Regional de Educação, na cidade de Curitiba.

³¹ A distribuição dos questionários para as escolas selecionadas contou com a co-participação do autor deste artigo, integrando a metodologia da pesquisa.

³² Dado extraído do levantamento feito na pesquisa realizada pela aluna do Mestrado da UFPR, Elizandra Jackiw, com dissertação defendida em 28 de março de 2011.



MAPA 1 - MAPA DE CURITIBA DIVIDIDO DE ACORDO COM OS OITO SETORES DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, INDICANDO AS ESCOLAS ESTADUAIS VISITADAS E OS BAIRROS ONDE ELAS SE LOCALIZAM.

6.2 A observação *in loco*

Ao analisar a utilização da TV Multimídia pelos professores, tem-se um universo amplo de variantes de como esse objeto vem sendo manipulado na sala de aula das escolas estaduais do Paraná.

Optou-se por fazer a observação, com o objetivo de identificar e registrar os comportamentos dos sujeitos (professores e alunos), além de experimentar o ambiente da escola. Conhecer de perto e com mais profundidade o campo empírico da pesquisa aproxima o pesquisador do seu objeto, tornado mais reais as percepções para explorar todas as fases do trabalho.

Foram três visitas para acompanhar aulas com o uso da TV Multimídia. Duas ocorreram na Escola Estadual Professor Cleto, no centro de Curitiba. A primeira delas observou-se aula dada pela professora da disciplina de História. A segunda, também em aula da mesma professora, observou-se alunos utilizando a TV Multimídia para apresentação de trabalhos.

A terceira visita ocorreu no Colégio Estadual José Busnardo, na Vila Fanny. A observação foi em aula da disciplina de Biologia com alunos que prepararam trabalhos para apresentar utilizando a TV Multimídia. As duas escolas selecionadas para realizar a observação constam na lista das entrevistas realizadas com os professores.

O conceito de unidade de observação de Lessard-Hérbert (2009) diz que é impossível observar toda a realidade, de que a investigação é sempre um processo seletivo.

Essa seleção de perceber o professor frente a um instrumento de comunicação permanente em sala, compondo o cenário do quadro e do giz, frente aos alunos, tão acostumados com a tevê comum das suas casas, levou a definição pela pesquisa qualitativa de investigação utilizando o polo técnico da entrevista.

A técnica da observação foi fundamental para a compreensão de todo o processo e para a elaboração da entrevista, escolhida como um dos procedimentos metodológicos.

A construção da entrevista buscou suporte nos fundamentos da Educomunicação. Interessante destacar que, durante as entrevistas, ocorreu uma evolução no processo. O relato de um professor contribuiu para aprimorar o debate

com o seguinte. Para melhor análise do conteúdo das entrevistas transcritas, as respostas foram divididas em categorias conforme o modelo de análise qualitativa de conteúdo sugerido por Flick (2009), ao citar Bauer.

A análise de conteúdo é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material – que pode variar desde produtos da mídia até dados de entrevista. Uma de suas características essenciais é a utilização de categorias, as quais são normalmente obtidas a partir de modelos teóricos: as categorias são levadas para o material empírico e não necessariamente desenvolvidas a partir deste, embora sejam reiteradamente avaliadas em contraposição a esse material e, se necessário, modificadas. (FLICK, 2009, p.291)

As categorias levadas para o campo empírico passam pelo acesso à informação sobre a aquisição das tevês; expectativas do professor; dificuldades de operacionalização do equipamento; frequência do uso da tevê nas disciplinas; níveis de interação com o equipamento em sala; e participação do aluno.

6.3 Análise das entrevistas

Expondo os motivos que levaram a escolher a entrevista como um dos procedimentos metodológicos da pesquisa, Lessard-Herbert, Goyette e Boutin (2009) dizem que a entrevista possui laços evidentes com outras formas de coleta de dados nomeadamente com a observação. Werner e Schoepfle³³ (1987, citado por Lessard-Herbert, Goyette e Boutin, 2009) afirmam, igualmente, “que a entrevista permite ao observador participante confrontar a sua percepção do ‘significado’ atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos com aquela que os próprios sujeitos exprimem.”

Dentre as tipologias de entrevistas optou-se pela que Lessard-Herbert, Goyette e Boutin (2009) denominam de entrevista clínica, orientada, semiestruturada com um número definido de questões, para realizar a pesquisa com assessores da Ditec, como foi explicado anteriormente na seção 2.1. Sobre esse procedimento metodológico, Flick (2009) explica que as entrevistas semiestruturadas têm atraído o interesse dos pesquisadores e passam ser amplamente utilizadas. Isso porque,

³³ WERNER, Oswald e SCHOEPFLE, G. Mark (1987), *Systematic fieldwork, volume 1, Foundations of ethnography and interviewing*, Newbury Park, Sage, 416 p.

neste tipo de entrevista, “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em questionário.” (FLICK, 2009, p. 143).

Os assessores da Ditec possuíam o que Flick (2009) denomina de “teoria subjetiva”, quando o entrevistado possui uma reserva de conhecimento sobre o tema em estudo. Neste método de entrevista, abre-se espaço para questões confrontativas, elemento da entrevista, que Flick também nomina de semipadronizada, como um contraponto do processo, já que o entrevistador poderá lidar com questões que geram confronto. A solução está na introdução de pontos de vista.

A relevância geral dessa abordagem é que os diversos tipos de questões permitem aos pesquisadores lidarem de forma mais explícita com as pressuposições que levam para a entrevista em relação ao ponto de vista do entrevistado. O princípio da abertura, na pesquisa qualitativa, vem sendo, seguidamente, mal-interpretado, como se estimulasse uma atitude difusa. Aqui esse princípio transforma-se em um diálogo entre posturas, resultante dos vários graus de confrontação explícita com tópicos. (FLICK, 2009, p. 153)

O método realizado nas entrevistas com os professores das escolas estaduais apresentou o mesmo tipo de abordagem de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas. Os professores são menos conhecedores dos aspectos técnicos da TV Multimídia, mas dominam o espaço da sala de aula, local de utilização da tevê. A elaboração das questões levou em conta esse tópico, o que também levou ao confronto de ideias.

É importante destacar que mesmo com as perguntas abertas elaboradas previamente, as respostas levaram o investigador (ao sair a campo para explorar o objeto) a não seguir o roteiro na íntegra. Dependendo das respostas dos entrevistados abriam-se oportunidades de relatos que enriqueceram ainda mais o método, o que não prejudicou seguir o eixo do roteiro inicial.

Flick (2009) prevê esse tipo de situação, ao explicar que a mediação e o direcionamento da condução da entrevista. Os professores responderam livremente às perguntas.

[...] o entrevistador pode e deve decidir, durante a entrevista, quando e em que sequência irá realizar quais perguntas. Se uma pergunta já tiver sido respondida *en passant* e puder ser omitida, isso somente poderá ser decidido *ad hoc*. O entrevistador enfrenta também a dúvida sobre se e quando investigar em maiores detalhes, ou quanto a auxiliar o entrevistado

em suas divagações e quando fazê-lo, ou acerca de quando retornar ao guia da entrevista nos momentos de digressão do entrevistado. (FLICK, 2009, p. 160)

As entrevistas tiveram duração aproximada de 40 minutos. Os encontros com os professores aconteceram em dois momentos. As 13 primeiras entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2011. As três entrevistas restantes acontecem em outubro do mesmo ano. As respostas projetam os efeitos da política de educação implantada pelo Estado.

O roteiro pré-definido para a entrevista foi dividido em três partes de acordo com os objetivos específicos da pesquisa. A primeira parte foi dedicada a analisar a apropriação da TV Multimídia pelo professor. A segunda serviu para identificar os formatos e produção dos conteúdos. A terceira parte tentou constatar como os professores avaliam a utilização que fazem da TV Multimídia e como o equipamento se insere na cultura da escola.

Segundo Flick, “a vantagem desse método é que o uso consistente de um guia de entrevista aumenta a compatibilidade de dados, tornando-os mais estruturados como resultado das questões do dia.” (FLICK, 2009, p. 162)

Para preservar as identidades dos professores entrevistados, eles serão identificados como P1, P2, e assim por diante até o P16.

Os dados analisados passam pela apropriação, os formatos de aulas e de matérias e conteúdos utilizados, a interatividade com os alunos e as vulnerabilidades, e a instituição de uma nova cultura da escola com a utilização da TV Multimídia. Esses dados fazem parte das categorias sistematizadas para classificar as respostas às entrevistas³⁴. O quadro a seguir mostra a classificação de cada categoria.

Categoria	Classificação
1 - Primeiro contato	O primeiro indício de informação que chegou ao professor sobre a instalação das TVs Multimídias nas escolas.
2 - Acesso facilitado	A praticidade e facilidade encontradas pelos professores com a TV Multimídia fazendo parte do layout da sala de aula.
3 - Apropriação	Formato de aula adotado com o uso da TV Multimídia.
4 - Adaptabilidade ao modelo	Adaptação dos professores ao modelo da TV Multimídia.

³⁴ As entrevistas foram transcritas preservando as expressões dos professores na íntegra, da linguagem coloquial, ressalvadas apenas algumas correções, quando necessárias, com respeito às normas ortográficas.

5 - Suporte	Ajuda técnica disponibilizada aos professores.
6 - Vulnerabilidades	Medos, incertezas, questionamentos sobre a apropriação da TV Multimídia em sala de aula.
7 - Fontes de pesquisa - portal Dia a Dia	Análise sobre os canais de pesquisa de conteúdos utilizados pelos professores. Atenção especial para o endereço que o governo disponibiliza para os professores, por meio do portal Dia a Dia Educação, para consulta de conteúdos preparados exclusivamente para a TV Multimídia. Foi possível identificar os formatos de arquivos que mais utilizam.
8 - Interatividade	Interação, troca de experiências entre professores e alunos.
9 - Educomunicação	Referências que levam aos estudos Educomunicação.
10 - Cultura da escola	Costumes, espaço e modelos metodológicos empregados com o uso da TV Multimídia na escola.

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS

1- Primeiro Contato

Primeiras impressões que os professores tiveram da TV Multimídia e como eles foram informados da aquisição do equipamento.

P1 - Soube da TV nas reuniões pedagógicas com a diretora, inclusive a direção daqui sempre enfatizou o uso da TV. O comunicado direto aos professores foi feito pela direção. Pelo que me lembre não vi em outro lugar esse comunicado. Se não me engano, nos jornais, no período que elas começaram a chegar.

P3 - Olha não sei te dizer, porque eu fiz o concurso (para professor do Estado) em 2007 e quando eu assumi, em abril do ano passado (em 2010) já existiam as tevês. Então, quando eu cheguei no Estado já existiam essas tevês (as TVs Multimídias) funcionando perfeitamente “entre aspas”, mas já estavam em sala de aula.

P4 - Isso foi há uns três a quatro anos (em 2007). Daí veio aquele buxixo de que iam trazer televisões, e quem falou foi o diretor. Daí logo em seguida a gente viu no jornal. A gente viu que tinha sido feito uma licitação e já iam providenciar as televisões.

P5 - Eu comecei a lecionar a partir de 2004. Quando eu vim pra essa escola, estava bem na fase que estavam sendo implantadas as TVs Multimídias. E como eu venho de outra empresa, eu trabalhava na antiga Telepar (Telecomunicações do Paraná S/A, empresa extinta que operava os sistema de telefonia do Estado), então eu já mexia um pouco com informática. E no ano que eu entrei na escola, estavam implantando já, acho que levou uns dois anos pra essa implantação. E quando foi instalado, já comecei a procurar me informa como usava, mas por curiosidade, não fiz curso específico pra isso. Então eu já entrei junto com a TV Multimídia.

P6 - Pela propaganda de governo. De falar das tevês, da aparelhagem antes de elas virem para as escolas.

P9 - Estou no Estado há três anos e quando eu cheguei já tinha. Foi legal porque as minhas aulas de Educação Física são bem dinâmicas. Estou falando de ossos, quero mostrar pra eles. Também uso o laboratório. E foi porque eu posso passar vídeos, e tudo mais de interessante que eu posso trazer pra aula, pra fugir da rotina. E é um atrativo.

P12 - Primeiro pela mídia, porque foi bem polêmico quando ele (o governador Requião) adquiriu os televisores pela questão da cor, de como ela seria utilizada, o valor, que na época foi muito questionado. Depois, nas próprias escolas, quando o material começou a chegar, aí a gente teve esse primeiro contato e o conhecimento de que teria uma em cada sala.

P14 - Eu estou lecionando há cinco anos. Ouvei falar, no ambiente escolar mesmo, que iam instalar as televisões. Só que quando colocaram as tevês ainda não tinham dado curso (de capacitação para os professores) pra ninguém. A maioria não sabia nem como usar.

2 – Acesso facilitado

Os professores contam o que facilitou a instalação da TV Multimídia na sala, compondo o ambiente ao lado da lousa, das carteiras, dos armários, dos cartazes, do livro didático.

P1 - A gente não tem sala de aula específica para o uso de tevê com DVD, era muito trabalhoso você deslocar esses aparelhos pra sala de aula. Questão às vezes simples de funcionamento dos aparelhos e também do material utilizado era mais complicado, acho que TV Multimídia facilitou isso. Você prepara a sua aula, chega e conecta o *pen drive*, e com outro aparelho você perdia muito tempo.

P2 - O acesso ficou mais fácil, você não precisa agendar. As escolas tinham a sala multimídia, você vai com os alunos pra assistir ao filme, mas aí você tem que agendar, porque às vezes naquele horário outro professor também quer usar. Hoje você não tem esse problema, porque você leva pra sala de aula o teu instrumento, você salva no teu *pen drive* e tem acesso na TV.

P6 - É bom no sentido de não ter que carregar tanto material na sala de aula. Você pode dispor de várias coisas no *pen drive*, então pra mim é muito bom.

P8 - O pensamento realmente foi de facilitar, até pela minha disciplina de geografia. Eu não preciso levar mapas pra sala de aula hoje em dia, porque eu posso trazer a imagem do mapa no *pen drive*, além da forma mais dinâmica de trabalhar com os alunos.

P12 - A mão de obra que dava quando você precisava passar alguma coisa era muito grande, tinha que se deslocar para um auditório, pedir pra alguém preparar o equipamento com antecedência. A gente perdia um tempo muito grande com esse deslocamento. Agora não, a gente já tem o equipamento lá pronto. Solicita apenas se for necessário o aparelho de DVD. O *pen drive*, cada professor tem o seu, então não vai gerar desperdício de tempo nenhum.

P13 - Era muito complicado, tinha que ir buscar os aparelhos no depósito onde já se perdia muito tempo.

P15 - A escola é muito frágil de materiais. Então você não tem um *data-show*, e quanto tem não é simples de trazer embaixo do braço e montar o equipamento, às vezes não tem o DVD. Então a facilidade que a gente tem com a TV *Pen Drive*, de salvar os arquivos e ligar direto na televisão, se ganha muito tempo e facilita muito a nossa vida dentro da estrutura da escola.

3 – Apropriação

Nessa categoria, principal objetivo da pesquisa, buscou-se encontrar no modelo de aula preparada pelo professor, na divisão do tempo, na seleção de conteúdos, as apropriações que ele faz da TV Multimídia.

P1 - As aulas não são só expositivas, a gente tem que ter uma aula participativa, o aluno tem que realizar atividades, o professor quer explicar, às vezes, com suas próprias palavras e utiliza o quadro pra isso. Acho que a tevê é uma complementação. Nas minhas aulas, não utilizo mais o quadro pra passar o conteúdo complementar do livro, uso a tevê. Ao invés de trazer um texto *xerocado* ou pegar um exercício e passar no quadro, você transforma tudo isso em material para a tevê, que pode complementar com figuras e vídeos.

P2 - Alguns professores acabaram substituindo o quadro pela TV. Ao invés de escrever no quadro, vou digitar no computador uma transparência, um slide e colocar na tevê. Outros não, a grande maioria usa a TV pra passar vídeo como enriquecimento mesmo. Mas existiu essa transferência e nós da direção da escola falamos pra eles: vocês têm que cuidar muito pra não deixar que a televisão vire o quadro.

P3 - Você pega sala que pode ter vidro (janelas) quebrado, carteiras pichadas, arrebitadas, o que me choca muito. Agora tevê pra mim é mais como se tem a lâmpada na sala de aula, porque eu não uso em toda aula, porque aula pra mim é uma coisa e a tevê está para complementar uma ou outra coisa do conteúdo que eu vou trabalhar. Eu não uso ela como muleta.

P4 - A gente usa com critérios e não 100%, porque tem exercícios que você não tem como passar na TV *Pen Drive*. Tem vídeos favorecendo o conteúdo, é

um complemento. Geralmente, faço como introdução e como complementação, como conclusão, se demoro oito aulas pra dar um conteúdo, na primeira aula eu paço e na última aula eu paço alguma coisa. E também pra eu não me perder, senão só vou passar vídeo?

P7 - Eu uso muito como revisão ou como introdução do assunto. É um outro formato, porque chama a atenção mesmo. Como dizem meus alunos, quando eu chego à sala e eles veem o controle remoto na mão, até o comportamento deles muda.

P8 - É bem diferente, hoje, eu trabalhar vegetação com os alunos, apenas falando, e mostrar os exemplos de vegetação. Porque às vezes, mesmo o livro didático não é tão chamativo, tão empolgante para o aluno quanto na tevê. Eu vejo que até em respostas de alunos depois de aulas, eles falam, professor que legal, o senhor traz uma imagem, a gente faz um debate, e sai daquela rotina de aula, de professor ficar falando, a gente ficar copiando.

P10 - Para as aulas de inglês ficou fabuloso, por causa da música. Antes você tinha que levar radinho, levar CD, agora você põe tudo ali em formato mp3, vai tocar, vai abrir, não tem problema nenhum. Então às vezes, há momentos em que você prepara a aula, como eu vou trabalhar agora com as novas normas ortográficas, então vou usar a tevê pra trabalhar isso. São slides que eu vou montar, facilita o trabalho, e o aluno pode ir em busca de outras coisas. E aqui, à noite, a gente tem a facilidade do laboratório de informática, porque as turmas são pequenas, a gente consegue trazer para o laboratório. O que você vê na tevê, complementa na internet. Fica muito bom, e a gente tem a tevê no laboratório.

P11 - Eu tinha uma linha do tempo, que custou pra eu acertar, uma linha do tempo literária, que passava na tevê, mas acabou que hoje eu uso ela como uma tevê normal. Eu uso pra passar vídeo e raramente eu uso o *pen drive*. Se for pra você ficar passando texto, não tem sentido, aí eu passo no quadro.

P12 - Na minha área de Ciências e Biologia não tem como ficar sem um apoio, tem muita coisa que a gente vê no laboratório e de repente com um documentário a gente consegue visualizar aquilo que num laboratório não é possível. Às vezes pego um trecho de filme ou alguma explicação que tenha na internet, sempre com análise prévia do conteúdo antes de passar em sala.

P13 - O meu critério funciona da seguinte forma, pego o tema busco vídeos relacionados ao mesmo, posteriormente imagens onde será realizada as explicações e tiradas as dúvidas, sem esquecer-se das atividades que também saem da telinha.

P15 - Quando comecei a trabalhar não esperava que eu fosse utilizar a televisão. Foi numa mudança de disciplina, de matemática para física, que acabei usando a teve forçosamente. Eu tive um problema no meu braço e tudo o que eu tinha que escrever no quadro, passei em slide na tevê, para os alunos copiarem, embora essa não seja a função da televisão. Depois, com o passar

do tempo, é que fui perceber a utilidade maior da tevê. Muitos recursos eu podia aproveitar usando a televisão.

4 – Adaptabilidade ao modelo

A TV Multimídia inaugurou um novo modelo de televisão na escola, diferente daquele que os professores estavam acostumados. Os professores precisaram se adaptar ao equipamento que chegou nas salas de aula com características diferenciadas. A funcionalidade da tela se multiplicou com o uso do *pen drive*, do cartão de memória de máquinas fotográficas, servindo de projetor leitor de arquivos de áudio, vídeos e imagens.

P5 - No princípio aguçou a curiosidade. A gente não sabia como trazer a informação para os alunos. Você tinha que aprender primeiro como trazer essa informação e de que forma você ia usar. Porque se você for ficar no tradicional, no quadro, você não dá aula. Como a gente tá na era da informática, eu achei assim: tevê que ótimo, porque o que eu não puder falar eu vou mostrar.

P7 - Tem gente que fica incomodada, porque demanda tempo, você tem que pesquisar, tem que ir atrás, tem que olhar os vídeos, tem que assistir, pra depois passar. Às vezes a gente pega vídeo feito por aluno, às vezes tem erro, tem que olhar tudo.

P8 - Tem alguns probleminhas nos formatos de arquivos de vídeo, de conversão, mas eu acho que isso é sempre passado em curso. Hoje quando vou pegar vídeo ou imagem já trago no formato certo, não tem problema. Eu acredito que com a televisão facilita muito. E às vezes pode surgir uma dúvida, o aluno pergunta alguma coisa que você não tinha preparado material, mas tem um arquivo, uma imagem que pode ajudar nisso. Então só liga a tevê, coloca o *pen drive*, mostra a imagem e a dúvida já é sanada ali mesmo. Se torna uma coisa mais rentável.

P10 - Tem uma professora aqui, que é a recordista de trabalhos com a tevê na escola. Ela domina as tecnologias de uma maneira, que eu acho que ninguém na escola faz tão bem quanto ela. Ela é professora de Língua Portuguesa. Ela passa pra gente o que ela produz para a tevê. Às vezes, a gente passa pra ela. Material interessante, não tem por que você não trocar. Isso diminui o nosso trabalho. Utilizamos o mesmo material com atividades diferenciadas pra cada turma.

P11 - Eu acho que as transformações são muito rápidas e num prazo de duas décadas no máximo, a escola que não estiver inserida nas questões tecnológicas vai estar defasada.

P13 - A metodologia se tornou mais favorável para o aluno, onde a aula não fica maçante e principalmente para o professor que prepara aulas com mais rapidez e agilidade.

P14 - Como eu sou formada há pouco tempo, em 2006, eu já venho de uma estrutura de multimídia. As aulas na faculdade eram todos com projetor de imagens. Quadro negro? Poucos professores utilizavam. Então a gente já vem com essa bagagem. (Professora mostra aula na TV Multimídia, gravada no *pen drive*). Fica um visual bem melhor pra gente trabalhar. Aqui nesse ambiente da sala a TV Multimídia é adequada para o professor utilizar. As imagens ficam em um tamanho que todos os alunos enxergam.

P15 - Não é só uma televisão que está ali pra gente passar um filme, por exemplo, mas é uma televisão que a gente pode usar como um material de sala de aula, tão importante, tão interessante como o quadro negro.

P16 - Não foi um processo rápido, foi gradual, mas que a gente foi se adaptando e aprendendo. E quanto mais você aprende, mas você quer se aprimorar. A gente tem de diversificar. Com o que podemos apresentar na tevê, eu acho que os slides são mais prejudiciais, porque as letras são muito pequenas. Mas quando tem imagem é muito mais proveitoso. Não podemos esquecer que o aluno sempre está teclando, com um equipamento na mão e nós com o quadro, o giz e o livro, não ia sobrar aluno em sala de aula.

5 – Suporte

O educador definido por Soares (2011) é um profissional que pode atuar como docente, consultor ou pesquisador. Um professor de comunicação que circulará pelo magistério com o objetivo de ser um mediador da aprendizagem, com a compreensão e o uso de sistemas simbólicos e linguagens, além do entendimento sobre tecnologias da comunicação e da informação. Os professores que utilizam a TV Multimídia poderiam pensar que a afirmação acima não passa de uma utopia, já que não podem esperar por esse profissional para utilizarem a TV Multimídia. Sem o conhecimento dos conceitos da Educomunicação, os professores participantes da pesquisa, em Curitiba, não se intimidaram e não estão medindo esforços para ultrapassar a barreira que encontram pela frente.

Alguns recebem ajuda de um técnico de informática, na própria escola, outros pedem ajuda de familiares em casa. Atitudes que mostram o interesse, a competência em aprender para seguir adiante, e assim, criar ecossistemas comunicativos na sala de aula com a utilização da TV Multimídia. A seguir, a análise sobre o que responderam sobre o suporte que recebem.

P1 - A gente sente dificuldade, às vezes, na leitura dos arquivos. Você presenciou lá na sala (no dia em que participei de uma aula como observador) que muitos arquivos não abrem, porque tem que exportar. Também porque na escola a gente usa o Linux e não o Windows (sistemas operacionais de computador). Pra gente conseguir exportar esses arquivos, pra gente entender melhor isso, a presença do Douglas (técnico de informática, funcionário da escola) aqui foi essencial. Se ele não estivesse aqui, quem ia esclarecer pra gente essas questões técnicas, de como exportar os arquivos corretamente?

P2 - O que aconteceu foi logo que as tevês chegaram veio uma pessoa do Núcleo (Núcleo Regional de Educação – NRE), do departamento de tecnologia, orientar os professores de como usar a tevê. Temos, hoje, um funcionário que cuida da parte da informática e também auxilia no uso da TV Multimídia. Qualquer problema que dá a gente se dirige a ele pra tentar resolver. Até, na verdade, foi uma orientação que veio do Núcleo pra que tivesse um profissional dentro da escola, mas ele não é só para a tevê, ele resolve, porque ele já tem um pré-conhecimento de informática, enfim, mas ainda não é uma pessoa que veio exclusiva pra isso.

P4 - É que também não é muito fácil você tirar da internet e colocar na TV Pen Drive. Eu aprendi, mas tem professores que não têm essa habilidade. Aqui na escola não tem ninguém que auxilia. Na outra que eu trabalho já tem. Tem um laboratório de informática e tem duas pessoas que cuidam dos professores. Pegam todas as dúvidas, mas ficam só no laboratório de informática. Aqui não tem ninguém que dê um auxílio pra gente não.

P8 - Tem as meninas da secretaria. Tem outro rapaz que sempre ajuda a gente, eu sempre já trago tudo de casa. Eu tenho um pouco de dificuldade para pegar aqui nesse computador porque ele é um pouco limitado, tem algumas limitações pra pegar imagens, o You Tube, por exemplo, às vezes quer pegar um vídeo pra trabalhar um tema, é bem difícil. E como não pode instalar o programa, aqui, então se torna mais difícil pra fazer a conversão. Eu prefiro trazer de casa, mas tem professores que fazem aqui e sempre tem alguém pra dar auxílio, pra ajudar a converter.

P9 - Temos um técnico, mas não fixo. Ele atende toda a área do nosso setor. Uma vez a cada 15 dias, uma vez por mês, sempre ele fica aqui com a gente tirando dúvidas. Quem tem dúvida dá uma passada na hora-atividade.

P11 - Pra TV *Pen Drive* não. A gente depende da capacitação e quando você não consegue uma coisa ou outra, você pega outro professor mais experiente e ele acaba te ensinando. Às vezes acaba ajudando alguém que não entende.

6 – Vulnerabilidades

Em alguns momentos das entrevistas, mas não com todos os professores, ficaram evidentes os medos e as dúvidas sobre como lidar com os vários formatos de conteúdos, como editá-los e como apresentá-los aos alunos. Selecionar esta ou aquela informação e até serem pegos de surpresa ao liberarem trabalhos apresentados pela classe na TV Multimídia, sobre um ou outro tema. As dificuldades, às vezes, aparecem em aspectos técnicos, quando os professores se defrontam com algum ripo de problema inerente ao seu controle.

Essa vulnerabilidade faz parte de um processo de crescimento, de aprimoramento à Educomunicação de Soares (2011), que vê a escola como espaço democrático para a interface entre os tradicionais campos da comunicação e da educação.

A escola se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção desse conceito. Com relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos. (SOARES, 2011, p. 18)

P3 - Mas quando você vai começar a usar a TV Multimídia aparecem os problemas. Toda sala tem uma tevê, mas aí não tem pilha, só há um controle que funciona, tem o professor que leva o controle embora, aí o outro não pode usar.

P4 - No passado eu dei um trabalho pra eles sobre preconceito. Daí alguns alunos trouxeram casais se beijando, homem com mulher, homem com homem, mulher com mulher. Chocou um pouco, chocou, mas pra eu sair pela tangente, eu falei gente é isso aí que vocês vão ver, né, é isso que é um preconceito. Se a pessoa está no seu trabalho normal, está se desempenhando, a opção sexual dela não interessa, você tem que conviver com essas diferenças. Chocou um pouco, talvez não precisasse ter colocado, só falado.

P5 - Tem muitos professores que ainda têm muito receio de usar a TV Multimídia. Eu percebo que colegas meus têm dificuldades. Sempre estou tentando ajudar, ai não consigo converter os arquivos, porque não é só você usar a tevê, você tem que saber usar, você tem que saber converter um arquivo. É mesma coisa de gente que tem receio de usar o computador hoje.

[...] Também teve uma época em que eu estava trabalhando muito com a TV Multimídia e existe um tempo diferente da aula que você pode usar. Senão eles ficam assim: a professora tá usando isso, ela tirou da internet, eu não vou nem

prestar atenção, depois eu chego em casa e vejo. Eles têm acesso a essa informação que eu tenho. Eu não conto da onde eu tirei, a não ser que seja pra um trabalho específico.

P8 - Eu estou em três colégios e eu sinto um pouco de falta de incentivo de usar mais, de trazer mais material. Alguns professores têm dificuldade de manuseio. Vai muito do professor. Mas muitos têm preguiça talvez, de preparar um material diferenciado para por na TV *Pen Drive*. Às vezes o professor tem uma metodologia diferente, aí chega a televisão...

P9 - Pena que alguns ainda não sabem usar, ou têm uma resistência à tevê. E tem a dificuldade da capacitação para os professores usarem. Às vezes, o governo promove cursos, mas a gente não pode sair da sala de aula pra fazer esses cursos. A gente se vira, na verdade.

P10 - O problema que eu sinto, em relação aos próprios colegas, em relação a nós mesmos, é que a tevê já está começando a ficar obsoleta, porque a capacidade dela pra *pen drive* é muito pequena. Se você trazer um *pen drive* com 8 GB, não vai abrir, só abre de 2 GB. Dependendo do programa, você tem que converter, então essa conversão ela demora pra fazer. A gente demanda de muito tempo pra preparar as aulas. Tem a questão do desinteresse que a gente tem que batalhar muito pra conseguir fazer com que a aula se torne mais interessante. Às vezes, nem com todo material que você tenha de tevê, vídeo, computador, chama a atenção do jovem.

P12 - Não só comigo, mas acho que todos os colegas ficaram com a expectativa de como seria o funcionamento da tevê, por ser um equipamento novo, como poderia ajudar em sala de aula, como seria utilizado o *pen drive*, que na época (2007) tudo era bem novo. Algumas coisas que eu senti no começo, é que quando eu dizia pra eles (alunos), vou trazer um vídeo, eles perguntavam: mas professora vai ser um filme? Eu dizia, não, é documentário. Eles respondiam: mas documentário. Então eles não estavam habituados ao que era um documentário, sempre pensavam em filme.

P14 - A maioria não sabia nem como usar. Grande parte dos professores aprendeu sozinho. A SEED ofereceu o curso, mas foi para uma minoria de professores, e esses professores eram responsáveis por passar essas informações para os demais. E claro que isso não foi o sucesso esperado. Foi uma novidade, mas até a maioria saber utilizar foi complicadinho.

P16 - A gente foi evoluindo num processo de aprendizado em conjunto. Quando o CRTE fez essa formação, a gente também sentiu dificuldades. O Linux (sistema operacional) pra nós era novo, até com o próprio controle da televisão tivemos que nos adaptar, porque era diferente do controle do DVD ou das televisões comuns. Não foi um processo rápido, foi gradual, mas que a gente foi se adaptando e aprendendo. E quanto mais você aprende, mas você quer se aprimorar.

7 – Fontes de pesquisa – portal Dia a Dia Educação

Os professores passaram a navegar na internet em busca de materiais para complementar suas aulas na TV Multimídia. Mas é importante esclarecer que se trata de uma navegação na web com critérios pesquisa, em sites de informação sobre o tema da aula. Entre os endereços pesquisados está o portal Dia a Dia Educação, alimentado pela Secretaria de Estado da Educação. O portal é tido como referência pelo governo do Estado para auxiliar os professores, mas os professores não se limitam apenas a esta fonte de pesquisa. Nesse processo, o professor também é o editor do conteúdo que produz. Muitas vezes, inquieto em saber o que e onde encontrar o melhor conteúdo, o professor se confronta com dificuldades inerentes da própria educação, como destaca Forquin.

[...] todo questionamento ou toda crítica envolvendo a verdadeira natureza dos conteúdos ensinados, sua pertinência, sua consistência, sua utilidade, seu interesse, seu valor educativo ou cultural, constitui para os professores um motivo privilegiado de inquieta reação ou de dolorosa consciência. (FORQUIN, 1993, p. 9)

A transformação de conteúdos em aprendizado recebe uma reflexão profunda de Freire (1977).

[...] no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existências concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende. (FREIRE, 1997, p. 28)

Se transferirmos o ideal de Freire temos que o professor, mediador, detentor do conhecimento, que também aprende com a TV Multimídia, ao transmitir o conteúdo aos alunos, com capacidade de aprender, faça com que esses alunos se apropriem desse conhecimento e revertam esse aprendizado em algo que modifique suas vidas.

Os relatos dos professores sobre os conteúdos ensinados sinalizam que há um espaço para que essas reflexões ganhem força.

P1 - Eu utilizo os vídeos, trechos de filmes, às vezes, mas a composição das aulas é feita por mim. Preparo, escrevo, faço os slides, procuro os slides na

internet, tem conteúdo que a gente não encontra. O Dia a Dia Educação, utilizo 50%.

P2 – O portal ajuda mas não é 100% suficiente, a gente tá sempre procurando, tá lendo, procura revistas, no Google (site de busca na internet). Mas ele ajuda muito. Até porque esse portal é alimentado quase que diariamente. É uma ferramenta excelente, eu uso bastante o Dia a Dia. A gente vê os professores entrando e acessando o portal.

P3 - Já peguei conteúdos do portal Dia a Dia Educação. Tem outro site do governo que é muito bom, que é domínio público. Tem um monte de videozinho legal, que dá pra usar em sala de aula que é bem interessante. Só que o que enche o “saco”, porque são conteúdos pesados pra você usar em sala de aula, coisa do gênero, mas eu faço uso sim, mesmo assim. Algumas reportagens, documentários de educação, eu procuro o tempo inteiro na internet. Então eu vejo na internet, eu estou ouvindo o vídeo, estou lendo o texto, se eu achei interessante aquilo que eu ouvi do texto, eu paro o que eu estou lendo, vou lá e vejo o vídeo, já baixo o vídeo, pra eu usar.

P4 - Olha, depende, porque funciona assim, às vezes eles (portal Dia a Dia Educação) têm o assunto, mas não é da minha série que eu estou trabalhando no momento. Às vezes, não casa o assunto e, às vezes, já trabalhei e vi depois. Às vezes, eu vejo antes, gravo no *pen drive*. Mas é razoável, é bom. Alguma coisa eu pego.

P6 - Você vai pra internet e pesquisa várias coisas que você precisa de imagem pra exemplificar alguma coisa, aí é bem mais fácil. O portal ajuda, tem bastante coisa no site de imagens, de vídeos. São separados por assunto. Tem uns que são somente imagens e outros vídeos, trechos de filmes, eu estou olhando, sempre tem coisa nova.

P7 - Eu acho que eles (portal Dia a Dia Educação) teriam que buscar os conteúdos que a gente trabalha em sala. Por exemplo, colocam filmes, “n” partes de filmes, isso não é necessário, porque filme a gente pode trazer o DVD, a escola tem vários pares de DVD. Estava procurando conteúdo do imperialismo, aí eu fui olhar lá só tinha um e às vezes acontece de dar um problema ou outro. Tem alguns que eu aproveitei, mas é muito pouco do que a gente vai usar em sala de aula. Encontro mais na internet, mas dá trabalho pra converter.

P8 - Eu já entrei no portal. Alguns materiais já fiz uso sim. Mas às vezes o material que está lá, já vem meio pronto e direcionado, a temática que está lá não está na realidade do dia a dia da sala, da minha aula. Então tem material que eu não consigo encaixar. Mas muita coisa já utilizei sim, principalmente vídeos, documentários, que achei bem interessante, já trabalhei.

P12 – Quando a gente faz pesquisa na internet, tem muita coisa que a gente sabe que não é verídico, tem muito material produzido de forma incorreta, uma linguagem que não é própria para os alunos. A gente tem que ter esse cuidado de selecionar esse material. Escolher o que pode ser importante para o aluno e

para o próprio professor. Até mesmo em documentários, na hora que o professor está assistindo verifica que a linguagem não é adequada, tem que cortar certos pedaços, intervir explicando. Não pode só colocar lá e deixar, tem que ter um motivo, um porquê de você estar utilizando o material.

P14 - Os materiais do Dia a Dia Educação ajudam sim, os arquivos já estão convertidos. Eu acredito que o portal só ajuda no que a gente precisa.

P15 - Sou péssimo pra desenhar na lousa, então quando tem uma figura muito específica que não consigo passar no quadro posso apresentar na televisão. Inclusive no site da secretaria (portal Dia a Dia Educação) tem algumas imagens, fragmentos de vídeos, de som, pra gente poder trabalhar em sala de aula. Mas para a parte de matemática, tem os desenhos que a gente pode trazer em fotos pra sala de aula, tem os vídeos específicos, como aquele desenho “Donald no país da matemática”. O fato de ter a televisão na sala de aula ajuda bastante. O portal atende uma demanda. Pela implantação rápida que foi a tevê, você tem uma quantidade grande material no site funcionando e muito útil.

P16 - Eu utilizo, é bem organizado. Eu sou professora de História. Então vou na seção de História pra ver o que tem como documentários, filmes e selecionar pelo conteúdo que eu quero. Se quiser a Revolução Russa, vejo o que tem, assisto antes. E lá no portal já está tudo convertido, tem um ícone com o desenho de um *pen drive*, é só clicar para salvar o arquivo.

8 – Interatividade

A interação entre professor e aluno, processo que parece ser natural, merece uma análise cuidadosa entre as categorias que aparecem nas entrevistas. A interatividade em sala não depende apenas da TV Multimídia, ou acontece só porque a TV Multimídia existe, outros fatores envolvem essa relação entre professores e alunos.

As expressões *conversa*ção e *conversar* aparecem como troca comunicacional, conforme elucidam Braga e Calazans (2001). Para esses autores, a expansão do espaço das trocas de palavras leva à comunicação, e evidencia as conversas da sociedade com a sociedade.

Uma maneira (intuitiva e não definidora de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata de processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, criativa, ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita co-participação (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 16)

A educação interage com a comunicação nesse processo de interação e busca com isso aprimorar o ensino e o aprendizado. Com muito talento e dedicação, os professores das escolas estaduais de Curitiba começam a materializar essa troca produtiva por meio da TV Multimídia.

A escola, local de socialização e aprendizado, se abre para mais essa experiência de interatividade pelo audiovisual. Em uma sociedade que ganha forte valor ao aprender com a modificação do indivíduo, a escola pública, conforme elucidam Braga e Calazans, por Lílian do Valle, “se fez [...] um dos terrenos privilegiados de investimento de expectativas sociais; um lugar em que, por excelência, a sociedade se vê com os olhos da antecipação”. (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 37)

Com a palavra, os professores.

P1 - Eles já acham que a tevê é uma “carroça”. Eles acham que o formato dela é ultrapassado, que só lê arquivos daquele jeito. Mas não porque ela seja ultrapassada, mas porque eles têm acesso a outras tecnologias, então comentam isso quando a gente vai utilizar a TV Multimídia, mas eu vejo que é um comentário mais de adolescente mesmo que nunca tá satisfeito com nada. Eu acho que no fundo eles gostam.

P6 – Com a TV Multimídia não fica só a aula tradicional. Chama mais a atenção do aluno, prende mais a atenção, facilita, tanto para o professor quando para o aluno. Alunos estão muito acostumados com a tecnologia.

P8 - Eu vejo que eles se interessam quando você traz alguma coisa diferenciada, uma imagem, um trecho de um vídeo, um filme, eles gostam muito. Eu acredito que é bastante positivo, porque os alunos interagem, quando a aula é diferenciada pela tevê também.

P9 - A visualização que eles têm da aula, aproveitam mais quando uso a tevê. Outro dia estava falando sobre *piercing*, tatuagem, então eu trouxe imagens sobre isso. Então causa uma discussão polêmica na sala. Outro dia estava falando sobre violência no esporte, com cenas agressivas, então causa uma discussão legal. Às vezes, um mesmo filme que eles veem em casa, aqui conseguem ver de outra forma, pelo fato de podermos criar essa oportunidade de olhar com outra perspectiva.

P10 - Foi fantástico, porque a ideia deles (os alunos) de tevê era a do aparelho em si e do DVD. Sabe como era a tevê antes: faltava um professor, o pedagogo ia lá colocava um filminho pra eles assistirem, essa era a função da tevê na escola, cobrir falta de professor, o dia que o professor não estava muito a fim de dar aula, passava um filminho. A TV Multimídia acaba com isso, ou você prepara a sua aula pra passar, ou não tem como utilizar.

P12 - Ficou bem mais dinâmico e a interação entre professor e aluno facilitou bastante na aula, com o aprendizado, o reforço dos conteúdos.

P13 - Quanto liga a tevê todos os olhares se direcionam para o mesmo local, a grande tevê laranjada. A partir do momento que está passando algum conteúdo, iniciam as discussões, sempre positivas, além de manter todos focados no mesmo objetivo.

P15 - No primeiro ano foi uma novidade. Mas hoje é uma coisa comum, porque o controle está na mão deles. Pelo menos aqui nessa escola é um local em que os alunos têm acesso ao controle remoto, de manipular a televisão, de preparar um trabalho.

P16 - Eles querem ajudar com o controle remoto da tevê. Comentam os materiais que a gente leva. Agora que estou passado sobre o regime militar, gravei vários vídeos desde a música, o teatro como era na época, e eles comentam. Teve um aluno que citou uma cena de um filme que tinha uma letra de música que falava de tirania.

9 – Educomunicação

As escolas estaduais de Curitiba estão de portas abertas para os estudos da Educomunicação, mas estão mais ainda abertas para a aplicabilidade dos conceitos difundidos pelo Brasil de que a Educomunicação se apresenta como “uma renovação de práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente da infância e da juventude.” (SOARES, 2011, p. 15)

Atitudes de mudanças no ensino público preveem a utilização de tecnologias educacionais nas escolas, conforme explica Soares (2011). Documento do Ministério da Educação estabeleceu metas para o Ensino Médio, na década de 1990, pelas diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), as quais previam que esta modalidade de ensino abandonasse a perspectiva conteudista e fragmentada que a caracteriza para adotar uma visão interdisciplinar de ensino, baseado em três áreas de conhecimento (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza; Matemática e suas Tecnologias) (SOARES, 2011, 16)

Muito do que pressupõe sobre as teorias da Educomunicação já está acontecendo dentro das escolas, mesmo sem os professores conhecerem ou serem familiarizados com o tema. Soares prevê esse cenário e concorda que a prática de democrática comunicativa esteja se espalhando sem uma normatização ou

profissional da área. Mas os professores não se desqualificam por construírem esse cenário sozinhos, buscando, por conta própria, aprimorarem seus conhecimentos por meio de pós-graduações sobre mídias e educação, ou tecnologias educacionais.

As fotografias a seguir mostram a utilização da TV Multimídia por alunos, orientados pelo professor.



FOTOGRAFIA 3 – APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS PELOS ALUNOS
Crédito: Luis Otávio Dias



FOTOGRAFIA 4 – APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS PELOS ALUNOS
Crédito: Luis Otávio Dias

Os professores não têm tempo para esperar se concretizar o ideal de modelo de ensino preconizado por Soares por meio da Educomunicação. Os passos, no entanto, para essa distância de realidade diminuir, já foram iniciados, com a graduação da USP, por exemplo, e por especializações na área, que começam a se espalhar pelas universidades.

Nas conversas com os professores aparecem evidências claras das práticas da Educomunicação e lacunas que precisam ser preenchidas por essas práticas para aprimorar o ecossistema comunicativo, que, mesmo embaralhado, faz parte do sistema escolar.

P1 - Os alunos estão muito acostumados com a informação imediata da tevê, da internet, dos e-mails. A TV Multimídia cativa esse aluno, pra chamar a atenção dele, pra algo diferente, diferente do livro, diferente do texto como eu já disse, mas ao mesmo tempo eu tenho medo de uma desvalorização do material impresso, porque essa geração é toda comunicação, só é ligada nesses meios. [...] Eles ficam paralisados com o vídeo, mas se for muito comprido, eles se desinteressam. Mas o desinteresse hoje na educação é um tema muito atual e a gente às vezes questiona se ele (o desinteresse) não é provocado por essa “chuva” de informações que eles (os alunos) têm no dia a dia.

P3 - A tecnologia não resolve o problema da educação se o aluno não tiver interesse em usar. Eu posso passar mil slides num *power point* (programa editor de slides), mas vai aprender? Não, não existe isso. Não adianta colocar a expectativa na tecnologia se você não faz um bom uso dela. Ela deve ser complementar e não o cerne da questão. [...] Eu acho que o aluno sempre foi preguiçoso e hoje o que muda é a ideia de que tudo é muito fácil pra ele. Ele não sabe como pesquisar. Pra que ele usa a internet? É *Orkut*, *Facebook*, *Messenger* (redes sociais de relacionamento no ambiente web). Agora quando é pra estudar de verdade, procurar alguma coisa, ele não sabe. Seria muito útil se ele soubesse usar a ferramenta pra conhecimento. Não me esforço (o aluno) em questionar, em buscar alguma coisa a mais.

P4 - Pra você ter uma ideia, na oitava série, os trabalhos bimestrais eles são feitos assim: eu dou literatura sempre pra eles, um bimestre eles escolhem os livros, o outro eu indico. E a apresentação, geralmente, 90% dos alunos usam a tevê pra demonstrar o trabalho, o que eles quiserem podem demonstrar. Por exemplo, *Dom Casmurro*, eles podem trazer os trechos do filme, até esse novo que passou na Globo³⁵ (Rede Globo) tempos atrás. [...] e os alunos também trazem material. Eles falam assim, professora dá cinco minutinhos da sua aula pra eu passar um negócio aqui pra turma. Às vezes não tem nada a ver com a

³⁵ Minissérie brasileira “Capitu” produzida pela Rede Globo, no Brasil, canal 12. Com cinco episódios exibidos de 9 a 13 de dezembro de 2008. Baseada no livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis, foi escrita por escrita por Euclides Marinho com a colaboração de Daniel Piza, Luís Alberto de Abreu e Edna Palatnik, e direção geral e de núcleo de Luiz Fernando Carvalho.

matéria que você passou, mas é algo interessante. Eu vejo o que é antes. Cinco, dez minutinhos, eu permito.

P5 - O professor cria o elo entre o aluno e a comunicação. Nem todos usam iguais, eu trabalho de uma forma, outro trabalha de forma diferente. Na ciência eu uso de um jeito, na matemática de outro. [...] Já trabalhei com a TV Cultura³⁶, num programa da Dengue, teve outro sobre sistema solar, o Discovery (canal por assinatura) eu também acesso algum documentário e trago pra eles.

[...] O ano passado (2010) eles criaram sites na internet. Teve um aluno que chegou e falou, olha professora vamos começar a colocar as nossas aulas, os vídeos que a senhora passa. Ele criou lá “Ciência ao Extremo”, a gente alimentava. Esse ano ficou abandonado, porque estou mais aqui com eles. Aí a outra sala viu, aí a outra menina fez, daqui a pouco estava com cinco seis sites. Eu falei gente eu não posso alimentar os cinco, seis, eu preciso ter vocês pra ajudar, vocês pegam o *pen drive*, vão lá e editam.

P7 - Eu sempre deixo os alunos à vontade, eu sempre falo se quiserem trazer algum material. Eles sempre interagem muito comigo. Os alunos que mexem com o controle remoto da tevê, porque eu não tenho intimidade com o controle, eles que usam. Lá da carteira eles falam professora faz assim, então eles ajudam bem a gente.

P8 - Eu vi uma reportagem no Fantástico (programa no formato de uma revista eletrônica exibido aos domingos à noite, por volta das 20h30, no Brasil, pela Rede Globo de Televisão) sobre um determinado vulcão, em tal dia, então normalmente tem no You Tube. Quando não tem, eu pego no site do próprio programa, que disponibiliza, então eu faço o *download*. Eles acabam achando mais atrativo, porque é uma matéria que passou em tal programa, eles gostam, até por se identificar com o apresentador, prende mais a atenção.

[...] Normalmente eu faço seminários e apresentações. Quem for trabalhar com imagens, traz a imagem nesse formato. Vídeos? Tragam vídeos curtos, não prolongue muito – nesse formato. Tem alunos que mexem tanto com isso, que já têm mais conhecimento. Eles trazem e apresentam. Um ou outro que tem um pouco de dificuldade, mas eu explico como tem que ser o formato de imagens. Têm sido muito legais as apresentações.

P9 - Hoje tá muito automático esse negócio da tecnologia. Meu filho navega bem. Eu tenho um pouco de dificuldades, mas ao mesmo tempo, eles sabem tudo. Quando a gente pensa que coloca alguma coisa nova pra eles (os alunos), a gente tem a resistência de um lado e a curiosidade de outro. Aos pouco vamos unindo essas questões e fica legal, fica divertido. Eu sinto falta de outras disciplinas, às vezes, não variar a aula, não utilizar tanto a tevê, não deixar a aula mais dinâmica.

³⁶ Emissora de televisão brasileira pública e comercial de caráter educativo e cultural, mantida pela Fundação Padre Anchieta, com sede em São Paulo/SP e afiliadas em todo o Brasil. No Paraná é retransmitida pelo canal 9.

[...] Eles podem utilizar a tevê com materiais sobre a disciplina. Outro dia um aluno trouxe um material de futebol, algumas coisas que ele achou legal. Eu assisti antes e depois passei pra eles.

P10 - Em 2008 e 2009, a gente montou um projeto de história da cultura afro-brasileira e africana, e a gente usou muito a tevê. Usamos a tevê pra passar um filme sobre Mandela³⁷. A gente apresentou pra eles Martin Luther King³⁸, que eles não conheciam. A gente viu, por exemplo, a presença do negro na televisão mesmo. Então são vários fatores que ajudaram bastante a presença da tevê em sala.

[...] A questão do jornalismo fica até bastante acessível, porque você vê a reportagem, digita o dia que você assistiu, o horário e acha. Hoje de manhã, eu estava trabalhando com os alunos a crônica esportiva, e é uma delícia você trabalhar a questão do jornalismo também.

[...] A gente fez um trabalho de inglês sobre a história do Rock 'n Row. Eles montaram as aulas no *pen drive*, com as histórias das bandas, com imagens, músicas, letras, traduções. A gente dividiu em grupos, foi um trabalho bem interessante. No final, eles levam com eles. Teve outro grupo de alunos que fez um trabalho bem legal chamado “O Brasil de todas as cores”, que foi o projeto que a gente fez de cultura afro, então os meninos conseguiram se mobilizar e montar o trabalho, produzindo o próprio texto, com toda a dificuldade que o jovem e o adulto tem pra estudar. Eles se sentiam motivado a partir desse trabalho que a gente desenvolveu na escola.

P11 - Lógico que a televisão nos ajudou. Na verdade, o grande problema, hoje, da tecnologia na sala de aula, eu acho que é o não preparo do professor, e não é nem por culpa do professor. Eu acho que é mais pela falta de tempo. Se pegar a maioria tem 40 horas de aula. Eu, por exemplo, tenho 65 horas. Então você tem o final de semana pra preparar sua aula. Pra tevê demanda um tempo que às vezes não tem.

[...] Eu já pedi trabalhos para os alunos do ensino médio, até da oitava série, que apresentassem usando a TV Multimídia. Pra eles, é muito mais fácil, eles sentam na frente do computador e fazem o que querem, porque têm a prática.

P12 - Na realidade a comunicação sempre esteve presente em sala. A única coisa é que ela não era utilizada para fins educacionais. Só era colocada a tevê como uma forma do pessoal relaxar, descansar. Pra mim, a tevê se tornou uma forma agradável de poder fazer a ligação entre o conteúdo e a própria comunicação mais voltada pro ensino. [...] Eles (os alunos) já montaram projetos e utilizaram a TV Pen Drive como forma de apresentação dos trabalhos, complementando a parte escrita.

³⁷ Nelson Rolihlahla Mandela, ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid.

³⁸ 1929-1968. Um dos mais importantes líderes pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos e no mundo.

P14 - Eles preferem aula dessa maneira com a tevê. Eles estão acostumados com aulas com recursos tecnológicos. Mas isso vai de professor para professor. Tem os que preferem escrever no quadro, mas aquele que vem com novidade, esteja preparado para o retorno dos alunos. Eles estão acostumados a ter uma aula interativa diferente.

P15 - Estou trabalhando num projeto musical com eles que envolvem clips de música, então eu já tenho todo um aparato de arquivos no meu computador que eu já converto e ajudo-os a converter o que eles trazem pra passar na televisão. Já passei alguns documentários quando dava aula de ciências e também alguns documentários da TV Escola³⁹. Também tem alguns conteúdos da TV Paulo Freire, voltado ao professor, mas que acaba sendo interessante passar para os alunos em sala.

P16 - Passei um trabalho para que eles apresentassem na tevê cenas que representassem o regime militar em forma de teatro. Eles filmaram e fizeram tipo um jornal, pesquisaram na internet imagens que retratavam o que eles estavam falando e montaram todo o conteúdo. Teve outro trabalho que eles fizeram sobre profissões e um grupo fez um trabalho sobre os bombeiros para apresentar na TV Pen Drive. Foi impressionante. Eles fizeram a produção, filmaram a entrevista com o tenente-coronel responsável, passaram a entrevista na televisão, tiraram fotos, foi muito bom. Veja a habilidade que eles têm.

10 – Cultura da Escola

Buscou-se nesta seção trazer momentos relatados pelos professores para entendermos os costumes, a cotidianidade escolar, a transmissão cultural da escola, as questões sobre o que verdadeiramente deve ser ensinado, a interface entre educação e comunicação, os valores, a logística dos professores, para compor o cenário da cultura da escola ao programa de governo com a implantação das TVs Multimídias.

Forquin (1993) suscita em Raymond Williams um ponto de vista sobre cultura que passa pelo conteúdo, um dos elementos centrais desta pesquisa e que demanda atenção por parte dos professores. É um recorte sobre o ponto de vista de Williams, mas que cabe uma reflexão e atenção ao conceito de seleção cultural esboçado por ele.

³⁹ A TV Escola e televisão pública do Ministério da Educação (MEC), no Brasil, destinada aos professores e educadores brasileiros e alunos, De acordo com o MEC, a TV Escola não é um canal de divulgação de políticas públicas da educação. Ela é uma política pública em si, com o objetivo de subsidiar a escola e não substituí-la.

“Williams nos diz que os conteúdos do ensino são um produto de uma seleção efetuada no seio da cultura. Isto significa que não se ensina tudo o que compõe uma cultura, e que toda educação realiza uma combinação particular de ênfases sobre algumas coisas e de omissões de algumas outras coisas. Nesta perspectiva, a cultura é considerada como um repertório, um fundo, um tesouro no interior do qual a educação efetua, de certo modo, extratos para fins didáticos. A cultura é, neste sentido, o objeto de seleção, o material de a para a seleção. (WILLIAMS apud FORQUIN, 1993, p. 37 e 38)

Os estudos de Williams passam pelas transformações do sistema educativo britânico dos anos de 1960, num período em que a qualidade da educação se media quase que, exclusivamente, pela expansão quantitativa e raramente pelos conteúdos. O conteúdo aparece, aqui na pesquisa, como um elemento que circula em todas as categorias apresentadas para a análise das entrevistas. A prática da seleção de materiais pelos professores entrevistados revela que os ensinamentos passam por uma mudança estrutural dentro da escola.

Criaram-se inúmeras possibilidades de diversificação de conteúdos pesquisados de fontes que tem a internet, a principal como hospedagem. É compreensível que essa seleção do material ensinado, que serve de complemento nas aulas, ocorre devido ao avanço tecnológico dos últimos 20 anos com a expansão da internet. Mas são essas mudanças que constroem e configuram a cultura da escola neste momento. Resgatando o que o professores livremente comentaram em todas as entrevistas, a cultura das escolas estaduais de Curitiba apresenta vertentes sólidas, um campo aberto ao conhecimento e discussão da interface comunicação/educação.

P1 - A TV Multimídia faz parte das atividades da escola. Inclusive eles agendam horários para a utilização do laboratório para os alunos prepararem conteúdo pra tevê. Os alunos utilizam o *pen drive* do professor, o técnico os auxilia. Faz parte do nosso dia a dia.

P2 - Eu acho que se tirar a TV Multimídia da sala hoje, se dizer: a partir de amanhã não tem mais tevê, eles (professores) vão sentir falta disso. A escola já incorporou a tevê, porque qualquer escola de Curitiba que você fale da TV Laranja, todos sabem que têm. E a gente sente falta. Por exemplo, nesses quatro anos que tem a tevê, algumas estragaram e às vezes naquela sala ficou sem o aparelho por uma semana, e sentiram falta. Os professores nos cobraram, cadê a tevê?

P3 - Mas na escola não se cobra absolutamente nada, você faz o que você quer, da maneira que você quer e ponto final. A televisão está ali. Eu acredito que, infelizmente ou felizmente, vai muito do ideal do professor, daquilo que

ele está fazendo, se ele escolheu aquilo pra fazer, ou se foi o que sobrou pra ele fazer foi dar aula. Como que ele vê os alunos dele, se vale a pena eu investir, no sentido de pesquisar pra montar uma aula legal pra fazer uma coisa, eu não digo diferente, mas pra ilustrar aquela aula tradicional, colocar uma imagem, sei lá alguma coisa, pra explicar o detalhe, aquela virgula que você sabe que é difícil de compreender.

P4 - Eu não sei aqui na escola, porque quando eu entrei aqui as televisões já estavam instaladas. Mas na outra escola quando eu estava lá e eles instalaram com os professores lá falaram sim, o diretor falou que era uma ferramenta a mais para o nosso cotidiano de trabalho, que vai ser muito bom para os alunos. Aqui o diretor deixa bem livre para usar.

P5 - Aqui a gente tinha bem pouca coisa. Eu usava muito com eles (alunos) aulas externas, principalmente na parte de ciências, com passeios, com visitas. Agora na escola mesmo, aqui, era mais o quadro e, às vezes, o retroprojeter. Ainda uso o retroprojeter. Na época em que fiz estágio a gente usava muito slides, ainda tenho muito jogo de slides, na área de ciência, sistema solar, mas que foi ficando e a gente não usa mais. [...] Na escola que eu estou agora, é maior que essa, e a TV Multimídia é bem usada. Eu vejo que eles usam bastante, mas ainda não é 100%, eu digo assim 60%.

P6 - Você já conta com esse tipo de equipamento quando você vai planejar a aula. Hoje a gente está esperando alguma coisa nova, para o futuro. A tevê hoje em dia faz parte da aula, pelo menos na minha disciplina é imprescindível, é ruim quando a gente entra numa sala e a tevê não está funcionando.

P7 - Na sala, a gente usava o DVD normal. Mas eu já trabalhei no interior (em uma cidade no interior do Paraná) e não tinha nada, nem livro didático. Quando chegou o livro a gente fez aquela festa. Mas a única coisa era o DVD. A gente preparava trabalho em casa com computador, mas nem tinha como trazer.

P8 - Você pode utilizar, o controle remoto (da TV Multimídia) está disponível pra quando você quiser. Eu uso tanto a tevê, que nesse colégio, por exemplo, eu já pedi autorização pra ficar com o controle remoto direto comigo, depois devolvo no fim de semana, pra não ficar devolvendo no final da aula. Sobre o processo de inclusão das tevês pela escola, eu veja que isso está ocorrendo. Até tem projeto que a escola lança incluindo a tevê. Na semana de formação⁴⁰ os próprios pedagogos trazem algum material que foi passado do NRE que incentivam o uso da tevê.

P9 - A tevê faz parte dos planejamentos da escola. Cada professor utiliza do jeito que achar melhor. E eu acredito que tem professor que não usa o ano inteiro, por medo de aprender, resistência. Tem que ver que a gente lida com uma geração da tecnologia, avançada.

P10 - Eu percebo assim, nas duas escolas que eu trabalho, nas reuniões pedagógicas, os diretores dizem que a gente pode usar, que é pra usar. Na

⁴⁰ Política educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná voltada para a formação continuada de professores.

semana pedagógica, a pedagoga que veio passar uma mensagem pra gente, ela disse: gente olha como é gostoso, vocês também tem que proporcionar esses momentos para os alunos. Então, existem escolas que eles estimulam bastante os professores usar.

P11 - Na verdade a sala já é um ambiente extremamente tecnológico, se você parar pra pensar, o quadro é uma tecnologia, e não dá pra dizer que é ultrapassada. O quadro e o giz estão aí ainda. [...] Esse colégio é um tanto diferenciado, e nós já tínhamos televisão na sala. Quando veio a TV Pen Drive, era diferente por causa da suas especificidades. [...] Quando eu cheguei aqui já existia televisão na sala de aula. No começo até causou certo alvoroço. Tem professores que já não conseguem mais dar uma aula sem a TV Pen Drive, estão completamente dependentes. Eu não vejo, pelo menos aqui, que essa tevê deu início a uma cultura escolar, porque já existia tevê aqui antes. E acho que tem professor que usa como se fosse uma tevê qualquer.

P12 - É deixado bem livre. É uma escolha do profissional de utilizar. Porque quando a gente vai trabalhar com o *pen drive*, tem que ter certo tempo pra preparar a aula, deixar o conteúdo na extensão que a tevê lê. Então precisa de um pouco mais de tempo, e nem todos os professores têm esse tempo. Ficando livre para o professor, ele tem essa oportunidade de escolha. [...] Eu vejo em várias áreas, conversando com os professores, de que a tevê já faz parte do contexto educacional de ambas as escolas que eu trabalho. Todos os professores buscam em algum momento complementar a sua aula, tendo um objetivo e um por quê. Se você achar que só o quadro de giz e o livro dá conta, não vai suprir as necessidades dos alunos.

P13 - Na minha escola todos têm acesso à TV, todos possuem o controle remoto, basta os professores utilizarem, porém muitos ainda têm resistência à tevê. Mas o ambiente é livre para praticar. Há ainda uma TV laranjada na sala dos professores para que possam revisar os conteúdos para não serem surpreendidos durante as aulas. [...] A tevê está inserida no meio de convívio, porém ainda é pouco utilizada, mas o futuro tecnológico esta próximo, quanto maior a resistência pior será.

P14 - Cada um usa a tevê de acordo com a facilidade. Os professores de filosofia e sociologia usam pra passar filmes, porque cabe exibir um filme dentro da disciplina, podem passar trechos de filmes. Até estou orientando os professores como pegar apenas trechos dos filmes que são mais interessantes.

P15 - São os professores mais novos que utilizam ou os professores mais antigos do Estado, mais velhos, que têm interesse em desenvolver práticas utilizando a televisão, que têm um olhar voltado para o futuro, que acabam utilizando, indo atrás pra entender como funciona. Ou mesmo se não entendem pedem ajuda. Ou tem essa busca ou a parceria dos colegas pra ensinar quem não domina o equipamento. Mas ainda em algumas escolas a utilização da tevê está engatinhando.

P16 - A televisão faz parte do dia a dia da sala de aula e por isso não faz mais a diferença, porque a gente não tem mais aquela insegurança, aquele medo, a gente já sabe lidar com a televisão de certa forma melhor, além da comodidade que a gente tem. [...] Mesmo os professores novos que chegaram a pouco tempo na escola nos ajudam a usar a televisão. A gente faz essa troca de experiência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende com este capítulo encerrar o debate sobre as perspectivas que se apresentam para a Educomunicação no Paraná. O que se espera daqui para frente é ampliar e aprimorar as pesquisas pertinentes ao conceito desse campo do conhecimento que transita pelas áreas da comunicação e da educação.

Ao concluir o que se pode chamar de uma etapa na vida de um pesquisador, ficam considerações sobre o caminho percorrido. Os olhares sobre o objeto TV Multimídia e sua relação com a Educomunicação revelam um verdadeiro campo aberto à pesquisa empírica, mesmo quando se trata de uma política pública, como a que se apresenta neste trabalho.

Quando nos vemos frente a um cenário como o que se encontram as TVs Multimídias, envoltas por questões políticas, interesses pessoais, trocas de comandos de governos, questiona-se de imediato a eficácia do projeto e sua durabilidade ao longo dos anos.

Importante ressaltar que principal elemento que me motivou a pesquisar a TV Multimídia foi o fato de o campo empírico se situar nas dependências do ensino público. Um motivo mais que compensador.

A pesquisadora francesa Jacquinet-Delaunay expressou sua preocupação com projetos como os da TV Multimídia, modelo que ainda tem espaço na França, de se preservar sua permanência e continuidade. Retomando o ponto de vista dela é que se dá muita importância para o material durante um tempo, mas não o suficiente para torná-lo duradouro. Essa questão permeou o trabalho com as TVs Multimídias durante toda a pesquisa de campo.

Desde o início dos meus estudos no Mestrado da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2009, ainda como aluno de uma disciplina isolada, o fato do objeto da pesquisa fazer parte de uma política de governo não foi deixado de lado.

Durante esse período, o Paraná passou por uma eleição majoritária, em outubro de 2010. O grupo político do então governador Roberto Requião (PMDB), que vinha de uma reeleição, não continuou no comando do Estado. Assumiu o governo do PSDB, com Beto Richa. As entrevistas com os professores ocorreram exatamente em 2011, primeiro ano do novo governo.

A pesquisa transitou entre um governo e outro, o que permitiu perceber que as preocupações apontadas por Jacquinet-Delaunay, por enquanto, estão sob controle. A SEED manteve os aparelhos em sala, a equipe do setor Multimeios responsáveis pela TV Multimídia continuam atuando e os arquivos do portal Dia a Dia Educação, destinados exclusivamente para a TV, estão sendo atualizados.

O governo atual modificou o *layout* da página na internet da SEED, mas a seção reservada à TV Multimídia não foi retirada do ar e permanece com o conteúdo dos anos anteriores. Isso mostra a continuidade do projeto e que a permanência das TVs nas salas de aula está consolidada.

O fato é que as TVs Multimídias pertencem ao Estado, foram pagas com dinheiro público, num processo que resultou na compra de 22 mil equipamentos conforme era a meta do governo. Na teoria, os objetivos do projeto atendiam os anseios do governo, como contou o assessor da Ditec. Mas na prática, todo o processo não ocorreu como previsto, até porque cada professor trabalha com a televisão de forma diferente.

O objetivo principal é trazer a tecnologia, os recursos, que estão disponíveis nos laboratórios de informática que já estavam implantados nessa época, pra dentro da sala de aula. Então o professor pode ir acessar o laboratório com acesso à internet na Paraná Digital, selecionar os recursos que ele quer usar na aula, que lá ele tem um aparelho disponível. Ele salva os arquivos no seu *pen drive* no laboratório e traz para a sala de aula. Uma maneira que a Secretaria encontrou de deixar a tecnologia mais próxima ainda do aluno e do professor também. (ENTREVISTA ASSESSOR 1, 2009)

O fato das televisões estarem fixadas permanentemente nas paredes das escolas foi uma das curiosidades que aguçou o interesse em pesquisá-la, em entender esse processo de evolução do ensino no Paraná.

O encaixe do projeto do governo com os estudos da Educomunicação se deve, naturalmente, pela proximidade que ambos têm um com o outro na interface da educação e da comunicação.

Essa proximidade revelou-se inquieta e perturbadora. De um lado temos a tentativa de fixar as práticas da Educomunicação no Brasil e, de outro, as ações isoladas de governos tentando ajustar modelos e práticas de usos de tecnologias educacionais no ensino público. Essa dicotomia anda lado a lado atualmente.

A extensão das práticas da Educomunicação não se expandiu por todo o Brasil ainda. Os professores entrevistados desconhecem o termo, e o que ele

significa, o que não está impedindo de realizarem experiências próximas da Educomunicação. O professor e coordenador da ECA/USP, Ismar de Oliveira Soares, adianta que essa situação é normal. Ele prevê em seus estudos que professores, alunos, e a escola fazem uso da Educomunicação sem saber o que ela simboliza para o ensino.

Isso de fato acontece nas escolas estaduais do Paraná. A escola como um todo está construindo o que Soares (2011) chama de ecossistemas comunicativos. Ao difundir o conceito de Educomunicação, Soares lembra que documento da Unesco revela que “ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo é uma meta que vem sendo perseguida, no Brasil e no exterior.” (SOARES, 2011, p. 15)

O documento da Unesco, segundo Soares, revela que, quando essa geração de jovens é orientada por adultos significativos (pais, professores, gestores de projetos sobre mídia e educação), se vê mais comprometida com um mundo mais comunicativo, “contribuindo para que os meios de informação estejam a serviço da edificação de uma sociedade mais humana, pacífica e solidária.” (SOARES, 2011, p. 15)

O que os professores de Curitiba nos revelaram foi um cenário muito próximo ao citado acima. O ambiente da sala de aula democratizou a aproximação dos alunos ao uso da TV Multimídia de forma orientada. Os professores mediadores são responsáveis pela condução de todo o processo, criado a partir das instalações dos televisores.

Embora a afirmação não seja verdadeira para todo o conjunto de escolas públicas do Paraná, há uma tendência a ser seguida com o passar dos anos, de que a TV Multimídia será incorporada ao modelo de ensino paranaense.

Essa cultura escolar merece ser aprimorada. Os esforços dos professores em aprender a mediar o ensino pela TV são merecedores de aplausos. Mas o campo de realização é vasto e muitas das dúvidas e medos apresentados por eles precisam ser sanados.

Como explica Soares (2011),

a Educomunicação não diz respeito imediata ou especificamente à educação formal nem é sinônimo de Tecnologias da Educação (TE), ou mesmo de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). No entanto, a escola se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção desse conceito. Com

relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos. (SOARES, 2011, p. 18)

A mediação é outro elemento fortemente presente na relação dos professores com a TV Multimídia. O mediador professor se deu conta dessa realidade ao perceber o que essa é uma questão essencial para que a implantação da TV Multimídia tenha resultados eficazes.

Pensar a mediação é uma das propostas de Citelli (2004), para que a relação da escola com novas linguagens se estabeleça com precisão. Para ele, deve ser levando em conta o papel do emissor, do receptor e dos meios.

Os professores se reconhecem mediadores da informação e do aprendizado pela TV Multimídia.

P14 - Hoje em dia os alunos têm a informação está disponível em todo momento. O que eu vou falar em sala de aula, por exemplo, se o aluno não estiver interessado, ele vai lá e consegue essa informação antes. Então nós professores temos que fazer o papel de mediadores desse conhecimento empírico que eles trazem de uma forma mais científica.

P15 - Tanto a oralidade, quando a escrita, habilidades que usamos no nosso dia a dia, porque por mais que usem a internet, vice precisa saber escrever, se expressar, e de repente há uma dificuldade grande. Mas na medida em que (os alunos) vão ter acesso essas tecnologias, que possam manipulá-las, com correções e mediações, eles evoluem no falar, na expressão.

A televisão ocupa o centro dos debates sobre cultura de massa desde o seu surgimento na década de 1960 mediando as falas para as massas populares na transmissão de valores de classe e raça, como se pode ver nos estudos de Martin-Barbero. A televisão fez papel de grande interlocutor frente à nova dinâmica cultural da época.

A televisão unifica para todo o país uma fala na qual, exceto para efeito de folclorização, a tendência para a erradicação das entonações regionais. E com sua obsessão pelo que é atual, ou melhor, pela atualidade, a televisão suplantar as temporalidades e os ritmos num discurso que procura tornar tudo contemporâneo. Claro que também a ela se deve a modernização das massas marginalizadas ou atrasadas. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 271)

A massificação pela informação promovida pela televisão ganhou novos canais de divulgação. Com a internet, a informação se multiplica por variadas telas,

nos celulares, nos computadores, nos modernos *tablets* (computadores portáteis) e iPhones. A informação está em todo lugar, acessível a qualquer tempo.

Essas mudanças na temporalidade de que tudo está ao alcance de todos, em tempo real, transitam nos ensinamentos da TV Multimídia. Nas falas dos professores, ficou evidente a preocupação com acesso ilimitado que os alunos têm na internet e a interação imediata que acontece na sala de aula com os conteúdos apresentados pelos professores.

O cuidado com o conteúdo transmitido é constante por parte dos professores. Mas ainda que tudo seja acessado por todos, o que muda é a forma de pesquisa que faz para obter esse material e a usabilidade da internet praticada pelos alunos. O rastreamento realizado pelo professor, para buscar materiais de suporte às suas aulas, requer conhecimento, aprendizado e paciência. O acesso dos alunos nem sempre segue essa premissa.

O posicionamento dos professores ainda é discreto com relação à TV Multimídia, com apenas 28% de um grupo fazendo uso constante da TV em sala. Mas, se considerarmos as condições com o projeto do governo foi implantando, como foi descrito no decorrer do trabalho, deve-se parabenizar os professores da escola pública. A atitude desse grupo vai influenciar outros colegas, como já está acontecendo, e se os colegas não se atualizarem perderão espaço dentro da própria escola, que começa a se modernizar.

As ações isoladas de governos para implantar projetos que envolvem tecnologias de informação e comunicação são a prova de que, num futuro próximo, todas as escolas estarão inseridas, de alguma maneira, nesse contexto.

Para citar um exemplo, em Tibagi, cidade distante 230 km de Curitiba, a Prefeitura implantou, em 2011, lousas interativas multimídias, chamadas de lousas digitais, no lugar do giz e do quadro negro, em todas as escolas municipais da cidade. O recurso permite escrever sobre a projeção por sensores e o projetor possibilita interação com softwares de apresentação de slides, programas e sites da internet, diretamente na superfície da lousa.⁴¹

Fatos desse tipo aparecerão com frequência. Depois da TV Multimídia, como foi comentado, outros estados da Federação visitaram o Paraná para conhecer o

⁴¹ O projeto está descrito na página da Prefeitura de Tibagi no endereço <http://www.tibagi.pr.gov.br/site/modules/news/article.php?storyid=2553>. Acessado em 23/03/2012.

projeto de perto e levaram a ideia para as suas regiões. O modelo do Paraná, pioneiro no Brasil, está se expandindo.

Pela reportagem da revista *Época*, na seção 5.1, percebe-se que os modelos de apropriação de tecnologias ocupam espaço em escolas do mundo todo. As escolas públicas de Curitiba estão inseridas neste contexto.

Novos campos de pesquisas se abrirão e se apresentarão com as mesmas deficiências, ou algumas delas, apresentadas neste trabalho, visto que ainda está se construindo uma rede de conhecimento sobre como tornar as práticas da Educomunicação hegemônicas. Tudo isso até se consolidarem como políticas públicas, proposta que vem sendo debatida pela ECA/USP.

O sucesso e as deficiências constatados pela análise de dados das entrevistas revelam que as pesquisas em Educomunicação encontram no Paraná uma janela de oportunidades. O acesso facilitado à TV Multimídia é um dos dados que aparece praticamente em todos os depoimentos. O *layout* da sala de aula, agora composto com a TV fixada na parede, se revela prático e dinâmico.

P1 - A gente não tem sala de aula específica para o uso de tevê com DVD, era muito trabalhoso você deslocar esses aparelhos pra sala de aula.

P8 - Eu não preciso levar mapas pra sala de aula hoje em dia, porque eu posso trazer a imagem do mapa no *pen drive*.

P12 - A mão de obra que dava quando você precisava passar alguma coisa era muito grande, tinha que se deslocar para um auditório, pedir pra alguém preparar o equipamento com antecedência.

A apropriação que o professor faz da TV Multimídia, principal objetivo desta pesquisa, mostra que as mudanças causadas no cotidiano da vida escolar docente resultaram em algumas questões-chave para o aprimoramento das aulas. As aulas tornaram mais dinâmicas e interativas, com o complemento de vídeos, áudios e imagens à disciplina.

P7 - Eu uso muito como revisão ou como introdução do assunto. É um outro formato, porque chama a atenção.

P8 - É bem diferente, hoje, eu trabalhar vegetação com os alunos, apenas falando, e mostrar os exemplos de vegetação. Porque às vezes, mesmo o livro didático não é tão chamativo, tão empolgante para o aluno quanto na tevê.

P10 - Para as aulas de inglês, ficou fabuloso, por causa da música. Antes você tinha que levar radinho, levar CD, agora você põe tudo ali em formato mp3, vai tocar, vai abrir, não tem problema nenhum.

Mas os professores enfrentam um problema crucial e constante nas suas tarefas escolares. A falta de tempo para preparar as aulas, a inexperiência em manusear alguns recursos tecnológicos, como a conversão de arquivos compatíveis com o modelo da TV Multimídia e as dúvidas pedagógicas de qual formato de conteúdo é mais adequado para apresentar aos alunos são dificuldades que os professores estão sentindo no dia a dia.

Mesmo assim, não se intimidam, arregaçam as mangas e vão em frente. Os imprevistos que acontecem no meio do caminho são resolvidos com outros colegas professores ou com um técnico de informática da escola.

P4 - É que também não é muito fácil você tirar da internet e colocar na TV Pen Drive. Eu aprendi, mas tem professores que não têm essa habilidade. Aqui na escola não tem ninguém que auxilia.

P5 - Tem muitos professores que ainda têm muito receio de usar a TV Multimídia. Eu percebo que colegas meus têm dificuldades. Sempre estou tentando ajudar

P7 - Tem gente que fica incomodada, porque demanda tempo, você tem que pesquisar, tem que ir atrás, tem que olhar os vídeos, tem que assistir, pra depois passar.

P9 - Temos um técnico, mas não fixo. Ele atende toda a área do nosso setor. Uma vez a cada 15 dias, uma vez por mês, sempre ele fica aqui com a gente tirando dúvidas.

P15 - Não é só uma televisão que está ali pra gente passar um filme, por exemplo, mas é uma televisão que a gente pode usar como um material de sala de aula, tão importante, tão interessante como o quadro negro.

A contribuição dos 16 professores do ensino fundamental, das escolas estaduais de Curitiba, ao participarem das entrevistas, matéria-prima desta pesquisa, foi fundamental para que se chegasse a um entendimento sobre a apropriação das TVs Multimídias pelo ensino público.

Espera-se que outros apontamentos sobre o tema contribuam para a excelência do debate da pesquisa epistemológica e empírica.

As escolas não se esquivaram do desafio de adaptarem-se ao modelo, de aprenderem, errarem, acertarem, mostrarem para esta pesquisa que estão abertas ao novo. Assim como dispostas a receberem pesquisadores que contribuam para o seu crescimento, para mudanças e interpretações sobre a cultura escolar frente às tecnologias de informação e comunicação.

As telas que se multiplicam pelas escolas se espalham por todo o Estado, criando oportunidades para os estudos da Educomunicação.

Ao concluir esta fase do trabalho de Mestrado, desejo me somar a tantos outros pesquisadores e professores que se dedicam a levar este debate adiante.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **La cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento**. Barcelona: Barral, 1974.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. Coleção polêmicas do nosso tempo; 78.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação & Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. 3ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

Dicionário Digital. Consultado em <http://www.infowester.com/>. Acessado em 20 de junho de 2009.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **A escola e o fenômeno midiático**. Revista Comunicação e Educação / Revista do Curso Gestão da Comunicação do Departamento de Comunicação e Artes da Escola da Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Ano 12, n. 3 (set-dez, 2007) – São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, p. 73-80.

_____. **Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga; HORN, Geraldo Balduino. **Diálogos e Perspectivas de investigação**. Ijuí: Unijuí, 2008, p.95-119.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José Eustáquio. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. Série Escola Cidadã. São Paulo: Instituto Paulo Freire e Cortez, 1997.

GINZBURG, C. **El queso y los gusanos. El cosmos según un molinero del siglo XVI**. Barcelona: Muchnik, 1982.

GUIMARÃES, Camila. A Digital. **Época**, São Paulo, n. 683, jun. 2011.

JACKIW, Elizandra. **A TV multimídia nas escolas estaduais do Paraná: os desafios pedagógicos na prática docente.** 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2011.

JACQUINOT, Geneviève. **La escuela frente a las pantallas.** 2ª ed. (tradução de Marta Marin) Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1985.

JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. **Novas Tecnologias, novas competências.** (Tradução de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa) In: Revista Educar, n.31, jan-jun/2008. Curitiba: Editora UFPR, p.267-284.

_____. **Les réponses aux questions.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fototavio@yahoo.com.br> em 30 de maio de 2009.

LE GOFF, J. **Tiempo, trabajo y cultura en el Occidente medieval.** Madri: Taurus, 1983.

LENGRAND, Paul. **Introduction à l'éducation permanente.** Paris. Unesco, 1970.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel e BOUTIN, Gérald. **Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas.** Lisboa: Instituto Piaget, 1990. Coleção Epistemológica e Sociedade, tradução do original Recherche Qualitative: Fondements et Pratiques por Maria João Reis.

LOPES, Alice R.C. **Conhecimento Escolar: ciência e cotidiano.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999, p. 33 a 101.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações : comunicacao, cultura e hegemonia.** Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Coleção Temas & Educação.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade.** Vol. 12. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/search.php>>. Acessado em: 17 de agosto de 2011.

ROCKWELL, Elsie. **De huellas, bardas y veredas: una historia cotidiana de la escuela.** In ROCKWELL, Elsie (Cord.) La escuela cotidiana. 2ª reimpr. México, Fondo de Cultura Económica, 1997.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Coleção Questões da Nossa Época; v. 42.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação / Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, v.1, n.2, p. 19-74, jan./mar., 1999.

_____. **Entenda a Educomunicação**. Revista Geografia, São Paulo, Edição 26, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49, Julho/2009. Disponível em: <<http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-2.asp>>. Acessado em: 23 de novembro de 2010.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Gestão de Processos Educacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

VALLE, Lílian do (1997). A Escola Imaginária. Rio de Janeiro: DP&A.

WILLIAMS, R. (1961) **The Long Revolution, Londres, Chatto and Windus** (reed. Hardmonds worth, Penguin books, 1963).

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS PROFESSORES.....	
APÊNDICE 2– LISTA DE PROFESSORES ENTREVISTADOS.....	
APÊNDICE 3 - RELATÓRIO DA OBSERVAÇÃO - COLÉGIO ESTADUAL..... PROFESSOR CLETO.....	
APÊNDICE 4 – RELATÓRIO DE ENTREVISTA COM ASSESSORES DA DITEC - 28 DE JULHO DE 2009.....	
APÊNDICE 5 – LOCALIZAÇÃO DE CURITIBA NO MAPA DO BRASIL.....	

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS PROFESSORES

1 – De que forma você tomou conhecimento da aquisição das TVs Multimídias pelo governo do Estado?

2 – Você ficou com alguma expectativa com a chegada da TV Multimídia na escola? Sentia falta de uma ferramenta com esse perfil?

3 – Qual foi sua sensação de conviver diariamente com uma televisão fazendo parte do *layout* da sala de aula, ao lado do quadro. Houve uma substituição ao uso do quadro?

4 – Anterior à TV Multimídia, você utilizava algum tipo de tecnologia de informação e comunicação em sala? Qual?

5 – A direção da escola incentiva o uso da tevê?

6 - Há algum profissional disponível para prestar suporte técnico aos professores, quando necessário?

7 - Houve mudanças na forma de preparar suas aulas?

8 - Em sua opinião, a aproximação de duas áreas de conhecimento, comunicação e educação, contribui para aprimorar o ensino e a aprendizagem?

9 - A prática de usar tevê em sala mudou de alguma forma a participação dos alunos na aula? Você percebe, por exemplo, que estimulou discussões, aprimorou conhecimentos, criou oportunidades de aprendizado que antes não se faziam presentes?

10 - Na relação ensino-aprendizagem, no que a tevê contribui e no que prejudica?

11 - Pesquisadores brasileiros estudam a relação sobre comunicação e educação, criando um novo conceito que aproxima essas duas áreas, chamado de educomunicação. Já ouvir falar sobre este termo?

12 - Será que muito do que você pratica, no espaço da sala de aula, já não é educomunicação?

13 - Os conteúdos disponibilizados pelo portal Dia a Dia Educação suprem suas necessidades?

14 - Você já produziu algum tipo de conteúdo para passar na TV Multimídia? De que forma seleciona, há algum critério?

15 - Que formato de conteúdo mais utiliza: fotografias, ilustrações, sons e músicas, vídeos-documentários, trechos de filmes, conteúdos da TV Paulo Freire?

16 - Já utilizou programas ou reportagens produzidas por emissoras de tevê, como suporte a algum tema específico da sua aula?

17 - Quais formatos têm resultados mais produtivos?

18 - Como os alunos receberam a TV Multimídia? Você estimula a utilização do equipamento por eles em sala de aula, percebe alguma resistência?

19 - Na sua escola, a utilização da tevê ocorre de forma democrática, tanto por parte dos professores como pelos alunos? Por exemplo, você percebe que é possível criar um ambiente livre com práticas voltadas ao uso da TV Multimídia?

20 - Depois desses três anos de implantação, você percebe que a TV Multimídia faz parte da cultura da escola? Está inserida nos projetos, ou cronogramas que a escola elabora?

APÊNDICE 2 – LISTA DE PROFESSORES ENTREVISTADOS

Professor	Setor	Idade	Disciplina	Atuação	Formação	Tempo profissão
P1	Centro	29	História e Geografia	Ensino Fundamental e Médio	Pós-Graduação	4 anos
P2	Portão	36	Ciências	Ensino Fundamental	Pós-Graduação	11 anos
P3	Santa Felicidade	26	História e Geografia	Ensino Fundamental e Médio	Pós-Graduação	6 anos
P4	Cajuru	35	Português	Ensino Fundamental	Especialização	10 anos
P5	Centro	53	Ciências	Ensino Fundamental	Superior	7 anos
P6	Boa Vista	48	Artes	Ensino Fundamental	Superior	8 anos
P7	Portão	42	História	Ensino Fundamental	Pós-Graduação	14 anos
P8	Boa Vista	26	Geografia	Ensino Fundamental e Médio	Superior	2 anos
P9	Cajuru	34	Educação Física	Ensino Fundamental e Médio	Superior	9 anos
P10	Pinheirinho	44	Português e Inglês	Ensino Fundamental e Médio	Pós-Graduação	24 anos
P11	Boa Vista	35	Português	Ensino Fundamental e Médio	Superior	10 anos
P12	Portão	38	Ciências e Biologia	Ensino Fundamental e Médio	Pós-Graduação	20 anos
P13	Bairro Novo	27	Artes	Ensino Fundamental e Médio	Superior	3 anos
P14	Pinheirinho	34	Ciências e Biologia	Ensino Fundamental e Médio	Superior	5 anos
P15	Boqueirão	22	Matemática, Ciências e Física	Ensino Fundamental e Médio	Superior cursando	3 anos
P16	Boqueirão	46	História	Ensino Fundamental e Médio	Pós-Graduação	23 anos

APÊNDICE 3 - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO – COLÉGIO
ESTADUAL PROFESSOR CLETO

Aula com a TV Multimídia - 10/11/10 - 7h30

Colégio Estadual Professor Cleto - Ensino Fundamental e Médio
Centro – Curitiba-PR

Professor(a) – 1

Idade: 29 anos

Escolaridade: Superior Completo – Pós-Graduação

Tempo que exerce a profissão: 4 anos

Atuação: Fundamental e Médio

Disciplina: História e Geografia

Roteiro de observação: aula de História

Duração 50 minutos

Total de alunos presentes: 27

1 - Observação sobre os conteúdos

Inserção da TV Multimídia durante a aula.

A professora fez uso da TV Multimídia do início ao fim da aula. O tema foi “Período Vargas”. Durante o tempo de aula, de 50 minutos, foram apresentadas cerca de 30 lâminas de slides, com uma média de três fotos e ilustrações cada uma, o que significa cerca de 90 imagens. Não houve tempo de exibir o vídeo por completo, ficando para a terceira aula, no mesmo dia.

Interatividade com outros instrumentos (livro didático ou outros recursos).

Não utilizou outros instrumentos, como livro didático, quadro, periódicos (revistas e jornais), ou mesmo livros.

Formato do conteúdo (vídeos, ilustrações/imagens, áudios).

Utilizou slides e exibiu um vídeo-documentário sobre Luis Carlos Prestes.

Tipo de conteúdo (filmes, fotos, entrevistas, documentários).

Usou várias ilustrações e fotos acompanhados de textos explicativos resumidos.

Forma de acesso ao conteúdo (internet, produzido/editado pelo professor, banco de dados da SEED).

Os conteúdos foram retirados do portal Dia a Dia Educação, seção TV Multimídia. A própria professora baixou e salvou no *pen drive*.

Interlocução entre conteúdo/TV Multimídia e disciplina (de que forma é utilizado em sala, meramente ilustrativo, discussão do conteúdo apresentado).

Intercalou comentários explicativos sobre o tema da aula com as apresentações das imagens.

Repetição do conteúdo durante aula.

Não houve repetição do conteúdo apresentado.

Possibilidade de interação com os alunos (pausas para explicações ou outras atividades em sala).

Pausas foram feitas durante perguntas dos alunos.

Uso do quadro.

Não utilizou.

2 – Sobre os aspectos técnicos

Professor domina o equipamento (cumplicidade com a tevê).

Domina totalmente a operacionalidade do equipamento, do *pen drive* e do controle remoto. Após ligar a tevê, a aula é iniciada imediatamente. Para melhor visualização, a luz é apagada, mas por ser 7h30 da manhã, a sala não fica totalmente escura.

Conteúdo editado.

Professor não produziu o conteúdo, mas fez a busca e seleção que precisava no portal Dia a Dia Educação, onde os arquivos estão editados e separados por disciplina.

Prática adotada de aula com o uso da TV Multimídia.

Interativa e ilustrativa.

Qualidade técnica dos conteúdos.

Imagens nítidas, possíveis de serem vistas e entendidas do ponto de visão dos alunos, sentados nas carteiras.

Qualidade didática dos conteúdos.

Conteúdo continha dados específicos ao tema da aula: Era Vargas. Fotos de personagens marcantes da época e dos cenários dos acontecimentos, além de objetos que marcaram essa fase da história do Brasil, como o quarto, a arma e o pijama – elementos que fizeram parte do suicídio do ex-presidente.

3 - Sobre a mobilização dos alunos

Comportamento durante a aula (conversam entre si, prestam atenção, fazem perguntas).

Maior parte do tempo em silêncio, assistindo a apresentação. Fazem perguntas sobre o conteúdo apresentado.

Possibilidades de interação com a tevê (fazem anotações durante a apresentação do conteúdo pela tevê, pedem para repetir o conteúdo).

Fazem anotações no caderno e interagem com o professor.

Apresentam trabalhos com uso da tevê.

A TV Multimídia é usada como forma de avaliação. Os alunos são orientados a apresentar trabalhos valendo nota.

APÊNDICE 4 – RELATÓRIO DE ENTREVISTA COM ASSESSORES DA DITEC - 28
DE JULHO DE 2009.

Entrevista com assistente da Ditec

Pesquisador: O que é a TV Multimídia?

Assistente da Ditec: Ela é um aparelho de televisão projetada para usar em sala de aula. A principal diferença dela (como estava falando pra vocês) é a cor laranja – pra diferenciar de uma tevê comum e para dar mais segurança em questão de roubo. Quando você liga a TV Multimídia aparece a logomarca do Estado para identificar que o aparelho pertence à Secretaria de Educação. Ela é uma tevê de 29 polegadas de tela plana. Há três anos isso não era tão comum e o tubo de imagem dela tem características diferentes por utilizar a tecnologia que protege o monitor para que você possa estar pausando imagens sem queimar a tela, como se fosse uma manta. Além disso, ela tem entrada pra *pen drive*, entrada USB, e entrada para cartão de memória para câmara fotográfica – na frente do aparelho. Ela também tem, que é um tanto quanto diferente, a questão de ter saída de vídeo e aquela entrada super vídeo atrás que permite que, em alguns casos, ligue *notebook* usando um cabo. De diferencial acho que é isso.

Pesquisador: Como foi pensada a tecnologia da TV Multimídia?

Assistente: Então, essa tecnologia ela já existe há muito tempo. Esse tipo de programa já existe em aparelhos de DVD. Antigamente eu mesmo já usava quando faltava um projetor e ia dar aula, eu salvava meus slides como imagem num CD e usava no DVD. Os DVD já vêm com esse software, há algum tempo já. Não é uma tecnologia que foi encomendada pela SEED. Essa questão também de ter uma televisão com USB e entrada de cartão de memória também não é uma coisa que não existia. Ela já existia em aparelhos mais caros, de plasma, os LCD, que são aparelhos maiores e mais caros. Nesse tipo de tevê, pelo preço que foi pago não existia. E aí a gente solicitou essa tecnologia via licitação pra ver quem conseguiria estar entregando pelo menor preço.

Pesquisador: Vocês tiveram alguma ideia pré-definida para a TV Multimídia ou conheciam algum outro projeto?

Assistente: Na realidade isso que eu vou falar não é oficial, porque não acompanhei, não estava aqui em Curitiba. Mas o que eu lembro é que a ideia era ter uma tevê e DVD em cada escola. A ideia original.

Pesquisador: A ideia inicial era essa?

Assistente: Era uma coisa até meio que de campanha, aí depois essa ideia evoluiu com o secretário de Educação (Maurício Requião no segundo mandato do governador Roberto Requião, a partir de 2007). Aí não sei como foi a história da coisa pra chegar na ideia de ter um *pen drive*.

Pesquisador: Mas aí como surgiu a ideia de uma tevê diferenciada na sala de aula, até o processo de licitação?

Assistente: Foi entrado em contato com várias empresas, eu não lembro o nome agora, não lembro o nome das empresas, alguém aqui deve saber. E aí elas (as empresas) foram respondendo o que era possível fazer ou não pra poder haver a licitação. Porque pra começar uma licitação você tem que ter os orçamentos. Primeiro você tem que definir o objeto técnico dos teus orçamentos, então, penso eu porque eu não estava nesse processo, que foi definido o objeto e passado para as empresas pra ver um orçamento e ela já sabia se podia ou não fazer. Tantos aparelhos qual empresa que não faz? (A empresa vencedora da licitação foi a CCE. O governo distribuiu 22 mil televisores e a empresa).

Pesquisador: Quanto custa hoje em dia o aparelho?

Assistente: Olha, esse aparelho pro Estado custou em torno de R\$ 860, há três anos (2007). Foi e é alvo de críticas, porque o preço era muito elevado pra a época. Porque uma tevê de 29 polegadas custava em volta de R\$ 690 se você comprar numa loja. Só que era uma tevê comum que não tinha nada disso que eu estou falando pra vocês. Hoje, o estado da Bahia está comprando o mesmo aparelho, idêntico, a única coisa que muda é que ele é azul, e está pagando por volta de R\$ 1.200 por aparelho. Três anos depois ela está pagando mais caro.

Pesquisador: Pela CCE também?

Assistente: Sim, pela CCE.

Pesquisador: E nas escolas, como foi esse processo de implantação da TV Multimídia?

Assistente: Nas escolas, primeiro a Secretaria fez uma pesquisa de como iam colocar isso nas escolas. Tiveram que desenvolver um suporte, que vai à parede. Se não engano, tem que confirmar isso, foi mandada uma verba extra dentro do fundo rotativo, para as escolas poderem fazer a fixação. Eles receberam via Núcleo (Regional de Educação).

Pesquisador: As tevês ficaram prontas há três anos? Todas já foram entregues?

Assistente: Hoje todas já foram entregues, apenas unidades novas que vão surgindo e a gente vai entregando.

Pesquisador: E no total, quantas foram confeccionadas?

Assistente: Pois é eu não tenho esse número exato, talvez até tenha no manual.

Pesquisador: Eu vi que seriam 22 mil tevês.

Assistente: É isso mesmo 22 mil tevês e 44 mil *pen drives*, deve ser isso.

Pesquisador: Isso dá mais ou menos uma média de quantas tevês por escola?

Assistente: Então, a meta era ter uma tevê em cada sala de aula. Hoje boa parte das escolas tem uma tevê por sala. Às vezes, uma ou outra sala acaba sem. Aí tem casos específicos de dificuldades. Eu estive na Ilha do Mel e lá não tem como fixar a tevê na parede porque eles construíram a escola com areia do mar e a parede é muito fraca. Aí são questões de outros tipos de móveis que tem que estar colocando.

Pesquisador: O planejamento da TV Multimídia começou logo no início do governo Requião, em 2003?

Assistente: Não. Do segundo mandato (2007). Inclusive teve certo problema na mídia, por questão do preço que eles (a mídia) achavam que era muito, porque consideravam que era um equipamento comum. E na verdade não é. E segundo, por conta da entrega que foi segurado um pouquinho no começo porque não tinham os suportes. A licitação do suporte foi separada da licitação da tevê, óbvio né? E aí eles não entregaram sem o suporte, porque a escolas não teriam onde guardar com segurança.

Pesquisador: Houve algum tipo de projeto-piloto para implantação das TVs Multimídias nas escolas?

Assistente: Que eu saiba não. A gente pode confirmar com a Cautec (Assessoria Pedagógica da Coordenação de Apoio ao Uso de Tecnologias).

Pesquisador: Há algum projeto que a Secretaria desenvolve para uso dessa tecnologia dentro da sala de aula ou o primeiro objetivo foi só colocar na sala?

Assistente: Não. Nós temos todo um projeto. Veja bem. Dentro da Secretaria de Educação a gente tem uma diretoria que é a Ditec que é a Diretoria de Tecnologias Educacionais. Essa diretoria é formada por algumas coordenações que têm relação com a tecnologia. Uma das nossas coordenações e a coordenação de apoio ao uso que é a Cautec. Essa coordenação tem como objetivo dar atendimento ao professor lá na ponta. A gente faz isso de uma forma descentralizada. Cada Núcleo Regional de Educação tem uma coordenação regional de tecnologia educacional, que é ligada à Cautec, que são as CRTE. E aí nós temos lá um professor da rede que a gente chama de assessor, que recebe formação pra trabalhar com os professores das escolas. Cada assessor atende cinco escolas (de acordo com a Cautec, cada assessor atende dez escolas).

Pesquisador: Essa preparação é para dar incentivo ao professor?

Assistente: Exatamente. Eles vão fazer assessoria na escola. Ensinar como que usa as tecnologias que a gente deixar disponível.

Pesquisador: Você sabe se a SEED sentiu certa resistência no início por parte dos professores ou dos alunos com a TV Multimídia?

Assistente: A Secretaria não. E nas escolas foi muito bem aceita a ideia. Acho principalmente por ser televisão que é uma coisa tão comum, que todo mundo tem. É claro que existem algumas pessoas que têm mais dificuldades, mas vão

procurando os assessores das CRTE para passar as informações. Mas de rejeição, muito pouco que a gente sabe de alguma coisa. Foi muito bem aceito.

Só continuando, a Diretoria tem essa coordenação que é a Cautec. Ela tem uma coordenação de Educação a distância que trabalha relacionada a isso. Ela tem a coordenação de Multimeios, que faz toda a produção de áudio, animações, imagens, reproduções de mídias, impressão de mídias, diagramação, pra Secretaria. Nós temos a coordenação do portal Dia a Dia Educação, que é de mídias impressas e *web*, tem uma equipe que fica alimentando o portal, inclusive tem uma página só da TV Multimídia. Eles selecionam material na internet, configuram para o formato que a TV aceita, e deixam disponível para *download*, entre outras atribuições que essa coordenação tem. E a gente tem a coordenação da TV Paulo Freire, que é um canal de tevê é transmitido em tevê digital, banda KU, que as escolas receberam também uma antena parabólica e um receptor para sintonizarem o canal Paulo Freire. Então o que a gente tem de tecnologia que a Secretaria está disponibilizando: a TV Multimídia, cerca de uma televisão por sala de aula...ahhhh faltou mencionar que eu lembrei agora, que um diferencial da TV Multimídia das tevês comuns é que ela tem uma garantia estendida de três anos e vem com dois controles remotos na cor da tevê, laranja.

Cada professor da rede recebeu um *pen drive* de 2 GB. Todas as escolas receberam um laboratório de informática, que é o Paraná Digital, que é também um sistema diferenciado, acho que não é o foco da pesquisa de vocês. A secretaria também recebeu dois terminais do Paraná Digital e conexão com internet e o canal da tevê.

Pesquisador: Qual o objetivo principal do projeto da TV Multimídia dentro das escolas?

Assistente: O objetivo principal é trazer a tecnologia, os recursos, que estão disponíveis nos laboratórios de informática que já estavam implantados nessa época, pra dentro da sala de aula. Então o professor pode ir acessar o laboratório com acesso à internet na Paraná Digital, selecionar os recursos que ele quer usar na aula, que lá ele tem um aparelho disponível. Ele salva os arquivos no seu *pen drive* no laboratório e traz para a sala de aula. Uma maneira que a Secretaria encontrou de deixar a tecnologia mais próxima ainda do aluno e do professor também.

Pesquisador: Tem alguma estatística do uso da tevê pelo professor?

Assistente: Foi feito um questionário no ano passado do projeto Paraná Digital como um todo, porque a TV Multimídia é só uma parte do projeto. Mas eu não tenho acesso a ele. Outra coisa que está tendo agora, o Deb, Departamento da Educação Básica da Secretaria, ele está incentivando os professores a enviar casos de sucesso no uso da TV Multimídia.

Pesquisador: Tem alguma escola que está se sobressaindo?

Assistente: Tem que ver na Cautec.

Pesquisador: Esse instrumento que você falou, é um questionário para os professores?

Assistente: Foi feito um questionário *online* e preenchia quem quisesse.

Pesquisador: Mas aí é a partir desse questionário que vocês avaliam?

Assistente: O Paraná Digital foi um projeto feito em parceria com o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), nós agora estamos chegando ao final do projeto, estamos concluindo os relatórios com os resultados, cada um analisando um certo aspecto: tecnologia, pedagógicos, alguns consultores estão fazendo toda a análise para ver o que se pode melhorar. É uma preocupação da Secretaria e do PNUD que está investindo.

2ª PARTE

Entrevista com a Assessoria Pedagógica da Coordenação de Apoio ao Uso de Tecnologias (Cautec).

Pesquisador: Qual a função da Cautec?

Assessor 1: A partir de 2005, as coordenações regionais passaram a serem chamadas de CRTE (Coordenações Regionais de Tecnologia na Educação), que trabalham com o uso das tecnologias. Então eles vêm preparando os professores para usarem essas tecnologias desde 2005 (estão falando de toda composição tecnológica que a Secretaria oferece).

Pesquisador: Como foi o processo de preparação para o uso específico da TV Multimídia?

Assessor 1: A partir da instalação, com a instalação das tevês, os assessores começaram a trabalhar com os professores. Primeiro veio o Paraná Digital, os computadores, os laboratórios, e depois a televisão. Alguns professores já começaram a trabalhar essa ambientação no Paraná Digital, nos laboratórios, depois quando veio a tevê foi outro passo.

Pesquisador: Houve uma capacitação específica para o uso da TV Multimídia?

Assessor 1: Existe, ainda existe uma capacitação específica para o uso da tevê.

Pesquisador: Como que ela se dá?

Assessor 1: Na entrega do *pen drive*, os assessores já fizeram essa capacitação geral, mas as assessorias (explicando o trabalho dos assessores regionais nessa parte), acontecem na hora-atividade do professor ou durante o curso do Proinfo (Programa Nacional de Tecnologia Educacional), quando fazemos essa ambientação com o uso da tevê. É um curso de 40 horas. Não conseguimos atingir todos os professores, porque depende da disponibilidade de horário do professor. Então é um processo contínuo, mas, de forma geral, teve uma mobilização na hora

da entrega dos *pen drives*. Os assessores ensinaram a trabalhar com a TV Multimídia e com o *pen drive*. Teve esse momento específico. Mas é um processo contínuo de muitos anos.

Pesquisador: Como foi essa receptividade dos professores?

Assessor 1: Eles estavam ansiosos, não viam a hora de trabalhar com a TV Multimídia, até porque muitos já tinham essa vivência, com as tecnologias e ficava só pra eles ali no computador. Com a TV Multimídia, eles puderam repassar para os alunos o que eles estão pesquisando, o que eles estão produzindo.

Pesquisador: Voltando um pouquinho na questão da capacitação, foi mais voltada para uso, para o manuseio?

Assessor 1: Instrumental e nas assessorias foi trabalhado o pedagógico. As assessorias são voltadas só para a parte pedagógica.

Pesquisador: Essas assessorias têm regularidade?

Assessor 1: Cada assessor é um professor. Cada Núcleo de Educação tem uma CRTE. Cada assessor atende uma média de dez escolas. E três vezes por semana ele vai fazer atendimento na escola. Então não quer dizer que ele vai três vezes por semana na mesma escola. Pelo menos uma vez por mês ele vai passar na escola que é de responsabilidade dele, pra fazer esse trabalho com o professor, em horários alternados, de manhã, de tarde, pra tentar pegar o maior número de professores, nem sempre no mesmo dia da semana. Essa é nossa metodologia de trabalho.

Pesquisador: A Secretaria já fez algum levantamento, puderam medir estatisticamente a porcentagem de professores que estão utilizando, uma vez por semana, duas vezes, uma vez por mês? Por que o professor fica livre pra usar? Ele tem liberdade pra usar na hora que ele quer, não sei se há algum estudo?

Assessor 1: Será que aquele levantamento do PNUD, o questionário que tinha no portal? Não é uma porcentagem geral, é uma amostragem só (acho que é bom a gente ver esse questionário hein!!!)

Pesquisador: Esse questionário não é específico da tevê?

Pesquisador: Não. Ele envolvia outras tecnologias. Mas nós aqui, nossa equipe que somos seis assessoras pedagógicas, nós fazemos vistas frequentes nas escolas, conversamos com os professores... Nós fizemos uma ação no mês passado em umas 180 escolas no total, e ainda está acontecendo, esta semana nós visitamos escolas em Curitiba, outras em Foz do Iguaçu. Então o retorno é muito positivo. Eles falam que... nós estamos aplicando um questionário não específico da TV Multimídia, envolve também o portal Dia a Dia, Paraná Digital, ProInfo, outras tecnologias. Então está sendo muito positivo, que nós estamos tendo de retorno. São poucos os professores que não têm domínio de trabalhar com a TV Multimídia, são pouquíssimos...

Pesquisador: De certa forma a tecnologia é fácil, tendo possibilidade de usar uma, duas vezes, é possível estar familiarizado com o equipamento?

Assessor 1: Os professores não sentem dificuldades. Eu por exemplo, na semana passada, estava com os professores das ilhas (Ilha do Mel, litoral do Paraná). Rapidamente eu expliquei, eles já estavam trabalhando. Eles dizem que a partir da televisão ampliou muito mais o horizonte de oportunidades que eles têm pra levar o conteúdo ao aluno. Tem milhões de imagens que eles podem explorar, vídeos. E no portal Dia a Dia a gente tem uma coleção de vídeos muito boa, bem didáticos, de 10-15 minutos no máximo. O professor pode começar a aula ou terminar a aula com o vídeo, é essa facilidade. Antes levava o vídeo cassete, depois o DVD, e à disposição só tinha o filme na íntegra de cerca de duas horas de duração, que começava numa aula e ia terminar uma semana depois. Quando chegava à última parte do filme o aluno já nem lembrava qual que era a primeira.

Pesquisador: Os assessores que visitam as escolas fazem um relatório das visitas que fazem?

Assessor 1: A gente sempre tem acompanhado.

Pesquisador: E dentro de Curitiba tem alguma escola que está se sobressaindo no uso da TV Multimídia, com algum tipo de projeto para a tevê?

Assessor 1: Não tem assim um projeto específico para tevê, não tem. Muitos trabalhos dos professores dos PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) têm envolvido a TV Multimídia. O professor do PDE mostra no seu trabalho/projeto escolas que estão se sobressaindo com o uso da tevê. Em relação aos alunos, eles apresentam trabalhos utilizando a TV Multimídia. Isso tem acontecido muito. Tem uma escola que eu fui hoje (27/07/09), o Colégio Euzébio da Mota, que é aqui pertinho (da sede da Ditec, no bairro Carmo, em Curitiba) que a professora de História fez um trabalho com os alunos. Eles fizeram filmes, compatíveis com a televisão, que eles vão apresentar no FERA, festival de artes do Estado. A tevê é uma ferramenta para o aluno. Na escola, o aluno tem acesso às tecnologias. Ele tem o laboratório, tem a televisão, tem a internet banda larga. Ele tem mais oportunidades do que em casa.

Pesquisador: Há algum indicador de resultados?

Assessor 1: Tem o resultado do PNUD. É que ainda estão formatando esses resultados. A gente tem ainda, agora que está terminando, a instalação de laboratórios. Tem escola que ainda não tem por questões técnicas, ainda não tem laboratório instalado, tem muitos professores que ainda não receberam o *pen drive*, tem uma rotatividade muito grande de professores no Estado. Apesar de que todos os efetivos já receberam. Os efetivos, do PSS (Processo de Seleção Simplificado) do ano passado, todos receberam. As tevês começaram a ser entregues no segundo semestre de 2007.

Pesquisador: Ao utilizar a tevê como suporte pedagógico, há algum projeto pensado para aprimorar a aproximação da Comunicação e da Educação?

Assessor 1: Nosso objetivo agora é formar todos os professores, e nesse segundo semestre (2007) vamos começar a pensar em outras linhas de ação. Mas nós temos experiência de professores que já utilizam a tevê como monitora. A escola tem internet *wireless*, e ele utiliza o *notebook* na televisão. Mas ainda nós vamos iniciar uma coisa mais avançada. São 60 mil professores. Aqui somos seis que trabalham com a parte pedagógica, mas nós temos 270 pessoas no Estado, os assessores das CRTE.

3ª PARTE

Entrevista com a Assessoria Pedagógica do Dia a Dia Educação, responsável por inserir conteúdos no portal.

Pesquisador: Como funciona esse departamento?

Assessor 2: A gente tem uma equipe disciplinar, tem um professor de cada disciplina que faz a seleção do material. Então o que a gente leva em consideração? Se estiverem de acordo com as diretrizes curriculares, se são relevantes pra sala de aula, se serão úteis lá. Na verdade, os critérios são sempre esses. Se for um material que está livre, porque a gente não disponibiliza material que tem *copyright*, que detém direitos autorais. A gente seleciona material que seja de uso livre.

Pesquisador: São materiais de todas as disciplinas?

Assessor 2: De todas as disciplinas. Cada disciplina tem uma pessoa que faz essa seleção. E todos são professores de sala de aula que saíram e estão prestando serviço aqui. E todo o material, que é produzido por eles tem que ser um material compatível com a tevê, só para o professor copiar, já convertido.

Pesquisador: Tem uma estatística de quanto o portal é acessado, se o professor está utilizando esse material, se está chegando até ele?

Assessor 2: Em relação ao material da tevê sempre tem o número de acesso, o número de *download*, fica disponível no site o quanto já foi baixado, quanto que já foi acessado. Em relação a estatísticas das páginas do portal, a gente tem um controle interno. É feito alguma avaliação sobre isso.

Pesquisador: No caso do professor precisar de algum material que não está na página, ele tem como recorrer a vocês?

Assessor 2: O professor em sala de aula tem o administrador local em cada escola, que é a pessoa que está fazendo curso junto com a CRTE, pra ver como que converte, pra trabalhar com as tecnologias de maneira geral, não só com a TV Multimídia. Então, se o professor precisa de um vídeo que ele tem que converter e ele não sabe como fazer, ele tem essa pessoa aí dentro pra ajudar ele. Tem um por escola. A gente tem um canal aberto com a gente aqui, pelo portal. Eles sempre estão mandando e-mail com dúvidas. A gente coloca o modelinho. Às vezes sempre aparece alguma que não tá lá que eles estão pedindo.

Pesquisador: O material que tem que ser de uso livre vem de onde. Ele é buscado na internet?

Assessor 2: Na própria internet.

Pesquisador: Vocês fazem uma seleção do que tem disponível, mas ainda não está convertido?

Assessor 2: Sim. Alguma coisa é produzida aqui pelo Multimeios. A grande maioria vem da própria internet. Na verdade a gente faz uma seleção usando os critérios e disponibiliza o material pronto. Se o professor foi no You Tube, ele vai achar também, mas não está convertido ainda. E na verdade a gente já assistiu, se não tem erro, se está de acordo com a proposta. O material sai com uma análise prévia.

Pesquisador: Vocês têm dados de qual disciplina utiliza mais esses materiais?

Assessor 2: Isso é mais complicado da gente dizer, porque você tem que considerar que português, matemática, tem número maior de professores, maior número de aulas. Eu por exemplo sou de Espanhol, e numa notícia a gente tem 50, 60 acessos, pra gente isso é bastante. Mas se você vai pra uma notícia de português isso é muito pouco, claro. Porque a quantidade de aulas e de professores é muito maior, até o próprio Inglês a gente já sente essa diferença. Então é muito complicado a gente dizer essa é mais, essa é menos, porque teria que fazer uma média.

Depende também do período, agora a gente tem a página do Eureka, que é uma página mais voltada para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), então, na nossa verificação, a página do Eureka teve um salto de acessos. Há alguns assuntos que, dependendo do momento, têm mais acesso. A gente entrou com páginas novas também, a gente está fazendo atualização das páginas, fazendo atualização de *layouts*. Tem gente do Brasil inteiro e até do exterior que usam as páginas, é bem interessante.

Pesquisador: Pelo conteúdo, como vocês sentiram a receptividade dos professores? Dá pra ter uma ideia se o professor está muito resistente em pegar esses conteúdos?

Assessor 2: Olha, eu fui visitar as escolas e a gente sente assim, aquele professor que ele já tem mais facilidade pra usar a internet, ele usa e usa bastante, conhece e usa um monte. Agora tem aquele professor que é mais resistente, e aí é mais difícil. Agora quem conhece as páginas usa e gosta, é bem interessante de você ver. Porque uma coisa é você estar aqui produzindo e outra é você ter contato com o professor e ver a realidade. É diferente você ver e perguntar; você usa mesmo, serve pro teu trabalho em sala de aula, você precisa de alguma outra coisa? Nas escolas que eu fui não recebi nenhuma crítica. Ninguém me disse assim, que tivesse determinada coisa porque não tem às vezes um vídeo ou outro, mas de maneira geral as páginas estão bem completas. E até a gente foi conversar com eles, porque a ideia é ter um outro olhar. Você tem uma visão, mas o professor que está em sala de aula tem uma outra realidade. A gente está aqui em Curitiba, então nossa realidade é bem diferente de quem está no interior, em escola rural. Foi com esse

objetivo que a gente pensou em visitar. Nos lugares com rádio, antena via satélite ainda, o acesso à internet fica bem complicado. Como o foco principal é a escola, têm algumas escolas que tem problemas de conexão, problemas de estrutura técnica. Em algumas regiões são mais complicadas.

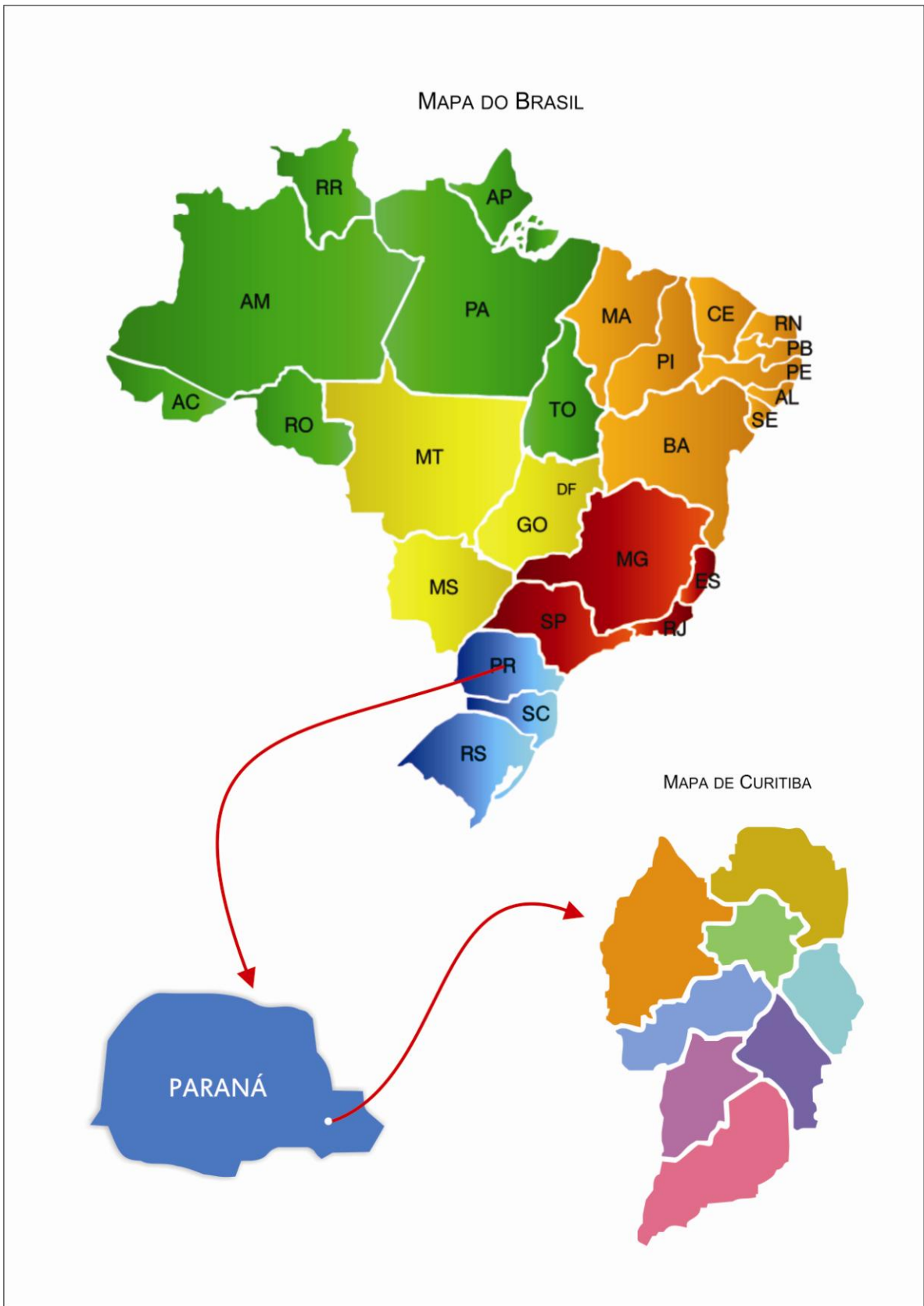
Pesquisador: De um modo geral, a maioria dos municípios tem acesso aos conteúdos?

Assessor 2: Inclusive foi feito um kit e enviado para as escolas com mais dificuldades. Foi feita uma seleção de materiais, gravados em DVD e enviados pra facilitar. Cada responsável pelas disciplinas fez uma seleção. Não adianta ter o aparelho se você não conseguir usar.

Muitas vezes, o professor tem medo de expor os seus trabalhos. Ele tem uma excelente ideia, mas tem medo de colocar em prática, de mostrar em público. Há uma resistência pedagógica. Um conceito que precisa mudar.

A TV Multimídia já está consolidada, já passou por todos os testes. Independente do governo, ela é um projeto que veio para ficar. Esperamos que com o tempo, com a descoberta de novas tecnologias, possamos atualizar os programas da tevê para que o equipamento acompanhe esse avanço tecnológico.

APÊNDICE 5 – LOCALIZAÇÃO DE CURITIBA NO MAPA DO BRASIL



MAPA 2- MAPA DO BRASIL